

RELATOS FANTÁSTICOS

VOL. IV

REVISTA BILÍNGUE/REVISTA BILINGÜE

Contos de terror, horror e ficção científica / Cuentos de terror, horror y ciencia ficción

Dez/2024



	RELATOS FANTÁSTICOS DEZ/2024 Revista Bilíngue de Terror, Horror & Ficção Científica Revista Bilingue de Terror, Horror & Ciencia Ficción	VOL. IV
REVISTA VIRTUAL		

Este volume é dedicado à querida
memória de nosso colaborador
Luiz Raimundo de Oliveira
(22/1/1948 – 3/8/2024).

Este volumen está dedicado a la
querida memoria de nuestro
colaborador Luiz Raimundo de
Oliveira
(22/1/1948 – 3/8/2024).

RELATOS FANTÁSTICOS

VOL. IV

REVISTA BILÍNGUE/REVISTA BILINGÜE

Contos de terror, horror e ficção científica / Cuentos de terror, horror y ciencia ficción

Dez/2024



Sumário

CONTOS CLÁSSICOS/CUENTOS CLÁSSICOS.....	5
O GATO PRETO.....	5
GATO NEGRO.....	10
A MULHER ALTA.....	14
LA MUJER ALTA.....	20
O MEDO DA MORTE.....	27
EL MEDO A LA MUERTE.....	29
A TROCA.....	31
EL TRUEQUE.....	33
A CRUZ DO DIABO.....	35
LA CRUZ DEL DIABLO.....	37
O AMIGO DO DEMÔNIO.....	39
AMIGO DEL DEMONIO.....	40
A LÁPIDE DA MENTIRA.....	41
LA LÁPIDA DE LA MENTIRA.....	42
NOSSOS CONTOS/NUESTROS CUENTOS.....	43
OCASO AO AMANHECER.....	43
OCASO AL AMANECER.....	44
DECISÕES.....	45
DECISIONES.....	46
PROFESSOR.....	47
PROFESOR.....	47
ENGODO.....	48
CARAMBOLA.....	50
O GATO JINAS.....	52
EL GATO JINAS.....	53
HABILIDADES DEFEITUOSAS.....	54
HABILIDADES DEFECTUOSAS.....	56
EU LEVEI A CRUZ DA SANTA COMPANHA.....	58
YO LLEVÉ LA CRUZ DE LA SANTA COMPAÑA.....	61
O DIABO E O NATAL.....	64
EL DIÁBLO Y LA NAVIDÁD.....	66
A LINHA DE MONTAGEM ÓRFICA.....	68
LA CADENA DE MONTAJE ÓRFICA.....	68
O DIA DO DIABO.....	69
EL DÍA DEL DIABLO.....	69
ALUGA-SE.....	70
SE ARRIENDA.....	72
MONSTRO E MONSTRO.....	74
MONSTRUO Y MONSTRUO.....	74
A VÊNUS DE MILO.....	75
LA VENUS DE MILO.....	76
EXPEDIENTE.....	77

CONTOS CLÁSSICOS

CUENTOS CLÁSICOS



O GATO PRETO

Edgar Allan Poe
(1809 – 1849)

Não espero nem peço que acreditem na extraordinária e, contudo, vulgar história que lhe vou narrar. Na realidade, seria um louco se tal esperasse, num caso em que os meus sentidos repelem o seu próprio testemunho. E, todavia, eu não sou um doido —e não estou sonhando, com certeza. Mas, como devo morrer amanhã, quero hoje aliviar a minha alma.

O meu fim imediato é apresentar ao mundo — claramente, sucintamente e sem comentários —uma série de simples acontecimentos domésticos.

Pelas suas consequências, esses acontecimentos terrificaram-me, torturaram-me, aniquilaram-me. Entretanto, não tentarei aclará-los. Considero-os horríveis, ainda que a muitas pessoas possam parecer menos terríveis do que estranhos.

É possível que mais tarde haja uma inteligência mais serena que reduza o meu fantasma à situação mezinha de simples lugar comum —uma inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável que a minha, que nada mais achará nos acontecimentos que um conto com terror, do que

uma sucessão ordinária de causa e efeitos naturalíssimos.

Desde a infância que era notado o meu caráter naturalmente humilde e bondoso. A sensibilidade do meu coração era até então notória, que fizera de mim o brinquedo de meus companheiros.

A minha maior tendência era uma amizade louca pelos animais, de que possuía uma grande variedade, com que a minha família me presenteara.

Passava quase todo tempo com eles e nunca me sentia tão feliz como quando lhes dava de comer ou os acariciava. Esta particularidade de meu caráter aumentou com o desenvolvimento físico, de forma que, depois de homem, o entreter-me com animais era um dos meus maiores prazeres.

Aos que sentiram uma grande afeição por um cão fiel e inteligente, não necessito explicar a natureza ou a intensidade do gosto proveniente de tal afeição. Há na amizade desinteressada do animal, no sacrifício de si próprio, o quer que seja que toca diretamente no coração do que tem frequentemente ocasião de verificar a vil amizade e fidelidade mesquinha do “homem natural”.

Casei-me, e considerei-me verdadeiramente feliz por encontrar em minha mulher uma disposição de caráter semelhante à minha.

Visto que eu gostava imenso dos animais domésticos, minha esposa não perdia nunca a menor ocasião de acrescentar o número dos que possuíamos. Tínhamos pássaros, um peixe-dourado, um lindo cão, coelhos, um saguim e um gato.

Este último era um animal notoriamente forte e belo, completamente reto, duma inteligência maravilhosa.

Sempre que falava da inteligência do gato, minha mulher, que no fundo era um pouco supersticiosa, fazia frequentes alusões à velha crença popular que considera todos os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas. Isto não quer dizer que ela acreditasse na lenda: se menciono o fato é, simplesmente, porque me ocorreu, neste momento, à memória.

Plutão —assim se chamava o gato —era o meu preferido, o meu camarada. Só eu lhe dava de comer, e seguia-me sempre por toda a casa. Era mesmo com

dificuldade que conseguia de impedi-lo de me seguir pelas ruas.

A nossa amizade durou muitos anos, durante os quais o conjunto do meu caráter e do meu temperamento —por intervenção do demônio da intemperança, com vergonha o confesso —sofreu uma alteração, radicalmente má.

Tornei-me dia a dia indiferente pelos sentimentos dos outros. Empregava uma linguagem brutal sempre que falava de minha mulher. Por fim, cheguei mesmo a agredi-la.

Os meus pobres amigos naturalmente ressentiram-se da mudança do meu caráter. Não somente eu os desprezava, mas também os maltratava.

Continuava, contudo, a ter por Plutão uma consideração que me impedia de o maltratar, enquanto que não sentia o menor escrúpulo em bater nos coelhos, no saguim e mesmo no cão, quando o acaso ou a amizade que tinham por mim faziam com que os encontrasse em frente do pé.

Como me tornasse cada vez mais intratável — que vício há que possa comparar-se ao álcool? —, o próprio Plutão, que envelhecia, e que, por isso, me incomodava com as suas carícias — o próprio Plutão — começou a conhecer os efeitos do meu péssimo caráter.

Uma noite, ao entrar em casa muito embriagado, de volta de um botequim onde habitualmente passava as noites, pareceu-me que o gato fugia de mim. Agarrei-o; mas ele, atemorizado pela minha violência, feriu-me levemente na mão com os dentes.

Repentinamente, apossou-se de mim um furor de demônio. Desconheci-me. A minha alma pareceu abandonar subitamente o corpo, e minha perversidade hiperdiabólica, saturada de gim, penetrou todas as fibras do meu ser.

Tirei da algibeira do colete um canivete e abri-o; agarrei o gato pelo pescoço e friamente fiz-lhe saltar um dos olhos da órbita.

Coro, sinto ferver-me o sangue, estremeço ao escrever esta inclassificável atrocidade!

Quando a razão me voltou com o dia, depois de terem desaparecido os vapores do meu deboche noturno, tive um sentimento, um misto de horror e remorso, pelo crime que praticara; mas era um fraco e equívoco sentimento, de que a alma não se ressentiu. Voltei de novo aos excessos alcoólicos, afogando bem depressa no vinho a lembrança do meu crime.

Entretanto, a cura do gato progredia lentamente. A órbita do olho perdido apresentava, é verdade, um aspecto repelente, mas o animal não indicava dever sofrer para o futuro.

Andava pela casa como costumava, mas logo que me ouvia os passos, fugia aterrorizado.

De meu antigo caráter restava ainda o suficiente para que me afligisse com a evidente antipatia dum animal que eu dantes tanto gostara.

Mas esse sentimento foi em depressa substituído pela irritação. E então apareceu, para complemento da minha queda fatal e revogável, o espírito da PERVERSIDADE.

Deste espírito não tem a filosofia a menor noção. Todavia, tão certo como existir a minha alma, creio que a perversidade é uma das primitivas impulsões do coração humano, uma das primeiras indivisíveis faculdades ou sentimentos que dirigem o caráter do homem.

Quem se não surpreendeu cem vezes cometendo uma ação tola ou vil, pela simples razão de saber que não devia cometê-la?

Não temos nós uma frequente inclinação, apesar da excelência de nosso senso, para viola o que se chama a Lei, simplesmente por compreendermos que é a Lei?

O espírito de perversidade — disse eu — causou a minha ruína final. Senti o desejo ardente, insondável, da alma se torturar a si própria, de violentar a própria natureza —de fazer o mal pelo amor ao mal —, que me levou a continuar e, finalmente, a consumir o suplício que infligira ao pobre animal inofensivo.

Uma manhã, com toda a presença de espírito, passei um nó corredio em volta do pescoço do gato e pendurei-o ao tronco de uma árvore. Pendurei-o com os olhos rasos de lágrima, com o mais amargo remorso no coração. Pendurei-o porque sabia que me amara, e porque sentia que o pobre animal nunca me dera razão de zanga. Pendurei-o porque sabia que, procedendo assim, cometia um pecado, um pecado mortal que comprometia a minha alma imortal, ao ponto de a colocar —se uma tal coisa fosse possível —para além da misericórdia do Deus Misericordioso e Terribilíssimo.

Na noite que se seguiu ao dia que se seguiu aquele cruel ato, fui acordado em sobressalto pelo grito de: “fogo, fogo!”. Os cortinados do meu leito eram pasto das chamas.

Toda a casa ardia.

Foi com muita dificuldade que escapamos ao sinistro, minha mulher, um criado e eu.

A perda foi completa.

Toda a minha fortuna foi destruída pelo incêndio, o que me fez cair num desespero profundo.

Não pretendo estabelecer uma ligação entre a atrocidade e o desastre: sou superior a essa fraqueza.

Narro apenas o encadeamento de fatos, de que não desprezarei um anel. No dia que se seguiu ao incêndio, visitei as ruínas da casa.

As paredes tinham caído, à exceção de uma, que era um fraco tabique interior, situado, pouco mais ou

menos, ao centro da casa, e contra o qual se arrumava a cabeceira do meu leito.

Este tabique resistira, em grande parte, à ação do fogo, fato que atribuí a ter ele sido rebocado recentemente.

Em volta do tabique apinhava-se uma multidão enorme, que parecia examinar minuciosa e atentamente uma certa parte dele.

As palavras “extraordinário!”, “singular!” e outros termos de idêntica significação excitaram a minha curiosidade.

Aproximei-me e vi, semelhante a um baixo-relevo esculpido na superfície branca da parede a figura de um gigantesco gato.

A imagem reproduzira-se com uma exatidão verdadeiramente maravilhosa. Em volta do pescoço do gato havia uma corda.

Imediatamente ao ver esta aparição —porque não poderia considerar o fato senão como uma aparição —, o meu espanto e o meu terror foram extremos. Mas, por fim, a reflexão auxiliou-me.

O gato, lembro-me perfeitamente, fora dependurado num jardim adjacente à casa. Aos gritos de alarme, o jardim devia ter sido imediatamente invadido pela turba, e o animal fora decerto dependurado por alguém, e atirado para o meu quarto pela janela aberta. E tinham procedido assim para me acordarem, sem dúvida. O desmoronamento das paredes comprimira a vítima da minha crueldade no estuque com que pouco tempo antes o tabique fora rebocado; a cal do tabique, combinado com o amoníaco do cadáver, tinha operado a imagem tal qual eu a vi.

Conquanto satisfizesse assim rapidamente a minha razão, senão também à consciência, relativamente ao fato surpreendente que acabo de contar, nem por isso esse fato deixou de fazer na minha imaginação uma impressão profunda.

Durante muitos meses não me abandonou o fantasma do gato; e durante esse período nasceu na minha alma um meio sentimento que parecia ser, mas não era, o remorso.

Cheguei a deplorar a perda do gato e a procurar nas imundas tabernas, que frequentava habitualmente, um outro animal da mesma espécie, e parecido com o que eu matara, para o substituir.

Era uma noite. Estando sentado, meio bêbado já, numa taberna imundíssima, atraiu-me subitamente a atenção um objeto preto, estendido sobre uns enormes tonéis de gim e rum, que enchiam a taberna.

Havia já uns minutos que eu olhava para o túnel e surpreendia-me por não ter ainda dado pela presença do objeto colocado sobre ele.

Aproximei-me e toquei-lhe com a mão.

Era um gato preto —um grande gato —do tamanho de Plutão, pelo menos, parecido com este, exceto num ponto. Plutão não tinha um só pelo

branco em todo corpo, enquanto o que estava sobre o tonel tinha uma mancha alarga e branca, mas de uma forma indecisa, que lhe cobria todo o peito.

Logo que lhe toquei, o gato levantou-se rapidamente, rosnou com força, esfregou-se na minha mão parecendo gostar muito das minhas carícias.

Era na realidade o animal que eu até então procurara inutilmente.

Pedi ao dono da taberna que me vendesse o gato, mas o homem declarou não lhe pertencer o animal; não o conhecia, nunca o vira até então.

Continuei a acariciá-lo e quando me preparava para voltar para casa, o gato mostrou-se disposto a acompanhar-me.

Consenti e, enquanto caminhava, baixava-me para o acariciar.

Logo que chegamos, o gato como que se achou em sua casa, tornando-se imediatamente muito amigo de minha mulher.

De minha parte, senti logo nascer uma grande antipatia pelo gato.

Sucedia justamente o contrário do que esperava; mas a verdade —não sei como nem por que se dava este fato —era que a sua evidente amizade por mim quase me incomodava e aborrecia.

Lentamente, estes sentimentos de incômodo e de aborrecimento aumentaram até ao ódio.

Evitava o animal, e uma certa sensação de vergonha e a lembrança do meu primeiro ato de crueldade impediam-me de o maltratar.

Durante algumas semanas me abstive de lhe bater ou de o tratar violentamente; mas gradualmente —insensivelmente — comecei a olhá-lo com indizível terror, e a fugir de sua odiosa presença, como dum hálito empestado.

O que aumentou sem dúvida o meu ódio pelo animal foi a descoberta que fiz, na manhã seguinte à noite em que eu o levei para casa que, como Plutão, o gato não tinha um dos olhos.

Esta circunstância, de resto, apenas fez com que minha mulher gostasse mais dele, porque, como já disse, ela possuía em alto grau essa ternura de sentimento que fora o meu traço característico e a contínua origem de meus prazeres mais simples e mais puros.

Todavia, a afeição do gato por mim parecia aumentar na razão direta da aversão que por ele sentia.

Sentia com uma obstinação que dificilmente faria compreender ao leitor.

Sempre que me sentava, saltava-me para os joelhos, acariciando-me excessivamente.

Se me levantava para andar, o gato metia-se por entre as minhas pernas, e quase me deitava ao chão, ou então, enterrando as unhas compridas afiladas no meu fato, subia-me pelo corpo até ao peito.

Nesse momento, ainda que desejasse imenso matá-lo com uma só pancada, impedia-me de o fazer em parte a recordação do meu primeiro crime, mas principalmente —devo confessá-lo —o verdadeiro terror que o animal me inspirava.

Esse terror não era positivamente o terror dum mal físico, e eu, entretanto, não saberia defini-lo doutra forma.

Quase me envergonho de confessar —mesmo nesta cela de criminoso —, sim, quase me envergonho de confessar que o terror e o horror que me inspiravam o gato eram aumentados por uma das mais completas quimeras que é possível conceber.

Minha mulher chamara mais duma vez a minha atenção para a natureza da mancha branca de que falei e constituía a única diferença visível entre este gato e o que eu matara.

O leitor lembra-se sem dúvida de eu lhe haver dito que a mancha, apesar de grande, era primitivamente indefinida na forma; mas lentamente, por graus —por graus imperceptíveis, e que a minha razão se esforçou duramente muito tempo por considerar imaginários —, tomara por fim uma rigorosa nitidez de contornos.

A mancha representava a imagem dum objeto que eu tremo de indicar, e era isso o que me fazia aborrecer e odiar o animal, e que me teria levado a me livrar dele, se a tal me atrevesse. Era, disse, uma imagem odiosa —de um sinistro objeto —, a imagem da Forca! Oh, lúgubre e terrível máquina! Máquina de Horror e de Crime. De agonia e Morte!

E dali em diante fiquei sendo tudo o que é possível imaginar-se de mais miserável na Humanidade.

Um vil quadrúpede — de que eu facilmente matara um igual — um vil quadrúpede causar em mim — em mim, homem feito à semelhança do Deus Todo Poderoso — um tão grande e tão intolerável infortúnio!

Durante o dia, o gato não me deixava um só momento; e de noite, a cada instante, quando saía dos meus sonhos de indizível angústia, era para sentir no rosto o tépido hálito do animal, e o imenso peso — encarnação dum Pesadelo que me era impossível sacudir —, oprimindo-me eternamente o coração.

Sob a pressão de semelhantes tormentos, o pouco de bondoso que restava em mim sucumbiu.

Tornaram-se frequentes os maus pensamentos: os mais sombrios e os mais terríveis de todos os pensamentos.

À habitual tristeza de meu gênio juntou-se o ódio por todas as coisas e por toda humanidade.

Entretanto, minha mulher, que nunca se queixava, era o alvo, a mais paciente vítima das frequentíssimas e indomáveis erupções de fúria que me acometiam cegamente.

Um dia, por qualquer necessidade doméstica, acompanhou-se à cava da pobre casa em que a nossa pobreza nos obrigara a viver.

O gato seguia-me pela escada, e, metendo-se por entre as minhas pernas, por formas que me ia fazendo cair, exasperou-me até a loucura.

Peguei no machado e, esquecendo-me, na raiva que de mim se apossou, do pueril temor que me contivera a mão até então, vibrei ao animal um golpe que seria mortal, se o tivesse atingido, o que não sucedeu por ter minha mulher me segurado o braço.

Esta intervenção exasperou-me diabolicamente: desembaracei o braço da mão com que ela me segurava e enterrei-lhe o machado na cabeça.

Minha mulher caiu instantaneamente morta, sem soltar um só gemido.

Cometido este terrível crime, resolvi, imediatamente e resolutamente, esconder o corpo.

Compreendi que não podia fazê-lo desaparecer de casa, tanto de dia quanto de noite, sem correr o perigo de ser observado pelos vizinhos.

Acudiram-me ao espírito muitos projetos.

Tive por um momento a ideia de cortar o corpo em bocados que destruiria pelo fogo.

Depois resolvi abrir uma cova no solo do porão.

Em seguida, pensei em deitar o corpo no poço do quintal. Depois lembrei-me de o meter num caixote como quaisquer gêneros, e chamar um homem que o levasse para fora de casa.

Por fim, recorri a um expediente que me pareceu o melhor de todos.

Resolvi emparedar o corpo no porão, como os frades da idade média emparedavam, segundo se diz, as suas vítimas.

O porão tinha uma excelente disposição para semelhante desígnio.

As paredes, mal construídas, tinham sido recentemente rebocadas, impedindo a umidade que a camada de cal endurecesse.

Além disso, uma das paredes tinha um ressalto, causado por uma chaminé, que fora edificada por forma idêntica à das paredes.

Não duvidei de que me fosse fácil arrancar os tijolos naquele sítio, introduzir ali o corpo e colocar de novo os ladrilhos cuidadosamente, de sorte que ninguém pudesse descobrir nada de suspeito.

E não me enganei no cálculo.

Com uma alavanca arranquei os tijolos com precaução e, depois de arrumar o corpo à parede interior, sentei-o nesta posição, até que, sem grande custo, pus tudo no seu primitivo estado.

Arranjando com todas as precauções inimagináveis cal e areia, fiz uma pouca argamassa com que reboquei cuidadosamente a parte da parede que desmanchara.

Quando acabei, vi com satisfação que a parede não levantaria as menores suspeitas, visto não

apresentar o mais ligeiro indício de ter sido construída de novo.

Transportei para fora de casa, com o maior cuidado, o entulho, e varri o porão.

Em seguida, comecei a procurar o animal que causara tão grande desgraça porque, por fim, eu resolvera firmemente matá-lo.

Se eu o encontrasse nesse momento, o seu destino era fatal. Mas parece que o ardiloso animal, atemorizado pela violência da minha recente cólera, evitava cuidadosamente aparecer-me enquanto me durasse a fúria.

É impossível descrever ou de imaginar a profunda, a completa sensação de sossego que a ausência do animal produziu em todo o meu ser.

Nunca mais o senti de noite, sendo, portanto, a primeira noite —depois que trouxera o gato para casa —que dormi, descansada e tranquilamente. Sim, eu dormi, apesar de ter a doer-me na consciência o assassinio que cometera!

A segunda e terceira noite passaram sem que o gato aparecesse.

Uma vez ainda respirei como homem livre. O mostro aterrorizado abandonara de todo a casa! Eu não o veria mais! A criminalidade da horrorosa ação inquietava-me pouquíssimo.

Tinham aberto uma espécie de devassa, que dera resultado. Fora mesmo ordenada uma busca, mas naturalmente nada tinham podido descobrir.

Considereei segura a minha felicidade futura.

No quarto dia depois do assassinio, entraram-me inesperadamente em casa uns policiais, que procederam a uma nova busca.

Contando, de certo, com a impenetrabilidade do esconderijo, não senti temor.

Os policiais fizeram com que eu os acompanhasse nas buscas.

Nem um só canto da casa deixou de ser explorado.

Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram ao porão.

Nem um só músculo se me contraía.

O meu coração batia regularmente, como dum homem que dorme tranquilamente.

Terminado tudo isso, olhei em volta e disse comigo mesmo:

—Aqui, ao menos, não perdi o meu trabalho.

Entrei no porão, cruzei os braços, e comecei a passar dum lado para o outro com toda naturalidade.

Os policiais estavam completamente satisfeitos e preparavam-se para sair.

Senti no coração um tão forte júbilo que me foi impossível reprimi-lo.

Tinha a necessidade absoluta de pronunciar uma palavra, pelo menos que significasse um triunfo, e

que robustecesse nos policiais a convicção que tinham da minha inocência.

—Meus senhores —disse eu por fim, quando os policiais subiam as escadas —, sinto-me feliz por lhes ter dissipado as suspeitas. Desejo-lhes a todos uma excelente saúde, e em tudo nada mais que delicadeza. Esta casa é bem edificada, não acham, meus senhores? (No desejo, que se apoderou de mim, de dizer qualquer coisa com ares impertinentes, nem sabia o que dizia.) Pode dizer-se sem medo de errar que esta casa é admiravelmente bem edificada. Estas paredes — vão-se embora, meus senhores? —estão solidamente construídas!

E ao pronunciar estas palavras, por uma frenética petulância, bati uma forte pancada com uma bengala que tinha na mão, justamente na parte da parede por detrás da qual estava o cadáver da esposa do meu coração.

Ah, que ao menos Deus me proteja e me livre do Arquidemônio.

Apenas o eco da pancada se repercutiu no silêncio da cave, uma voz respondeu por detrás da parede! Um gemido meio velado e entrecortado, como o vagido de uma criança, que imediatamente se transformou num grito prolongado, sonoro e contínuo, completamente anormal e anti-humano — um uivo —, um ganido, misto de medo e esperança, como se pode ouvir no inferno, som terrível como se saído da garganta dos condenados às torturas infernais e dos demônios exultados pelas condenações.

Dizer-lhes os pensamentos que me atravessaram o cérebro seria loucura.

Senti-me desfalecer, encostei-me à parede fronteira.

Durante um momento, os policiais conservaram-se imóveis sobre os degraus da escada, assombrados de horror.

Um instante depois, uma dúzia de braços robustos puxavam encarniçadamente pela parte da parede da chaminé que dias antes eu rebocara de novo.

A parede caiu, por fim completamente, por uma só vez.

O cadáver, já bastante putrefato, e coberto de sangue coalhado, apareceu direto aos olhos dos policiais.

Sobre a cabeça do corpo, com a cabeça aberta e um único olho chamejante, estava o hediondo animal que me fizera praticar o assassinio, e cuja voz reveladora me entregava ao carrasco!

Eu emparedara o monstruoso gato conjuntamente com o cadáver de minha mulher!

Tradução: S. de M. (Séc. XIX).

Conto publicado originalmente no *Diário do Maranhão* entre os dias 1ª e 5 de maio de 1890. Ilustração: PS/Copilot.

GATO NEGRO

Edgar Allan Pöe

No espero ni pido que nadie crea el extraño aunque simple relato que voy a escribir. Estaría completamente loco si lo esperase, pues mis sentidos rechazan su evidencia. Pero no estoy loco, y sé perfectamente que esto no es un sueño. Mañana voy a morir, y quiero de alguna forma aliviar mi alma. Mi intención inmediata consiste en poner de manifiesto simple y llanamente y sin comentarios una serie de episodios domésticos.

Las consecuencias de estos episodios me han aterrorizado, me han torturado y, por fin, me han destruido. Pero no voy a explicarlos. Si para mí han sido horribles, para otros resultarán menos espantosos que barroques. En el futuro, quizá aparezca alguien cuya inteligencia reduzca mis fantasmas a lugares comunes, una inteligencia más tranquila, más lógica y mucho menos excitable que la mía, capaz de ver en las circunstancias que voy a describir con miedo una simple sucesión de causas y efectos naturales.

Desde la infancia sobresalí por docilidad y bondad de carácter. La ternura de corazón era tan grande que llegué a convertirme en objeto de burla para mis compañeros. Me gustaban, de forma singular, los animales, y mis padres me permitían tener una variedad muy amplia. Pasaba la mayor parte de mi tiempo con ellos y nunca me sentía tan feliz como cuando les daba de comer y los acariciaba. Este rasgo de mi carácter crecía conmigo y, cuando llegué a la madurez, me proporcionó uno de los mayores placeres. Quienes han sentido alguna vez afecto por un perro fiel y sagaz no necesitan que me moleste en explicarles la naturaleza o la intensidad de la satisfacción que se recibe. Hay algo en el generoso y abnegado amor de un animal que llega directamente al corazón del que con frecuencia ha probado la falsa amistad y frágil fidelidad del hombre.

Me casé joven y tuve la alegría de que mi mujer compartiera mis preferencias. Cuando advirtió que me gustaban los animales domésticos, no perdía ocasión para proporcionarme los más agradables. Teníamos pájaros, peces de colores, un hermoso perro, conejos, un mono pequeño y un gato.

Este último era un hermoso animal, bastante grande, completamente negro y de una sagacidad asombrosa. Cuando se refería a su inteligencia, mi mujer, que en el fondo era bastante supersticiosa, aludía con frecuencia a la antigua creencia popular de que todos los gatos negros eran brujas disfrazadas. No quiero decir que lo creyera en serio, y sólo menciono el asunto porque acabo de recordarla.

Pluto —pues así se llamaba el gato— era mi favorito y mi camarada. Sólo yo le daba de comer, y él en casa me seguía por todas partes. Incluso me resultaba difícil impedirle que siguiera mis pasos por la calle.

Nuestra amistad duró varios años, en el transcurso de los cuales mi temperamento y mi carácter, por causa del demonio Intemperancia (y me pongo rojo al confesarlo), se habían alterado radicalmente. Día a día me fui volviendo más irritable, malhumorado e indiferente hacia los sentimientos ajenos. Llegué, incluso, a usar palabras duras con mi mujer, y terminé recurriendo a la violencia física. Por supuesto, mis favoritos sintieron también el cambio de mi carácter.

No sólo los descuidaba, sino que llegué a hacerles daño. Sin embargo, hacia Pluto sentía el suficiente respeto como para abstenerme de maltratarlo, cosa que hacía con los conejos, el mono y hasta el perro, cuando, por casualidad o por afecto, se cruzaban en mi camino. Pero mi enfermedad empeoraba —pues, ¿qué enfermedad se puede comparar con el alcohol?—, y al fin incluso Pluto, que ya empezaba a ser viejo y, por tanto, irritable, empezó a sufrir las consecuencias de mi mal humor.

Una noche en que volvía a casa completamente borracho, después de una de mis correrías por el centro de la ciudad, me pareció que el gato evitaba mi presencia. Lo agarré y, asustado por mi violencia, me mordió ligeramente en la mano. Al instante se apoderó de mí una furia de diablos y ya no supe lo que hacía. Fue como si la raíz de mi alma se separaba de un golpe del cuerpo; y una maldad más que diabólica, alimentada por la ginebra, estremeció cada fibra de mi ser. Saqué del bolsillo del chaleco un cortaplumas, lo abrí mientras seguía sujetando al pobre animal por el pescuezo y deliberadamente le saqué un ojo. Me pongo más rojo que un tomate, siento vergüenza, tiemblo mientras escribo tan reprochable atrocidad.

Cuando me volvió la razón con la mañana, cuando el sueño hubo disipado los vapores de la orgía nocturna, sentí que el horror se mezclaba con el remordimiento ante el crimen del que era culpable, pero sólo era un sentimiento débil y equívoco, y no llegó a tocar mi alma. Otra vez me hundí en los excesos y pronto ahogué en vino los recuerdos de lo sucedido.

El gato mientras tanto mejoraba lentamente. La cuenca del ojo perdido presentaba un horrible aspecto, pero el animal parecía que ya no sufría. Se paseaba, como de costumbre, por la casa; aunque, como se puede imaginar, huía aterrorizado al verme. Me quedaba bastante de mi antigua forma de ser para sentirme agraviado por la evidente antipatía de un animal que una vez me había querido tanto. Pero ese sentimiento pronto cedió paso a la irritación. Y

entonces se presentó, para mi derrota final e irrevocable, el espíritu de la PERVERSIDAD. La filosofía no tiene en cuenta a este espíritu. Sin embargo, estoy tan seguro de que mi alma existe como de que la perversidad es uno de los impulsos primordiales del corazón humano... una de las facultades primarias indivisibles, uno de los sentimientos que dirigen el carácter del hombre. ¿Quién no se ha sorprendido a sí mismo cien veces en los momentos en que cometía una acción estúpida o malvada por la simple razón de que no debía cometerla? ¿No hay en nosotros una tendencia permanente, que nos enfrenta con el sentido común, a transgredir lo que constituye la Ley por el simple hecho de serlo (existir)? Este espíritu de perversidad se presentó, como he dicho, en mi caída final. Y ese insondable anhelo que tenía el alma de vejarse a sí misma, de violentar su naturaleza, de hacer el mal por el mal mismo, me empujó a continuar y finalmente a consumir el suplicio que había infligido al inocente animal. Una mañana, a sangre fría, le pasé un lazo por el pescuezo y lo ahorqué en la rama de un árbol, lo ahorqué mientras las lágrimas me brotaban de los ojos y el más amargo remordimiento me retorció el corazón; lo ahorqué porque recordaba que me había querido y porque estaba seguro de que no me había dado motivos para matarlo; lo ahorqué porque sabía que, al hacerlo, cometía un pecado, un pecado mortal que pondría en peligro mi alma hasta llevarla- si esto fuera posible- más allá del alcance de la infinita misericordia del dios más misericordioso y más terrible.

La noche del día en que cometí ese acto cruel me despertaron gritos de «¡Fuego!» La ropa de mi cama era una llama, y toda la casa estaba ardiendo. Con gran dificultad pudimos escapar del incendio mi mujer, un criado y yo. Todo quedó destruido. Mis bienes terrenales se perdieron y desde ese momento no me quedó más remedio que resignarme.

No caeré en la debilidad de establecer una relación de causa y efecto entre el desastre y la acción criminal que cometí. Simplemente me limito a detallar una cadena de hechos, y no quiero dejar suelto ningún eslabón. Al día siguiente del incendio visité las ruinas. Todas las paredes, salvo una, se habían desplomado. La que quedaba en pie era un tabique divisorio, de poco espesor, situado en el centro de la casa, y contra el cual antes se apoyaba la cabecera de mi cama. El yeso del tabique había aguantado la acción del fuego, algo que atribuí a su reciente aplicación. Una apretada muchedumbre se había reunido alrededor de esta pared y varias personas parecían examinar parte de la misma atenta y minuciosamente. Las palabras «¡extraño!, ¡curioso!» y otras parecidas despertaron mi curiosidad. Al acercarme más vi que en la blanca superficie, grabada en bajorrelieve, aparecía la figura de un

gigantesco gato. El contorno tenía una nitidez verdaderamente extraordinaria. Había una cuerda alrededor del pescuezo del animal.

Al descubrir esta aparición —ya que no podía considerarla otra cosa— el asombro y el terror me dominaron.

Pero la reflexión vino en mi ayuda. Recordé que había ahorcado al gato en un jardín colindante con la casa. Cuando se produjo la alarma del incendio, la gente invadió inmediatamente el jardín: alguien debió cortar la soga y tirar al gato en mi habitación por la ventana abierta. Sin duda habían tratado así de despertarse.

Probablemente la caída de las paredes comprimió a la víctima de mi crueldad contra el yeso recién encalado, cuya cal, junto con la acción de las llamas y el amoniaco del cadáver, produjo la imagen que ahora veía.

Aunque, con estas explicaciones, quedó satisfecha mi razón, pero no mi conciencia, sobre el asombroso hecho que acabo de describir, lo ocurrido impresionó profundamente mi imaginación. Durante meses no pude librarme del fantasma del gato, y en todo ese tiempo dominó mi espíritu un sentimiento informe, que se parecía, sin serlo, al remordimiento. Llegué incluso a lamentar la pérdida del gato y a buscar, en los sucios antros que habitualmente frecuentaba, otro animal de la misma especie y de apariencia parecida, que pudiera ocupar su lugar.

Una noche, medio borracho, me encontraba en una taberna pestilente, y me llamó la atención algo negro posado en uno de los grandes toneles de ginebra, que constituían el principal mobiliario del lugar. Durante unos minutos había estado mirando fijamente ese tonel y me sorprendió no haber advertido antes la presencia de la mancha negra de encima. Me acerqué a él y lo toqué con la mano. Era un gato negro, un gato muy grande, tan grande como Pluto y exactamente igual a éste, salvo en un detalle. Pluto no tenía ni un pelo blanco en el cuerpo, mientras este gato mostraba una mancha blanca, tan grande como indefinida, que le cubría casi todo el pecho.

Al acariciarlo, se levantó en seguida, empezó a ronronear con fuerza, se restregó contra mi mano y pareció encantado de mis cuitas. Había encontrado al animal que estaba buscando. Inmediatamente propuse comprárselo al tabernero, pero me contestó que no era suyo, y que no lo había visto nunca antes ni sabía nada del gato.

Seguí acariciando al gato y, cuando iba a irme a casa, el animal se mostró dispuesto a acompañarme. Le permití que lo hiciera, parándome una y otra vez para agacharme y acariciarlo. Cuando estuvo en casa, se acostumbró en seguida y pronto se convirtió en el gran favorito de mi mujer.

Por mi parte, pronto sentí que nacía en mí una antipatía hacia el animal. Era exactamente lo contrario de lo que yo había esperado, pero —sin que pueda justificar cómo ni por qué— su evidente afecto por mí me disgustaba y me irritaba. Lentamente tales sentimientos de disgusto y molestia se transformaron en la amargura del odio. Procuraba no encontrarme con el animal; un resto de vergüenza y el recuerdo de mi acto de crueldad me frenaban de maltratarlo. Durante algunas semanas no le pegué ni fue la víctima de mi violencia; pero gradualmente, muy gradualmente, llegué a sentir una inexpresable repugnancia por él y a huir en silencio de su odiosa presencia, como si fuera un brote de peste.

Lo que probablemente contribuyó a aumentar mi odio hacia el animal fue descubrir, a la mañana siguiente de haberlo traído a casa, que aquel gato, igual que Pluto, no tenía un ojo. Sin embargo, fue precisamente esta circunstancia la que le hizo más agradable a los ojos de mi mujer, quien, como ya dije, poseía en alto grado esos sentimientos humanitarios que una vez fueron mi rasgo distintivo y la fuente de mis placeres más simples y puros.

El cariño del gato hacia mí parecía aumentar en la misma proporción que mi aversión hacia él. Seguía mis pasos con una testarudez que me resultaría difícil hacer comprender al lector. Dondequiera que me sentara venía a agazaparse bajo mi silla o saltaba a mis rodillas, cubriéndome con sus repugnantes caricias. Si me ponía a pasear, se metía entre mis pies y así, casi, me hacía caer, o clavaba sus largas y afiladas garras en mi ropa y de esa forma trepaba hasta mi pecho. En esos momentos, aunque deseaba hacerlo desaparecer de un golpe, me sentía completamente paralizado por el recuerdo de mi crimen anterior, pero sobre todo, y quiero confesarlo aquí— por un terrible temor al animal.

Aquel temor no era exactamente miedo a un mal físico, y, sin embargo, no sabría definirlo de otra manera. Me siento casi avergonzado de admitir si aun en esta celda de criminales el terror, el horror que me causaba aquel animal, era alimentado por una de las más insensatas quimeras que fuera posible concebir. Más de una vez mi mujer me había llamado la atención sobre la forma de la mancha de pelo blanco, de la cual ya he hablado, y que constituía la única diferencia entre este

extraño animal y el que yo había matado. El lector recordará que esta mancha, aunque era grande, había sido al principio muy indefinida, pero, gradualmente, de forma casi imperceptible mi razón tuvo que luchar durante largo tiempo para rechazarla como imaginaria, la mancha iba adquiriendo una rigurosa nitidez en sus contornos. Ahora ya representaba algo que me hace temblar cuando lo nombro —y por eso odiaba, temía y me habría librado del monstruo si me hubiese atrevido a

hacerlo—; representaba, digo, la imagen de una cosa atroz, siniestra... ¡la imagen del PATÍBULO! ¡Oh lúgubre y terrible máquina del horror y del crimen, de la agonía y de la muerte!

Y entonces me sentí más miserable que todas las miserias del mundo juntas. ¡Pensar que una bestia, cuyo semejante yo había destruido desdeñosamente, una bestia era capaz de producir esa angustia tan insoportable sobre mí, un hombre creado a imagen y semejanza de Dios! ¡Ay, ni de día ni de noche pude ya gozar de la bendición del descanso! De día, ese animal no me dejaba ni un instante solo; y de noche, me despertaba sobresaltado por sueños horribles sintiendo el ardiente aliento de aquella cosa en mi rostro y su enorme peso —encarnada pesadilla que no podía quitarme de encima— apoyado eternamente sobre mi corazón.

Bajo la opresión de estos tormentos, sucumbió todo lo poco que me quedaba de bueno. Sólo los malos pensamientos disfrutaban de mi intimidad; los más retorcidos, los más perversos pensamientos. La tristeza habitual de mi mal humor terminó convirtiéndose en aborrecimiento de todo lo que estaba a mi alrededor y de toda la humanidad; y mi mujer, que no se quejaba de nada, llegó a ser la más habitual y paciente víctima de las repentinas y frecuentes explosiones incontroladas de furia a las que me abandonaba.

Un día, por una tarea doméstica, me acompañó al sótano de la vieja casa donde nuestra pobreza nos obligaba a vivir. El gato me siguió escaleras abajo y casi me hizo caer de cabeza, por lo que me desesperé casi hasta volverme loco. Alzando un hacha y olvidando en mi rabia los temores infantiles que hasta entonces habían detenido mi mano, lancé un golpe que hubiera causado la muerte instantánea del animal si lo hubiera alcanzado. Pero la mano de mi mujer detuvo el golpe. Su intervención me llenó de una rabia más que demoníaca; me solté de su abrazo y le hundí el hacha en la cabeza. Cayó muerta a mis pies, sin un quejido.

Consumado el horrible asesinato, me dediqué urgentemente y a sangre fría a la tarea de ocultar el cuerpo.

Sabía que no podía sacarlo de casa, ni de día ni de noche, sin correr el riesgo de que los vecinos me vieran. Se me ocurrieron varias ideas. Por un momento pensé descuartizar el cadáver y quemarlo a trozos. Después se me ocurrió cavar una tumba en el piso del sótano. Luego consideré si no convenía arrojarlo al pozo del patio, o meterlo en una caja, como si fueran mercancías, y, con los trámites normales, y llamar a un mozo de cuerda para que lo retirase de la casa. Por fin, di con lo que me pareció el mejor recurso. Decidí emparedar el cadáver en el sótano, tal como se cuenta que los monjes de la Edad Media emparedaban a sus víctimas.

El sótano se prestaba bien para este propósito. Las paredes eran de un material poco resistente, y estaban recién encaladas con una capa de yeso que la humedad del ambiente no había dejado endurecer. Además, en una de las paredes había un saliente, una falsa chimenea, que se había rellenado de forma que se pareciera al resto del sótano. Sin ningún género de dudas se podían quitar fácilmente los ladrillos de esa parte, introducir el cadáver y tapar el agujero como antes, de forma que ninguna mirada pudiera descubrir nada sospechoso.

No me equivocaba en mis cálculos. Con una palanca saqué fácilmente los ladrillos y, después de colocar con cuidado el cuerpo contra la pared interior, lo mantuve en esa posición mientras colocaba de nuevo los ladrillos en su forma original. Después de procurarme argamasa, arena y cerda, preparé con precaución un yeso que no se distinguía del anterior, y revoqué cuidadosamente el enladrillado. Terminada la tarea, me sentí satisfecho de que todo hubiera quedado bien. La pared no mostraba la menor señal de haber sido alterada. Recogí del suelo los cascotes más pequeños. Y triunfante miré alrededor y me dije: «Aquí, por lo menos, no he trabajado en vano.»

El paso siguiente consistió en buscar a la bestia que había causado tanta desgracia; pues por fin me había decidido a matarla. Si en aquel momento el gato hubiera aparecido ante mí, habría quedado sellado su destino, pero, por lo visto, el astuto animal, alarmado por la violencia de mi primer acceso de cólera, se cuidaba de aparecer mientras no se me pasara mi mal humor. Es imposible describir, ni imaginar el profundo y feliz sentimiento de alivio que la ausencia del odiado animal trajo a mi pecho. No apareció aquella noche, y así, por primera vez desde su llegada a la casa, pude dormir profunda y tranquilamente; sí, pude dormir, incluso con el peso del asesinato en mi alma.

Pasaron el segundo y el tercer día y no volvía mi atormentador. Una vez más respiré como un hombre libre. ¡El monstruo aterrorizado había huido de casa para siempre! ¡No volvería a verlo! Grande era mi felicidad, y la culpa de mi negra acción me preocupaba poco. Se hicieron algunas investigaciones, a las que me costó mucho contestar. Incluso registraron la casa, pero naturalmente no se descubrió nada. Consideraba que me había asegurado mi felicidad futura.

Al cuarto día, después del asesinato, un grupo de policías entró en la casa intempestivamente y procedió otra vez a una rigurosa inspección. Seguro de que mi escondite era inescrutable, no sentí la menor inquietud. Los agentes me pidieron que los acompañara en su registro. No dejaron ningún rincón ni escondrijo sin revisar. Al final, por tercera o cuarta vez bajaron al sótano. No me temblaba ni un solo

músculo. Mi corazón latía tranquilamente como el de quien duerme en la inocencia. Me paseaba de un lado a otro del sótano. Había cruzado los brazos sobre el pecho e iba tranquilamente de acá para allá. Los policías quedaron totalmente satisfechos y se disponían a marcharse. El júbilo de mi corazón era demasiado fuerte para ser reprimido. Ardía en deseos de decirles, al menos, una palabra como prueba de triunfo y de asegurar doblemente su certidumbre sobre mi inocencia.

—Caballeros— dije, por fin, cuando el grupo subía la escalera-, me alegro de haber disipado sus sospechas.

Les deseo felicidad y un poco más de cortesía. Por cierto, caballeros, esta casa esta muy bien construida...

(En mi rabioso deseo de decir algo con naturalidad, no me daba cuenta de mis palabras.). Repito que es una casa excelentemente construida. Estas paredes... ¿ya se van ustedes, caballeros?... estas paredes son de gran solidez.

Y entonces, empujado por el frenesí de mis bravatas, golpeé fuertemente con el bastón que llevaba en la mano sobre la pared de ladrillo tras la cual estaba el cadáver de la esposa de mi alma.

¡Que Dios me proteja y me libre de las garras del archidemonio! Apenas había cesado el eco de mis golpes, y una voz me contestó desde dentro de la tumba. Un quejido, ahogado y entrecortado al principio, como el sollozar de un niño, que luego creció rápidamente hasta convertirse en un largo, agudo y continuo grito, completamente anormal e inhumano, un aullido, un alarido quejumbroso, mezcla de horror y de triunfo, como sólo puede surgir en el infierno de la garganta de los condenados en su agonía y de los demonios gozosos en la condenación.

Hablar de lo que pensé en ese momento es una locura. Presa de vértigo, fui tambaleándome hasta la pared de enfrente. Por un instante el grupo de hombres de la escalera se quedó paralizado por el espantoso terror. Luego, una docena de robustos brazos atacó la pared, que cayó de un golpe. El cadáver, ya corrompido y cubierto de sangre coagulada, apareció de pie ante los ojos de los espectadores. Sobre su cabeza, con la roja boca abierta y el único ojo de fuego, estaba agazapada la horrible bestia cuya astucia me había llevado al asesinato y cuya voz delatora me entregaba ahora al verdugo. ¡Había emparedado al monstruo en la tumba!

Traducción de autor desconocido.

Texto de dominio público.

Fuente: Domínio Público (www.dominiopublico.gov.br)

A MULHER ALTA

Pedro Antonio de Alarcón
(1833-1891)

I

— Quão pouco sabemos nós, amigos; como sabemos realmente pouco!

Quem falava era Gabriel, um distinto engenheiro civil do corpo de montanha. Estava sentado sob um pinheiro, perto de uma fonte, no cimo do Guadarrama. Distava apenas légua e meia do palácio do Escorial, na linha fronteira das províncias de Madri e Segóvia. Conheço o lugar, a fonte, o pinheiro, e tudo, mas esqueci-lhes o nome.

— Sentemo-nos — prosseguiu Gabriel —, já que esta é a melhor coisa que temos a fazer e já que nosso programa exige um descanso aqui... aqui neste local agradável e clássico, famoso pelas propriedades digestivas desta fonte e pelos inúmeros cordeiros, aqui devorados pelos nossos notáveis professores Dom Miguel Bosch, Dom Máximo Laguna, Dom Augustín Pascual e outros ilustres naturalistas. Sentem-se, pois quero contar-lhes uma estranha e maravilhosa história em prova da minha tese, que pretende demonstrar, embora vocês me chamem de obscurantista, que acontecimentos sobrenaturais ainda ocorrem neste globo terráqueo. Falo de acontecimentos que vocês não podem avaliar em termos de razão, ou ciência, ou filosofia... essas “palavras, palavras, palavras” da frase de Hamlet, como são compreendidas (ou o não são) hoje.

Gabriel dirigia suas animadas observações a cinco pessoas de idades diferentes. Nenhuma delas era jovem, embora apenas um estivesse adiantado em anos. Três deles eram engenheiros como Gabriel, o quarto um pintor e o quinto um *literateur* em pequeno estilo. Em companhia do narrador, que era o mais moço, tínhamos todos cavalcado mulas alugadas no Real Sitio de San Lorenzo, a fim de passar o dia estudando botânica entre as belas alamedas de pinheiros de Pequerinos, caçando borboletas com redes, apanhando escaravelhos raros na casca de pinheiros apodrecidos e comendo o lanche frio de um cesto que tínhamos comprado de parceria.

Era em 1875, no clímax do verão. Não me lembro se era dia de São Jaime ou São Luís; inclino-me a crer que fosse de São Luís. Fosse de quem fosse, gozávamos de um delicioso frescor nas alturas, e o coração e o cérebro, bem como o estômago, achavam-se em muito melhor disposição do que usualmente.

Quando os seus amigos estavam sentados, Gabriel continuou da seguinte maneira:

— Não creio que vocês me acusem de ser um visionário. Feliz ou infelizmente, sou, se me permitem dizê-lo, um homem do mundo moderno. Não tenho superstições e sou tão positivista quanto o melhor deles, mas incluo entre os fatos positivos da natureza todas as misteriosas faculdades e sentimentos da alma.

Bem, então, a propósito dos fenômenos sobrenaturais ou extranaturais, ouçam o que vi e ouvi, embora não seja o verdadeiro herói desta muita estranha história que vou contar, e digam-me, depois, que espécie de explicação terrena, física ou natural, seja qual for o nome que lhe queiram pôr, vocês podem dar para uma ocorrência tão maravilhosa.

“O caso foi assim. Mas esperem! Deem-me antes um trago, pois o cantil já deve ter gelado nessa fonte cristalina e murmurante, localizada pela Providência neste alto pinheiral para o fim expresso de gelar o vinho de um botânico.

II

“Bem, senhores, não sei se já ouviram falar de um engenheiro do corpo de estradas chamado Telésforo X...; morreu em 1860.

— Não; eu não.

— Mas eu ouvi.

— Também eu. Era um camarada moço da Andaluzia, de bigode negro; estava para casar-se com a filha do Marquês de Moreda, mas morreu de icterícia.

— Esse mesmo — disse Gabriel. — Bem, então, meu amigo Telésforo, seis meses antes de sua morte, era ainda um jovem de futuro promissor, como se costuma dizer agora. Simpático, esbelto, enérgico e tinha a glória de ser o primeiro da sua classe a ser promovido. Já havia sobressaído em sua profissão por alguns excelentes trabalhos que fizera. Diversas companhias disputavam seus serviços e era também disputado por diversas moças casadouras. Mas Telésforo, como você disse, era fiel à pobre Joaquina Moreda.

“Como sabem, aconteceu que ela morreu, subitamente, nos banhos de Santa Agueda, no fim do verão de 1859. Eu estava em Pau quando recebi as tristes notícias de sua morte, que muito me afetaram, em virtude de minha estreita amizade com Telésforo. Com ela tinha falado apenas uma vez, em casa de sua tia, a mulher do general Lopez, e certamente considerei a palidez azulada de sua pele como um sintoma de má saúde. Mas, seja como for, tinha ela maneiras distintas e muita graça, e era, ademais, a única filha de um título, e de um título que carregava com ele alguns confortáveis milhares; por isso, tive certeza de que o meu bom matemático estaria inconsolável. Consequentemente, logo que voltei a Madri, quinze ou vinte dias depois de sua perda, fui vê-lo numa manhã bem cedo. Ele vivia em elegantes aposentos de solteiro da Rua Iobo... não me lembro que número, mas era perto da Carrera de San Jerónimo.

“O jovem engenheiro estava muito melancólico, embora calmo e senhor de seus sentimentos. Já estava trabalhando, mesmo àquela hora, examinando, com seus assistentes, os planos de uma ferrovia ou outros quaisquer.

“Recebeu-me com um longo e apertado abraço, sem outra coisa mais que um suspiro. Depois, deu algumas instruções aos seus assistentes sobre o trabalho e, em seguida, conduziu-me ao seu gabinete particular, na extremidade da casa. Enquanto caminhávamos, disse me ele, num tom de voz lamentoso e sem olhar-me:

— Estou muito contente por ter vindo. Muitas vezes desejei que você estivesse aqui. Aconteceu-me uma coisa muito estranha. Só mesmo um amigo como você pode ouvir-me sem considerar-me um tolo ou um louco. Quero uma opinião a respeito disso, tão serena e fria como a própria ciência.

— Sente-se — continuou ele quando chegamos ao gabinete — e não pense que vou aborrecê-lo com uma descrição da dor que estou experimentando... uma dor que durará enquanto eu estiver vivo. Por que o faria? Você pode facilmente imaginá-la, mesmo que conheça muito pouco de tais sentimentos. E quanto a ser consolado, não desejo sê-lo, nem agora, nem mais tarde, nem nunca! O que pretendo contar-lhe é um fato horrível e misterioso, que foi o presságio infernal da minha desgraça e que me angustiou de uma maneira terrificante.

— Continue — repliquei, sentando-me. O fato é que eu estava quase arrependido de haver entrado na casa quando vi a expressão de um medo abjeto na face do meu amigo.

— Ouça, então — disse ele, enxugando o suor testa.

III

— Não sei se é devido a alguma fatalidade inata da imaginação, ou por haver ouvido alguma história dessa espécie, com que as crianças permitem tão precipitadamente que a amedrontem, mas o fato é que, desde os meus primeiros anos, nada me causa tanto horror e susto como uma mulher sozinha na rua, a uma hora tardia da noite. O efeito é o mesmo, quer eu realmente a encontre ou apenas a imagine. Você pode testemunhar que eu nunca fui um covarde. Travei um duelo, certa vez, quando tive que fazê-lo, como qualquer homem. Logo depois que saí da Escola de Engenharia, meus trabalhadores em Despeñaderos se revoltaram e lutei contra eles, com pau e revólver, até obrigá-los à submissão. Durante toda minha vida, em Jaen, em Madri e noutros lugares, andei pelas ruas a qualquer hora, sozinho e desarmado, e se me acontecia topar com pessoas suspeitas, ladrões ou simples mendigos impertinentes, eles tinham que sair de meu caminho ou correr. Mas quando acontecia que a pessoa fosse uma mulher solitária, parada ou caminhando, e eu também estivesse sozinho, sem ter ninguém à vista em qualquer direção... então (ria se quiser, mas acredite-me) toda a minha carne estremecia; vagos temores me assaltavam; eu pensava em seres do outro mundo, em existências imaginárias, em todas as histórias supersticiosas que me teriam feito rir noutras

circunstâncias. Apressaria meus passos ou faria meia-volta e não me libertaria do medo enquanto não estivesse a salvo na minha própria casa.

“Quando me visse em casa, começaria a rir e ficaria envergonhado de meus temores loucos. Meu único conforto era que ninguém sabia de nada. Então eu asseguraria desapaixonadamente a mim mesmo que não acreditava em duendes, feiticeiras ou fantasmas, e que não tinha nenhuma razão em amedrontar-me com aquela desgraçada mulher, tirada de sua casa a uma tal hora pela pobreza, ou por algum crime, ou por acidente, e a quem eu deveria ter oferecido ajuda, se ela a necessitasse, ou lhe dado esmola. Não obstante, a lamentável cena se repetiria sempre que fatos similares ocorressem... e lembre-se de que eu tinha vinte e quatro anos de idade, tinha tomado parte em muitas aventuras noturnas, ainda que eu nunca tinha tido nenhum conflito com essas mulheres solitárias depois da meia-noite! Mas nada do que lhe contei teve jamais qualquer importância, pois o medo irracional me abandonava logo que eu me encontrasse em casa ou visse alguma outra pessoa na rua, e eu dificilmente poderia evocá-lo minutos depois mais nitidamente do que alguém evoca um engano estúpido sem consequências.

“As coisas continuavam assim, quando, há cerca de três anos (tenho, infelizmente, boas razões para lembrar-me da data — foi na noite de 15 para 16 de novembro de 1857), eu voltava para casa às três da madrugada. Como você deve recordar-se, eu morava, então, naquela pequena casa da Rua Jardines, perto da Rua Montera. Tinha justamente saído, àquela hora tardia em que soprava um vento áspero e frio, de uma espécie de casa de jogo... digo-lhe isso, embora saiba que o estou surpreendendo. Você sabe que não sou um jogador. Entrei na casa, enganado por um suposto amigo. Mas o fato é que, à medida que as pessoas começaram a entrar, cerca da meia-noite, vindas de recepções ou de teatros, o jogo começou a animar-se e o ouro começou a luzir em quantidade. Depois apareceram títulos de banco e promissórias. Pouco a pouco, fui fascinado pela paixão sedutora e febricitante e perdi todo o dinheiro que tinha. Saí mesmo devendo uma grande soma, pelo que deixei uma promissória atrás de mim. Em resumo, tinha me arruinado completamente; e se não fosse a herança que recebi logo depois e os bons empregos que tive, minha situação seria extremamente crítica e lamentável.

Ia, pois, para casa, como disse, a uma hora tão tardia da noite, entorpecido pelo frio, faminto, envergonhado, aborrecido como você pode imaginar, pensando no meu pai doente mais do que em mim mesmo. Via-me obrigado a escrever-lhe pedindo dinheiro, e isto deveria espantá-lo e entristecê-lo, pois considerava-me numa situação muito boa. Pouco antes de alcançar a minha rua, onde ela cruza com a Rua Peligros, ao passar diante de um prédio recém-construído, percebi alguma coisa na sua porta. Era uma mulher alta, grande, que estava tesa e imóvel,

como se fosse de madeira. Parecia ter uns sessenta anos de idade. Sus olhos atrevidos e malignos, desprovidos de pestanas, estavam fixos nos meus como dois punhais. Sua boca desdentada dirigiu-me um esgar horrível, que pretendia ser um sorriso.

“O próprio terror ou delírio de medo, que instantaneamente me dominou, tornou a minha percepção mais aguda, de maneira que pude distinguir, num só relance, dos segundos que levei para passar em frente da repugnante visão, os menores detalhes do seu rosto e dos seus trajes. Deixe-me ver se posso reproduzir as impressões que tive, pela maneira e forma por que as recebi, como estão indelevelmente gravadas em meu cérebro, à luz daquela lâmpada de rua, que brilhava lugubrememente sobre a fantástica cena. Mas estou me excitando demasiado, embora haja muitas razões para isto, como você verá depois. Não se preocupe, porém, com o estado da minha mente. Não estou louco ainda!

“A primeira coisa que me impressionou naquela *mulher*, como prefiro chamá-la, foi a sua extraordinária altura e a largura de seus ombros ossudos. Depois, a redondeza e fixidez dos seus frios olhos de coruja, o tamanho enorme do seu nariz saliente, e a grande caverna escura de sua boca. Finalmente, seu vestido, como o de uma jovem mulher de Avapiés... o pequeno lenço de algodão que trazia na cabeça, amarrado sob o queixo, e um leque minúsculo que segurava aberto na mão e com o qual, com afetada modéstia, cobria a metade do seu peito.

“Nada podia ser, ao mesmo tempo, mais ridículo mais medonho, mais risível e mais zombeteiro do que o pequeno leque naquelas mãos enormes. Parecia como um cetro de brinquedo nas mãos de uma tal velha, horrível e ossuda gigante! O mesmo efeito produzia o pequeno lenço de percal que adornava sua face ao lado daquele nariz adunco e masculino; por um momento, fui levado a crer (ou gostaria de ter crido) que era um homem disfarçado.

“Mas seu olhar cínico e o seu grosseiro sorriso eram os de uma bruxa, de uma feiticeira, de uma maga, de uma... não sei o quê! Havia nela qualquer coisa que justificava inteiramente a aversão e o medo que eu experimentara durante toda a minha vida pelas mulheres que caminham pelas ruas, sozinhas, à noite. Dir-se-ia que eu tinha, desde a infância, o pressentimento desse encontro. Dir-se-ia que eu estava aterrorizado instintivamente, como todo o ser vivente receia e adivinha, e suspeita e reconhece seu inimigo natural antes mesmo de ser atacado por ele, antes mesmo de tê-lo visto, e somente por ouvir seus passos.

“Não fugi correndo quando vi a esfinge de minha vida. Contive o impulso de fazê-lo, menos por vergonha, ou principalmente por orgulho, do que pelo receio de que o meu próprio medo lhe revelasse quem eu era ou lhe desse asas para seguir-me, para apanhar-me... nem eu sei. Pânicos assim imaginam coisas que não têm forma nem nome.

“Minha casa ficava no extremo oposto da rua comprida e estreita, na qual eu estava só, completamente só com aquele misterioso fantasma que eu jugava capaz de aniquilar-me com uma única palavra. Como poderia eu alcançar a minha casa? Oh, quão ansiosamente olhei para a longínqua Rua Montera, larga e bem iluminada, onde se podia encontrar policiais a qualquer hora! Decidi, finalmente, extrair o máximo de minha fraqueza; dissimular e esconder aquele miserável medo: não apressar o passo, mas avançar lentamente, mesmo à custa de anos de saúde ou de vida, e desse modo, pouco a pouco, aproximar-me da minha casa, fazendo o possível para não cair desmaiado no chão antes de atingi-la.

“Estava eu caminhando assim... devia ter dado cerca de vinte passos depois que deixara atrás de mim a porta na qual a mulher do leque estava escondida, quando, de repente, uma ideia terrível me assaltou... horrível, contudo, muito natural — a ideia de olhar para trás e ver se o meu inimigo estava me seguindo. Pensei numa coisa e noutra com a rapidez de um relâmpago: ou o meu medo tinha algum fundamento ou era apenas loucura; se tivesse algum fundamento, aquela mulher estaria caminhando atrás, de mim, pronta para apanhar-me, e, então, não haveria mais esperança para mim neste mundo. Mas se fosse loucura, uma simples suposição, um temor pânico como outro qualquer, eu ficaria plenamente convencido na atual situação e em todos os casos futuros, se visse que a pobre mulher se tinha refugiado no umbral da porta para proteger-se contra o frio, ou para esperar até que lhe abrissem; e, assim sendo, eu poderia seguir para minha casa perfeitamente tranquilo, e me curaria definitivamente de uma fantasia que tão grandes mortificações me causava.

“Raciocinando dessa maneira, fiz um esforço extraordinário e voltei a cabeça. Ah, Gabriel!... Gabriel! como foi pavoroso! A mulher alta tinha me seguido silenciosamente, estava muito perto de mim, quase tocando-me com seu leque, quase encostando sua cabeça no meu ombro.

“Por que fazia isso?... Por que, meu Gabriel? Era uma ladra? Era realmente um homem disfarçado? Era alguma velha feiticeira maliciosa, que percebera que eu sentira medo dela? Era um espectro evocado pela minha própria covardia? Era um fantasma zombeteiro da autodecepção humana?

“Nunca lhe poderei contar tudo quanto pensei rum único momento. Se a verdade deve ser dita, então digo-lhe que dei um grito e corri como uma criança de quatro anos que pensa ter visto o Homem Sombrio. Não parei de correr até chegar à Rua Montera. Lá chegando, o medo abandonou-me como por arte mágica. Isto apesar daquela rua também estar deserta. Então voltei a cabeça para a Rua Jardines. Podia vê-la em toda a sua extensão. Estava suficientemente iluminada para que eu pudesse ver a mulher alta se ela tivesse seguido para qualquer direção e — pelos céus! — não pude vê-la, nem parada, nem andando, nem de

qualquer modo. Não obstante, tive a cautela de não voltar àquela rua. A bruxa, pensei comigo, escondeu-se em algum outro umbral. Mas ela não pode mover-se sem que eu veja.

“Justamente, então, percebi um policial, vindo da Rua Cabellero de Gracia, e chamei-o sem sair do meu lugar. Disse-lhe que havia um homem vestido de mulher na Rua Jardines. Pedi-lhe que fosse pela Rua Peligros, e Aduana, enquanto eu permanecia onde estava, a fim de que o sujeito, que devia ser provavelmente um ladrão ou um assassino, não pudesse escapar-nos. O policial seguiu minhas instruções. Entrou pela Rua Aduana e logo que vi sua lanterna aparecer na Rua Jardines, encaminhei-me resolutamente para ela.

“Encontramo-nos no meio do quarteirão, sem que nenhum de nós tivesse visto viva alma, embora examinássemos porta por porta.

— Entrou em alguma casa — disse o policial.

— Deve ter entrado — repliquei, abrindo minha própria porta, com o firme propósito de mudar-me para outra rua no dia seguinte.

“Momentos depois, estava em meus aposentos: sempre tive o cuidado de trazer minha chave, a fim de não perturbar o meu bom José. Não obstante, ele esperava por mim, naquela noite. Meus infortúnios de 15 para 16 de novembro ainda não tinham terminado.

— O major Falcón esteve aqui — retrucou ele, em evidente agitação —, esperando pelo senhor das sete até as duas e meia, e disse-me que, se o senhor dormir em casa, seria melhor não tirar a roupa, pois ele virá vê-lo assim que amanhecer.

“Essas palavras fizeram-me tremer de pesar e de alarma, como se predissessem minha própria morte. Eu sabia que meu amado pai, em sua casa em Jaén, sofria frequentes e perigosos ataques de suas dores crônica. Escrevera nos meus irmãos que, se ocorresse um súbito e fatal desfecho da doença, telegrafassem ao major Falcón, o qual logo me informaria. Não tinha, pois, a menor dúvida de que meu pai havia morrido.

“Sentei-me numa poltrona para esperar a manhã e o meu amigo e, com eles, as notícias de minha grande desgraça. Só Deus sabe o que sofri naquelas duas cruéis horas de espera. Durante todo o tempo, três ideias distintas estavam indissolivelmente ligadas no meu cérebro; embora parecessem diferentes, tudo faziam para conservar-se juntas num grupo terrível. Eram elas: minhas perdas no jogo, meu encontro com a mulher alta e a morte do meu estimado pai.

“Precisamente às seis, o major Falcón entrou no meu quarto e olhou-me em silêncio. Atirei-me em seus braços, soluçando amargamente, enquanto ele exclamava, afagando-me:

— Sim, meu caro amigo, soluce, soluce.

*

Meu amigo Telésforo — continuou Gabriel, depois de haver tragado outro copo de vinho — também fez

uma pausa nesta altura da narração e, em seguida, prosseguiu da seguinte maneira:

— Se minha história terminasse aqui, talvez você nada visse nela de extraordinário ou de sobrenatural. Você me diria a mesma coisa que homens de bom senso me disseram naquela ocasião: que todas as pessoas dotadas de imaginação viva estão sujeiras a algum impulso de medo ou outro qualquer; que o meu provinha de mulheres retardatárias e solitárias, e que a velha criatura da Rua Jardines era apenas alguma miserável sem teto, que pretendia pedir-me uma esmola quando eu gritei e corri.

“De minha parte, procurei acreditar que fosse assim. Cheguei mesmo a acreditá-lo, ao cabo de muitos meses. Contudo, eu estava, então, disposto a dar alguns anos de minha vida para certificar-me de que não tornaria a encontrar a mulher alta. Mas, hoje, eu daria todas as gotas do meu sangue para tornar a encontrá-la.

— Para quê?

— Para matá-la.

— Não compreendo.

— Compreenderá quando lhe disser que a encontrei novamente, há três semanas, algumas horas antes de receber as notícias fatais da morte de minha pobre Joaquina.

— Conte-me isso, conte-me Isso!

— Há muito pouco que dizer. Eram cinco horas da manhã. Ainda não estava completamente claro, embora a aurora fosse visível através das ruas que se dirigiam para o leste. As lâmpadas dos postes tinham-se apagado e os policiais desaparecido. Enquanto eu seguia pela Rua Prado, para alcançar o outro extremo da Rua Lobo, a horrível mulher passou pela minha frente. Não me olhou e pensei que não me tivesse visto.

“Trazia o mesmo vestido e segurava o mesmo leque, como três anos antes. Meu estremecimento e susto foram maiores do que nunca. Corri depressa ao longo da Rua Prado, logo que ela passou, embora não desviasse os olhos da sua figura, como para assegurar-me de que ela não olharia para trás, e quando atingi a outra extremidade da Rua Lobo, arquejava como se tivesse atravessado a nado a corrente impetuosa de um rio. Apressei o passo, então, com renovada energia, para casa, cheio, agora, de alegria em vez de medo, porque pensei que a odiosa bruxa tinha sido conquistada e despojada de seu poder pelo próprio fato de haver eu passado tão perto dela sem que me tivesse visto.

“Cedo, porém, e quando eu quase havia alcançado esta casa, uma onda de pavor invadiu-me, ao pensamento de que a esperta feiticeira tinha-me visto e reconhecido, simulando o contrário a fim de deixar que eu entrasse na Rua Lobo, onde ainda estava escuro e onde poderia atirar-se sobre mim com segurança. Sentia que ela estava me seguindo, que já estava junto de mim.

“Passei do medo à mais furiosa cólera, a urna cólera desesperada e selvagem. Atirei-me contra a velha criatura. Encostei-a na parede, pus a mão na sua garganta. Senti seu rosto, seu hálito, as mechas errantes do seu cabelo grisalho, até que me convenci inteiramente de que ela era um ser humano... uma mulher.”

“Entrementes, ela emitira um gemido roufenho e penetrante ao mesmo tempo. Pareceu-me falso e fingido, bem como a hipócrita expressão de medo que ela não devia realmente sentir. Logo em seguida, ela exclamou, como se estivesse prestes a chorar, mas olhando-me com seus olhos de hiena:

— Por que está brigando comigo?

Esta observação aumentou meu medo e atenuou minha raiva.

— Lembre-se — gritei-lhe —, que você já se encontrou comigo, noutro lugar.

— Creio que sim, querido — retrucou ela, zombeteiramente. — Na noite de Santo Eugênio, na Rua Jardines, há três anos. Minha própria medula estava gelada.

— Mas quem é você? — perguntei sem largá-la. — Por que me segue? O que pretende de mim?

— Sou uma pobre e fraca mulher — tornou ela com um olhar diabólico. — Você me odeia e tem medo de mim sem razão alguma. Se não tem, diga-me, meu bom senhor, por que se mostrou tão amedrontado quando me viu pela primeira vez?

— Porque eu a detesto desde que nasci. Porque você é o espírito mau de minha vida. Parece, então, que você me conhece há muito tempo.

— Bem, ouça meu filho, eu também o conheço há muito tempo.

— Conhece-me? Desde quando?

— Mesmo antes de você nascer! E quando o vi passar por mim, três anos atrás, disse comigo mesma: é ele.

— Mas que sou eu para você? Que é você para mim?

— O diabo! — replicou a bruxa, cuspiendo na minha face, livrando-se de meus braços e correndo com espantosa agilidade. Erguia a saia acima dos joelhos e seus pés não faziam o menor ruído ao tocarem no chão.

“Seria loucura tentar alcançá-la. Ademais, já começavam a passar pessoas pela Carrera de San Jerónimo e, também, na Rua Prado. Já era dia. A mulher alta continuou a correr ou a voar até a Rua Huertas, a qual estava agora iluminada pelo Sol. Lá ela parou e voltou-se para olhar-me. Acenou-me com o leque uma ou duas vezes, ameaçadoramente e desapareceu pareceu no ângulo de uma esquina.

“Espere um pouco, Gabriel. Não pronuncie ainda sua sentença, neste caso em que minha vida e minha alma estão em jogo. Ouça-me dois minutos mais.

“Quando entrei em casa, encontrei o coronel Falcón, que tinha justamente chegado para dizer-me que minha Joaquina, minha noiva, toda minha esperança, felicidade e alegria na terra, tinha falecido

no dia anterior em Santa Agueda. O infeliz pai telegrafara a Falcón para comunicar-me a notícia... a mim que, uma hora ante, devia tê-lo adivinhado ao encontrar o espírito mau de minha vida! Não compreende, agora, que devo matar esse inimigo nato da minha felicidade, essa bruxa velha e vil que é a zombaria viva do meu destino?

“Mas por que digo matar? É ela uma mulher! É um ser humano? Por que tive um pressentimento do sua existência desde que nasci? Por que me reconheceu ela quando me viu pela primeira vez? Por que a vejo somente quando uma grande calamidade cai sobre mim? É ela o Demônio? É a Morte? E' a Vida? É o Anticristo? Quem é ela? Que é ela?”

V

— Vou poupar-lhes, queridos amigos — continuou Gabriel —, os argumentos e observações que empreguei para tentar acalmar Telésforo, pois são os mesmos, precisamente os mesmos, que vocês estão se preparando para empregar a fim de provar que nada há de sobrenatural ou sobre-humano na minha história. Vocês irão ainda mais longe; dirão que meu amigo estava semilouco; que ele sempre o fora; que, ao menos, ele sofria daquela doença moral que alguns chamam “terror pânico”, e outros “insanidade emocional”; que, mesmo assegurando a verdade do que contei sobre a mulher alta, tudo deve ser atribuído a coincidência de datas e de fatos; e, finalmente, que a pobre velha criatura também devia ser louca, ou uma ladra, ou uma mendiga, ou uma alcoviteira... como o herói de minha história disse a si mesmo num intervalo lúcido.

— Uma suposição muito adequada — exclamaram os camaradas de Gabriel. — Justamente o que íamos dizer.

— Bem, ouçam alguns minutos mais e verão que eu estava enganado naquela época e que vocês estão enganados agora. O único que não se enganou, infelizmente, foi Telésforo. É muito mais fácil dizer a palavra “insanidade” do que encontrar explicação para certas coisas que acontecem na terra.

— Fale, fale!

— Vou falar; e desta vez, como é a última, não tomarei o fio da narração sem beber antes um copo de vinho.

VI

“Alguns dias depois daquela conversa com Telésforo, fui enviado à província de Albaceta na qualidade de engenheiro do corpo de montanha. Não muitas semanas se passaram antes que eu soubesse, por um contratador de trabalhos públicos, que o meu 'infeliz' antigo tinha sido atacado por uma terrível espécie de icterícia; tornara-se inteiramente verde e vivia reclinado numa poltrona, sem trabalhar e sem desejar ver nenhuma pessoa, soluçando noite e dia no mais inconsolável e amargo desespero. Os médicos tinham-no desenganado.

“Isto me fez compreender o motivo por que ele não respondeu às minhas cartas. Tive que escrever ao coronel Falcón para obter notícias e, nesse ínterim, todas as informações que me chegavam eram cada vez mais desfavoráveis e soturnas.

“Após uma ausência de cinco meses, voltei a Madri, no mesmo dia em que o telégrafo espalhava as notícias da batalha de Tetuán¹. Lembro-me como se fosse ontem. Naquela noite, comprei o indispensável *Correspondencia de España* e a primeira coisa que li foi a notícia da morte de Telésforo. Seus amigos eram convidados para o funeral na manhã seguinte.

“Estão naturalmente certos de que compareci. Ao chegarmos ao cemitério de San Luis, para o qual eu rodava numa carruagem próxima do coche funerário, minha atenção foi despertada por uma camponesa. Era velha e muito alta. Ela riu sacrilegamente ao ver que tiravam o caixão. Então, postou-se na frente dos que conduziam o esquife numa atitude triunfante, indicando-lhes, com um pequeníssimo leque, o caminho que deviam tomar para chegarem à cova aberta que esperava.

“À primeira vista percebi, com espanto e susto, que era a implacável inimiga de Telésforo. Era justamente como ele me havia descrito... com o nariz enorme, os olhos diabólicos, a boca horrível, o lenço de perca e aquele minúsculo leque que parecia em suas mãos o cetro da indecência e da zombaria.

“Ela imediatamente observou que eu a estava olhando e fixou os olhos em mim de um modo peculiar, como se estivesse me reconhecendo, como se quisesse demonstrar que estava me reconhecendo, como se soubesse que o morto me tinha contado os episódios da Rua Jardines e Rua Lobo, como que desafiando-me, como que declarando-me herdeiro do ódio que tinha alimentado pelo meu infeliz amigo.

“Confesso que, no momento, meu medo foi maior do que o meu espanto, diante daquelas novas *coincidências e acidentes*. Pareceu-me evidente que alguma relação sobrenatural, anterior à vida terrena, existira entre a misteriosa velha e Telésforo. Mas, no momento, minha única preocupação era sobre minha própria vida, minha própria alma, minha própria felicidade... coisas estas que ficariam expostas ao maior perigo se eu realmente herdasse tamanha maldição...

“A mulher alta começou a rir. Apontou para mim, com desprezo, usando o leque, como se tivesse lido meus pensamentos e expusesse publicamente minha covardia. Tive que apoiar-me no braço de um amigo para não cair. Então, ela fez um gesto de piedade ou de desdém, rodou sobre os calcanhares e entrou no cemitério. Sua cabeça estava voltada para mim. Abanava-se e acenava-me ao mesmo tempo. Deslizava entre os túmulos com um despudor infernal e indescritível, até que, finalmente, desapareceu para sempre no labirinto das tumbas.

“Eu disse para sempre, pois desde então já passaram quinze anos e nunca mais a vi. Se era um ser

humano, deve ter morrido há muito; se não era, continuo convencido de que ela me despreza demais para meter-se comigo.

“Agora, exibam suas teorias! Deem-me sua opinião sobre esses estranhos acontecimentos. Ainda os consideram como inteiramente naturais?”

Seria ocioso que eu, o autor do conto ou histórias de acabais de ler, estampasse aqui as respostas que os amigos e companheiros deram a Gabriel, uma vez que, a final de contas, cada leitor deve julgar o caso conforme as suas próprias sensações e crenças...

Prefiro, portanto, pôr um ponto final neste parágrafo, mas não sem antes dirigir as mais carinhosas e expressivas saudações a cinco dos seis expedicionários que passaram juntos aquele dia inesquecível nos frondosos cumes do Guadarrama.

Tradução de autor anônimo do séc. XX, com a participação ulterior de Paulo Soriano.

Fonte: “A Cigarra”/SP, edição de dezembro de 1952.

1 Batalha ocorrida em 4 de fevereiro de 1860, no Marrocos, entre os exércitos espanhol e marroquino (N. dos E.).

LA MUJER ALTA

Pedro Antonio de Alarcón
(1833 – 1891)



I

—¡Qué sabemos! Amigos míos..., ¡qué sabemos!
—exclamó Gabriel, distinguido ingeniero de Montes, sentándose debajo de un pino y cerca de una fuente, en la cumbre del Guadarrama, a legua y media de El Escorial, en el límite divisorio de las provincias de Madrid y Segovia; sitio y fuente y pino que yo conozco y me parece estar viendo, pero cuyo nombre se me ha olvidado—. Sentémonos, como es de rigor y está escrito..., en nuestro programa —continuó Gabriel, a descansar y hacer por la vida en este ameno y clásico paraje, famoso por la virtud digestiva del agua de ese manantial y por los muchos borregos que aquí se han comido nuestros ilustres maestros don Miguel Rosch, don Máximo Laguna, don Agustín Pascual y otros grandes naturalistas; os contaré una rara y peregrina historia en comprobación de mi tesis..., reducida a manifestar, aunque me llaméis oscurantista, que en el globo terráqueo ocurren todavía cosas sobrenaturales: esto es, cosas que no caben en la cuadrícula de la razón, de la ciencia ni de la filosofía, tal y como hoy se entienden (o no se entienden) semejantes, palabras, palabras y palabras, que diría Hamlet...

Enderezaba Gabriel este pintoresco discurso a cinco sujetos de diferente edad, pero ninguno joven, y solo uno entrado ya en años; también ingenieros de Montes tres de ellos, pintor el cuarto y un poco literato el quinto; todos los cuales habían subido con el orador, que era el más pollo, en sendas burras de alquiler, desde el Real Sitio de San Lorenzo, a pasar aquel día herborizando en los hermosos pinares de Peguerinos, cazando mariposas por medio de mangas

de tul, cogiendo coleópteros raros bajo la corteza de los pinos enfermos y comiéndose una carga de víveres fiambres pagados a escote.

Hace de esto seis años, y era en el rigor del estío; no recuerdo si el día de Santiago o el de San Luis... Inclínome a creer el de San Luis. Como quiera que fuese, gozábase en aquellas alturas de un fresco delicioso, y el corazón, el estómago y la inteligencia funcionaban allí mejor que en el mundo social y la vida ordinaria...

Sentado que se hubieron los seis amigos, Gabriel continuó hablando de esta manera:

—Creo que no me tacharéis de visionario... Por fortuna o desgracia mía, soy, digámoslo así, un hombre a la moderna, nada supersticioso, y tan positivista como el que más, bien que incluya entre los datos positivos de la Naturaleza todas las misteriosas facultades y emociones de mi alma en materias de sentimiento... Pues bien: a propósito de fenómenos sobrenaturales o extranaturales, oíd lo que yo he oído y ved lo que yo he visto, aun sin ser el verdadero héroe de la singularísima historia que voy a contar; y decidme en seguida qué explicación terrestre, física, natural, o como queramos llamarla, puede darse a tan maravilloso acontecimiento.

—El caso fue como sigue... ¡A ver! ¡Echar una gota, que ya se habrá refrescado el pellejo dentro de esa bullidora y cristalina fuente, colocada por Dios en esta pinífera cumbre para enfriar el vino de los botánicos!

II

—Pues, señor, no sé si habréis oído hablar de un ingeniero de Caminos llamado Telesforo X..., que murió en 1860...

—Yo no...

—¡Yo sí!

—Yo también: un muchacho andaluz, con bigote negro, que estuvo para casarse con la hija del marqués de Moreda..., y que murió de ictericia...

—¡Ese mismo! —continuó Gabriel—. Pues bien: mi amigo Telesforo, medio año antes de su muerte, era todavía un joven brillantísimo, como se dice ahora. Guapo, fuerte, animoso, con la aureola de haber sido el primero de su promoción en la Escuela de Caminos, y acreditado ya en la práctica por la ejecución de notables trabajos, disputábanselo varias empresas particulares en aquellos años de oro de las obras públicas, y también se lo disputaban las mujeres por casar o mal casadas, y, por supuesto, las viudas impenitentes, y entre ellas alguna muy buena moza que... Pero la tal viuda no viene ahora a cuento, pues a quien Telesforo quiso con toda formalidad fue a su citada novia, la pobre Joaquinita Moreda, y lo otro no pasó de un amorío puramente usufructuario...

—¡Señor don Gabriel, al orden!

—Sí..., sí, voy al orden, pues ni mi historia ni la controversia pendiente se prestan a chanzas ni donaires. Juan, échame otro medio vaso... ¡Bueno está de verdad este vino! Conque atención y poneos serios, que ahora comienza lo luctuoso.

Sucedió, como sabréis los que la conocisteis, que Joaquina murió de repente en los baños de Santa Águeda al fin del verano de 1859... Hallábame yo en Pau cuando me dieron tan triste noticia, que me afectó muy especialmente por la íntima amistad que me unía a Telesforo... A ella solo le había hablado una vez, en casa de su tía la generala López, y por cierto que aquella palidez azulada, propia de las personas que tienen una aneurisma, me pareció desde luego indicio de mala salud... Pero, en fin, la muchacha valía cualquier cosa por su distinción, hermosura y garbo; y como además era hija única de título, y de título que llevaba anejos algunos millones, conocí que mi buen matemático estaría inconsolable... Por consiguiente, no bien me hallé de regreso en Madrid, a los quince o veinte días de su desgracia, fui a verlo una mañana muy temprano a su elegante habitación de mozo de casa abierta y de jefe de oficina, calle del Lobo... No recuerdo el número, pero sí que era muy cerca de la Carrera de San Jerónimo.

Contristadísimo, bien que grave y en apariencia dueño de su dolor, estaba el joven ingeniero trabajando ya a aquella hora con sus ayudantes en no sé qué proyecto de ferrocarril, y vestido de riguroso luto. Abrazome estrechísimamente y por largo rato, sin lanzar ni el más leve suspiro; dio en seguida algunas instrucciones sobre el trabajo pendiente a uno de sus ayudantes, y condujome, en fin, a su despacho particular, situado al extremo opuesto de la casa, diciéndome por el camino con acento lúgubre y sin mirarme:

—Mucho me alegro de que hayas venido... Varias veces te he echado de menos en el estado en que me hallo... Ocurrime una cosa muy particular y extraña, que solo un amigo como tú podría oír sin considerarme imbécil o loco y acerca de la cual necesito oír alguna opinión serena y fría como la ciencia... Siéntate... —prosiguió diciendo, cuando hubimos llegado a su despacho-, y no temas en manera alguna que vaya a angustiarte describiéndote el dolor que me aflige, y que durará tanto como mi vida... ¿Para qué? ¡Tú te lo figurarás fácilmente a poco que entiendas de cuitas humanas, y yo no quiero ser consolado ni ahora, ni después, ni nunca! De lo que te voy a hablar con la detención que requiere el caso, o sea tomando el asunto desde su origen, es de una circunstancia horrenda y misteriosa que ha servido como de agüero infernal a esta desventura, y que tiene conturbado mi espíritu hasta un extremo que te dará espanto...

—¡Habla! —respondí yo, comenzando a sentir, en efecto, no sé qué arrepentimiento de haber entrado en aquella casa, al ver la expresión de cobardía que se pintó en el rostro de mi amigo.

—Oye... —repuso él, pasando una mano por la sudosa frente.

III

No sé si por fatalidad innata de mi imaginación, o por vicio adquirido al oír alguno de aquellos cuentos de vieja con que tan imprudentemente se asusta a los niños en la cuna, el caso es que desde mis tiernos años no hubo cosa que me causase tanto horror y susto, ya me la figurara mentalmente, ya me la encontrase en realidad, como una mujer sola, en la calle, a las altas horas de la noche.

Te consta que nunca he sido cobarde. Me batí en duelo, como cualquier hombre decente, cierta vez que fue necesario, y recién salido de la Escuela de Ingenieros, cerré a palos y a tiros en Despeñaperros con mis sublevados peones, hasta que los reduje a la obediencia. Toda mi vida, en Jaén, en Madrid y en otros varios puntos, he andado a deshora por la calle, solo, sin armas, atento únicamente al cuidado amoroso que me hacía velar, y si por acaso he topado con bultos de mala catadura, fueran ladrones o simples perdonavidas, a ellos les ha tocado huir o echarse a un lado, dejándome libre el mejor camino... Pero si el bulto era una mujer sola, parada o andando, y yo iba también solo, y no se veía más alma viviente por ningún lado... entonces (ríete si se te antoja, pero créeme) poníaseme carne de gallina; vagos temores asaltaban mi espíritu; pensaba en almas del otro mundo, en seres fantásticos, en todas las invenciones supersticiosas que me hacían reír en cualquier otra circunstancia, y apretaba el paso, o me volvía atrás, sin que ya se me quitara el susto ni pudiera distraerme ni un momento hasta que me veía dentro de mi casa.

Una vez en ella, echábame también a reír y avergonzábame de mi locura, sirviéndome de alivio el pensar que no la conocía nadie. Allí me daba cuenta fríamente de que, pues yo no creía en duendes, ni en brujas, ni en aparecidos, nada había debido temer de aquella flaca hembra, a quien la miseria, el vicio o algún accidente desgraciado tendrían a tal hora fuera de su hogar, y a quien mejor me hubiera estado ofrecer auxilio por si lo necesitaba, o dar limosna si me la pedía... Repetíase, con todo, la deplorable escena cuantas veces se me presentaba otro caso igual, ¡y cuenta que ya tenía yo veinticinco años, muchos de ellos de aventurero nocturno, sin que jamás me hubiese ocurrido lance alguno penoso con las tales mujeres solitarias y trasnochadoras!... Pero, en fin, nada de lo dicho llegó nunca a adquirir verdadera importancia, pues aquel pavor irracional

se me disipaba siempre tan luego como llegaba a mi casa o veía otras personas en la calle, y ni tan siquiera lo recordaba a los pocos minutos, como no se recuerdan las equivocaciones o necesidades sin fundamento ni consecuencia.

Así las cosas, hace muy cerca de tres años... (desgraciadamente, tengo varios motivos para poder fijar la fecha: ¡la noche del 15 al 16 de noviembre de 1857) volvía yo, a las tres de la madrugada, a aquella casita de la calle de Jardines, cerca de la calle de la Montera, en que recordarás viví por entonces... Acababa de salir, a hora tan avanzada, y con un tiempo feroz de viento y frío, no de ningún nido amoroso, sino de... (te lo diré, aunque te sorprenda), de una especie de casa de juego, no conocida bajo este nombre por la policía, pero donde ya se habían arruinado muchas gentes, y a la cual me habían llevado a mí aquella noche por primera... y última vez. Sabes que nunca he sido jugador; entré allí engañado por un mal amigo, en la creencia de que todo iba a reducirse a trabar conocimiento con ciertas damas elegantes, de virtud equívoca (demi-monde puro), so pretexto de jugar algunos maravedíes al Enano, en mesa redonda, con faldas de bayeta; y el caso fue que a eso de las doce comenzaron a llegar nuevos tertulios, que iban del Teatro Real o de salones verdaderamente aristocráticos, y mudose de juego, y salieron a relucir monedas de oro, después billetes y luego bonos escritos con lápiz, y yo me enfrasqué poco a poco en la selva oscura del vicio, llena de fiebres y tentaciones, y perdí todo lo que llevaba, y todo lo que poseía, y aun quedé debiendo un dineral... con el pagaré correspondiente. Es decir, que me arruiné por completo, y que, sin la herencia y los grandes negocios que tuve en seguida, mi situación hubiera sido muy angustiosa y apurada.

Volvía yo, digo, a mi casa aquella noche, tan a deshora, yerto de frío, hambriento, con la vergüenza, y el disgusto que puedes suponer, pensando, más que en mí mismo, en mi anciano y enfermo padre, a quien tendría que escribir pidiéndole dinero, lo cual no podría menos de causarle tanto dolor como asombro, pues me consideraba en muy buena y desahogada posición..., cuando, a poco de penetrar en mi calle por el extremo que da a la de Peligros, y al pasar por delante de una casa recién construida de la acera que yo llevaba, advertí que en el hueco de su cerrada puerta estaba de pie, inmóvil y rígida, como si fuese de palo, una mujer muy alta y fuerte, como de sesenta años de edad, cuyos malignos y audaces ojos sin pestañas se clavaron en los míos como dos puñales, mientras que su desdentada boca me hizo una mueca horrible por vía de sonrisa...

El propio terror o delirante miedo que se apoderó de mí instantáneamente diome no sé qué percepción maravillosa para distinguir de golpe, o sea en dos segundos que tardaría en pasar rozando

con aquella repugnante visión, los pormenores más ligeros de su figura y de su traje... Voy a ver si coordino mis impresiones del modo y forma que las recibí, y tal y como se grabaron para siempre en mi cerebro a la mortecina luz del farol que alumbró con infernal relámpago tan fatídica escena...

Pero me excito demasiado, ¡aunque no sin motivo, como verás más adelante! Descuida, sin embargo, por el estado de mi razón... ¡Todavía no estoy loco!

Lo primero que me chocó en aquella que denominaré mujer fue su elevadísima talla y la anchura de sus descarnados hombros; luego, la redondez y fijeza de sus marchitos ojos de búho, la enormidad de su saliente nariz y la gran mella central de su dentadura, que convertía su boca en una especie de oscuro agujero, y, por último, su traje de mozuela del Avapiés, el pañolito nuevo de algodón que llevaba a la cabeza, atado debajo de la barba, y un diminuto abanico abierto que tenía en la mano, y con el cual se cubría, afectando pudor, el centro del talle.

¡Nada más ridículo y tremendo, nada más irrisorio y sarcástico que aquel abaniquillo en unas manos tan enormes, sirviendo como de cetro de debilidad a gigante tan fea, vieja y huesuda! Igual efecto producía el pañoletaje de vistoso percal que adornaba su cara, comparado con aquella nariz de tajamar, aguileña, masculina, que me hizo creer un momento (no sin regocijo) si se trataría de un hombre disfrazado... Pero su cínica mirada y asquerosa sonrisa eran de vieja, de bruja, de hechicera, de Parca..., ¡no sé de qué! ¡De algo que justificaba plenamente la aversión y el susto que me habían causado toda mi vida las mujeres que andaban solas, de noche, por la calle!... ¡Dijérase que, desde la cuna, había presentado yo aquel encuentro! ¡Dijérase que lo temía por instinto, como cada ser animado teme y adivina, y ventea, y reconoce a su antagonista natural antes de haber recibido de él ninguna ofensa, antes de haberlo visto, solo con sentir sus pisadas!

No eché a correr en cuanto vi a la esfinge de mi vida, menos por vergüenza o varonil decoro, que por temor a que mi propio miedo le revelase quién era yo, o le diese alas para seguirme, para acometerme, para... ¡no sé! ¡Los peligros que sueña el pánico no tienen forma ni nombre traducibles!

Mi casa estaba al extremo opuesto de la prolongada y angosta calle en que me hallaba yo solo, enteramente solo con aquella misteriosa estantigua, a quien creía capaz de aniquilarme con una palabra... ¿Qué hacer para llegar hasta allí? ¡Ah! ¡Con qué ansia veía a lo lejos la anchurosa y muy alumbrada calle de la Montera, donde a todas horas hay agentes de la autoridad!

Decidí, pues, sacar fuerzas de flaqueza; disimular y ocultar aquel pavor miserable; no

acelerar el paso, pero ganar siempre terreno, aun a costa de años de vida y de salud, y de esta manera poco a poco,irme acercando a mi casa, procurando muy especialmente no caerme antes redondo al suelo.

Así caminaba...; así habría andado ya lo menos veinte pasos desde que dejé atrás la puerta en que estaba escondida la mujer del abanico, cuando de pronto me ocurrió una idea horrible, espantosa, y, sin embargo, muy racional: ¡la idea de volver la cabeza a ver si me seguía mi enemiga!

—Una de dos... (pensé con la rapidez del rayo): o mi terror tiene fundamento o es una locura; si tiene fundamento, esa mujer habrá echado detrás de mí, estará alcanzándome y no hay salvación para mí en el mundo... Y si es una locura, una aprensión, un pánico como cualquier otro, me convenceré de ello en el presente caso y para todos los que me ocurran, al ver que esa pobre anciana se ha quedado en el hueco de aquella puerta preservándose del frío o esperando a que le abran; con lo cual yo podré seguir marchando hacia mi casa muy tranquilamente y me habré curado de una manía que tanto me abochorna.

Formulado este razonamiento, hice un esfuerzo extraordinario y volví la cabeza.

¡Ah! ¡Gabriel! ¡Gabriel! ¡Qué desventura! ¡La mujer alta me había seguido con sordos pasos, estaba encima de mí, casi me tocaba con el abanico, casi asomaba su cabeza sobre mi hombro!

¿Por qué? ¿Para qué, Gabriel mío? ¿Era una ladrona? ¿Era efectivamente un hombre disfrazado? ¿Era una vieja irónica, que había comprendido que le tenía miedo? ¿Era el espectro de mi propia cobardía? ¿Era el fantasma burlón de las decepciones y deficiencias humanas?

¡Interminable sería decirte todas las cosas que pensé en un momento! El caso fue que di un grito y salí corriendo como un niño de cuatro años que juzga ver al coco y que no dejó de correr hasta que desemboqué en la calle de la Montera...

Una vez allí, se me quitó el miedo como por ensalmo. ¡Y eso que la calle de la Montera estaba también sola! Volví, pues, la cabeza hacia la de Jardines, que enfilaba en toda su longitud, y que estaba suficientemente alumbrada por sus tres faroles y por un reverbero de la calle de Peligros, para que no se me pudiese oscurecer la mujer alta si por acaso había retrocedido en aquella dirección, y ¡vive el cielo que no la vi parada, ni andando, ni en manera alguna!

Con todo, guardeme muy bien de penetrar de nuevo en mi calle.

«¡Esa bribona —me dije— se habrá metido en el hueco de otra puerta!... Pero mientras sigan alumbrando los faroles no se moverá sin que yo no lo note desde aquí...».

En esto vi aparecer a un sereno por la calle del Caballero de Gracia, y lo llamé sin desviarme de mi

sitio: díjele, para justificar la llamada y excitar su celo, que en la calle de jardines había un hombre vestido de mujer; que entrase en dicha calle por la de Peligros, a la cual debía dirigirse por la de la Aduana; que yo permanecería quieto en aquella otra salida y que con tal medio no podría escapársenos el que a todas luces era un ladrón o un asesino.

Obedeció el sereno; tomó por la calle de la Aduana, y cuando yo vi avanzar su farol por el otro lado de la de Jardines, penetré también en ella resueltamente.

Pronto nos reunimos en su promedio, sin que ni el uno ni el otro hubiésemos encontrado a nadie, a pesar de haber registrado puerta por puerta.

—Se habrá metido en alguna casa... —dijo el sereno.

—¡Eso será! —respondí yo abriendo la puerta de la mía, con firme resolución de mudarme a otra calle al día siguiente.

Pocos momentos después hallábame dentro de mi cuarto tercero, cuyo picaporte llevaba también siempre conmigo, a fin de no molestar a mi buen criado José.

¡Sin embargo, este me aguardaba aquella noche! ¡Mis desgracias del 15 al 16 de noviembre no habían concluido!

—¿Qué ocurre? —le pregunté con extrañeza.

—Aquí ha estado —me respondió visiblemente conmovido-, esperando a usted desde las once hasta las dos y media, el señor comandante Falcón, y me ha dicho que, si venía usted a dormir a casa, no se desnudase, pues él volvería al amanecer...

Semejantes palabras me dejaron frío de dolor y espanto, cual si me hubieran notificado mi propia muerte... Sabedor yo de que mi amadísimo padre, residente en Jaén, padecía aquel invierno frecuentes y peligrosísimos ataques de su crónica enfermedad, había escrito a mis hermanos que en el caso de un repentino desenlace funesto telegrafiasen al comandante Falcón, el cual me daría la noticia de la manera más conveniente... ¡No me cabía, pues, duda de que mi padre había fallecido!

Senteme en una butaca a esperar el día y a mi amigo, y con ellos la noticia oficial de tan grande infortunio, y ¡Dios solo sabe cuánto padecí en aquellas dos horas de cruel expectativa, durante las cuales (y es lo que tiene relación con la presente historia) no podía separar en mi mente tres ideas distintas, y al parecer heterogéneas, que se empeñaban en formar monstruoso y tremendo grupo: mi pérdida al juego, el encuentro con la mujer alta y la muerte de mi honrado padre!

A las seis en punto penetró en mi despacho el comandante Falcón, y me miró en silencio...

Arrojeme en sus brazos llorando desconsoladamente, y él exclamó acariciándome:

—¡Llora, sí, hombre, llora! ¡Y ojalá ese dolor pudiera sentirse muchas veces!

IV

—Mi amigo Telesforo —(continuó Gabriel después que hubo apurado otro vaso de vino)— descansó también un momento al llegar a este punto, y luego prosiguió en los términos siguientes:

—Si mi historia terminara aquí, acaso no encontrarías nada de extraordinario ni sobrenatural en ella, y podrías decirme lo mismo que por entonces me dijeron dos hombres de mucho juicio a quienes se la conté: que cada persona de viva y ardiente imaginación tiene su terror pánico; que el mío, eran las trasnochadoras solitarias, y que la vieja de la calle de Jardines no pasaría de ser una pobre sin casa ni hogar, que iba a pedirme limosna cuando yo lancé el grito y salí corriendo, o bien una repugnante Celestina de aquel barrio, no muy católico en materia de amores...

También quise creerlo yo así; también lo llegué a creer al cabo de algunos meses; no obstante, lo cual hubiera dado entonces años de vida por la seguridad de no volver a encontrarme a la mujer alta. ¡En cambio, hoy daría toda mi sangre por encontrármela de nuevo!

—¿Para qué?

—¡Para matarla en el acto!

—No te comprendo...

—Me comprenderás si te digo que volví a tropezar con ella hace tres semanas, pocas horas antes de recibir la nueva fatal de la muerte de mi pobre Joaquina...

—Cuéntame..., cuéntame...

—Poco más tengo que decirte. Eran las cinco de la madrugada; volvía yo de pasar la última noche, no diré de amor, sino de amarguísimos llores y desgarradora contienda, con mi antigua querida la viuda de T..., ¡de quien érame ya preciso separarme por haberse publicado mi casamiento con la otra infeliz a quien estaban enterrando en Santa Águeda a aquella misma hora!

Todavía no era día completo; pero ya clareaba el alba en las calles enfiladas hacia Oriente. Acababan de apagar los faroles, y habíanse retirado los serenos, cuando, al ir a cortar la calle del Prado, o sea a pasar de una a otra sección de la calle del Lobo, cruzó por delante de mí, como viniendo de la plaza de las Cortes y dirigiéndose a la de Santa Ana, la espantosa mujer de la calle de Jardines.

No me miró, y creí que no me había visto... Llevaba la misma vestimenta y el mismo abanico que hace tres años... ¡Mi azoramiento y cobardía fueron mayores que nunca! Corté rapidísimamente la calle del Prado, luego que ella pasó, bien que sin quitarle ojo, para asegurarme que no volvía la cabeza, y

cuando hube penetrado en la otra sección de la calle del Lobo, respiré como si acabara de pasar a nado una impetuosa corriente, y apresuré de nuevo mi marcha hacia acá con más regocijo que miedo, pues consideraba vencida y anulada a la odiosa bruja, en el mero hecho de haber estado tan próximo de ella sin que me viese...

De pronto, y cerca ya de esta mi casa, acometiome como un vértigo de terror pensando en si la muy taimada vieja me habría visto y conocido; en si se habría hecho la desentendida para dejarme penetrar en la todavía oscura calle del Lobo y asaltarme allí impunemente; en si vendría tras de mí; en si ya la tendría encima...

Vuélvome en esto..., y ¡allí estaba! ¡Allí, a mi espalda, casi tocándome con sus ropas, mirándome con sus viles ojuelos, mostrándome la asquerosa mella de su dentadura, abanicándose irrisoriamente, como si se burlara de mi pueril espanto!...

Pasé del terror a la más insensata ira, a la furia salvaje de la desesperación, y arrojeme sobre el corpulento vejestorio; tirelo contra la pared, echándole una mano a la garganta, y con la otra, ¡qué asco!, púseme a palpar su cara, su seno, el lío ruin de sus cabellos sucios, hasta que me convencí juntamente de que era criatura humana y mujer.

Ella había lanzado entretanto un aullido ronco y agudo al propio tiempo que me pareció falso, o fingido, como expresión hipócrita de un dolor y de un miedo que no sentía, y luego exclamó, haciendo como que lloraba, pero sin llorar, antes bien mirándome con ojos de hiena:

—¿Por qué la ha tomado usted conmigo?

Esta frase aumentó mi pavor y debilitó mi cólera.

—¡Luego usted recuerda —grité— haberme visto en otra parte!

—¡Ya lo creo, alma mía! —respondió sardónicamente—. ¡La noche de San Eugenio, en la calle de Jardines, hace tres años!...

Sentí

—Pero, ¿quién es usted? —le dije sin soltarla—. ¿Por qué corre detrás de mí? ¿Qué tiene usted que ver conmigo?

—Yo soy una débil mujer... —contestó diabólicamente—. ¡Usted me odia y me teme sin motivo!... Y si no, dígame usted, señor caballero: ¿por qué se asustó de aquel modo la primera vez que me vio?

—¡Porque la aborrezco a usted desde que nació! ¡Porque es usted el demonio de mi vida!

—¿De modo que usted me conocía hace mucho tiempo? ¡Pues mira, hijo, yo también a ti!

—¡Usted me conocía! ¿Desde cuándo?

—¡Desde antes que nacieras! Y cuando te vi pasar junto a mí hace tres años, me dije a mí misma: «¡Este es!».

—Pero ¿quién soy yo para usted? ¿Quién es usted para mí?

—¡El demonio! —respondió la vieja escupiéndome en mitad de la cara, librándose de mis manos y echando a correr velocísimamente con las faldas levantadas hasta más arriba de las rodillas y sin que sus pies moviesen ruido alguno al tocar la tierra...

¡Locura intentar alcanzarla!... Además, por la Carrera de San Jerónimo pasaba ya alguna gente, y por la calle del Prado también. Era completamente de día. La mujer alta siguió corriendo, o volando, hasta la calle de las Huertas, alumbrada ya por el sol; parose allí a mirarme; amenazome una y otra vez esgrimiendo el abaniquillo cerrado, y desapareció detrás de una esquina...

¡Espera otro poco, Gabriel! ¡No falles todavía este pleito, en que se juegan mi alma y mi vida! ¡Óyeme dos minutos más!

Cuando entré en mi casa me encontré con el coronel Falcón, que acababa de llegar para decirme que mi Joaquina, mi novia, toda mi esperanza de dicha y ventura sobre la tierra, ¡había muerto el día anterior en Santa Águeda! El desgraciado padre se lo había teleografiado a Falcón para que me lo dijese... ¡a mí, que debí haberlo adivinado una hora antes, al encontrarme al demonio de mi vida! ¿Comprendes ahora que necesito matar a la enemiga innata de mi felicidad, a esa inmunda vieja, que es como el sarcasmo viviente de mi destino?

Pero ¿qué digo matar? ¿Es mujer? ¿Es criatura humana? ¿Por qué la he presentido desde que nací? ¿Por qué me reconoció al verme? ¿Por qué no se me presenta sino cuando me ha sucedido alguna gran desdicha? ¿Es Satanás? ¿Es la Muerte? ¿Es la Vida? ¿Es el Anticristo? ¿Quién es? ¿Qué es?...

V

—Os hago gracia, mis queridos amigos —continuó Gabriel—, de las reflexiones y argumentos que emplearía yo para ver de tranquilizar a Telesforo; pues son los mismos, mismísimos, que estáis vosotros preparando ahora para demostrarme que en mi historia no pasa nada sobrenatural o sobrehumano... Vosotros diréis que mi amigo estaba medio loco; que lo estuvo siempre; que, cuando menos, padecía la enfermedad moral llamada por unos terror pánico y por otros delirio emotivo; que, aun siendo verdad todo lo que refería acerca de la mujer alta, habría que atribuirlo a coincidencias casuales de fechas y accidentes; y, en fin, que aquella pobre vieja podía también estar loca, o ser una ratera o una mendiga, o una zurcidora de voluntades, como se dijo a sí propio el héroe de mi cuento en un intervalo de lucidez y buen sentido...

—¡Admirable suposición! (exclamaron los camaradas de Gabriel en variedad de formas). ¡Eso mismo íbamos a contestarte nosotros!

—Pues escuchad todavía unos momentos y veréis que yo me equivoqué entonces, como vosotros os equivocáis ahora. ¡El que desgraciadamente no se equivocó nunca fue Telesforo! ¡Ah! ¡Es mucho más fácil pronunciar la palabra locura que hallar explicación a ciertas cosas que pasan en la Tierra!

—¡Habla! ¡Habla!

—Voy allá; y esta vez, por ser ya la última, reanudaré el hilo de mi historia sin beberme antes un vaso de vino.

VI

A los pocos días de aquella conversación con Telesforo, fui destinado a la provincia de Albacete en mi calidad de ingeniero de Montes; y no habían transcurrido muchas semanas cuando supe, por un contratista de obras públicas, que mi infeliz amigo había sido atacado de una horrorosa ictericia; que estaba enteramente verde, postrado en un sillón, sin trabajar ni querer ver a nadie, llorando de día y de noche con inconsolable amargura, y que los médicos no tenían ya esperanza alguna de salvarlo. Comprendí entonces por qué no contestaba a mis cartas, y hube de reducirme a pedir noticias suyas al coronel Falcón, que cada vez me las daba más desfavorables y tristes...

Después de cinco meses de ausencia, regresé a Madrid el mismo día que llegó el parte telegráfico de la batalla de Tetuán. Me acuerdo como de lo que hice ayer. Aquella noche compré la indispensable Correspondencia de España, y lo primero que leí en ella fue la noticia de que Telesforo había fallecido y la invitación a su entierro para la mañana siguiente.

Comprenderéis que no falté a la triste ceremonia. Al llegar al cementerio de San Luis, adonde fui en uno de los coches más próximos al carro fúnebre, llamó mi atención una mujer del pueblo, vieja, y muy alta, que se reía impíamente al ver bajar el féretro, y que luego se colocó en ademán de triunfo delante de los enterradores, señalándoles con un abanico muy pequeño la galería que debían seguir para llegar a la abierta y ansiosa tumba...

A la primera ojeada reconocí, con asombro y pavor, que era la implacable enemiga de Telesforo, tal y como él me la había retratado, con su enorme nariz, con sus infernales ojos, con su asquerosa mella, con su pañoletto de percal y con aquel diminuto abanico, que parecía en sus manos el cetro del impudor y de la mofa...

Instantáneamente reparó en que yo la miraba, y fijó en mí la vista de un modo particular, como reconociéndome, como dándose cuenta de que yo la reconocía, como enterada de que el difunto me había

contado las escenas de la calle de Jardines y de la del Lobo, como desafiándome, como declarándome heredero del odio que había profesado a mi infortunado amigo...

Confieso que entonces mi miedo fue superior a la maravilla que me causaban aquellas nuevas coincidencias o casualidades. Veía patente que alguna relación sobrenatural anterior a la vida terrena había existido entre la misteriosa vieja y Telesforo; pero, en tal momento, solo me preocupaba mi propia vida, mi propia alma, mi propia ventura, que correrían peligro si llegaba a heredar semejante infortunio...

La mujer alta se echó a reír, y me señaló ignominiosamente con el abanico, cual si hubiese leído en mi pensamiento y denunciase al público mi cobardía... Yo tuve que apoyarme en el brazo de un amigo para no caer al suelo, y entonces ella hizo un ademán compasivo o desdeñoso, giró sobre los talones y penetró en el campo santo con la cabeza vuelta hacia mí, abanicándose y saludándome a un propio tiempo, y contoneándose entre los muertos con no sé qué infernal coquetería, hasta que, por último, desapareció para siempre en aquel laberinto de patios y columnatas llenos de tumbas...

Y digo para siempre, porque han pasado quince años y no he vuelto a verla... Si era criatura humana, ya debe de haber muerto, y si no lo era, tengo la seguridad de que me ha desdeñado...

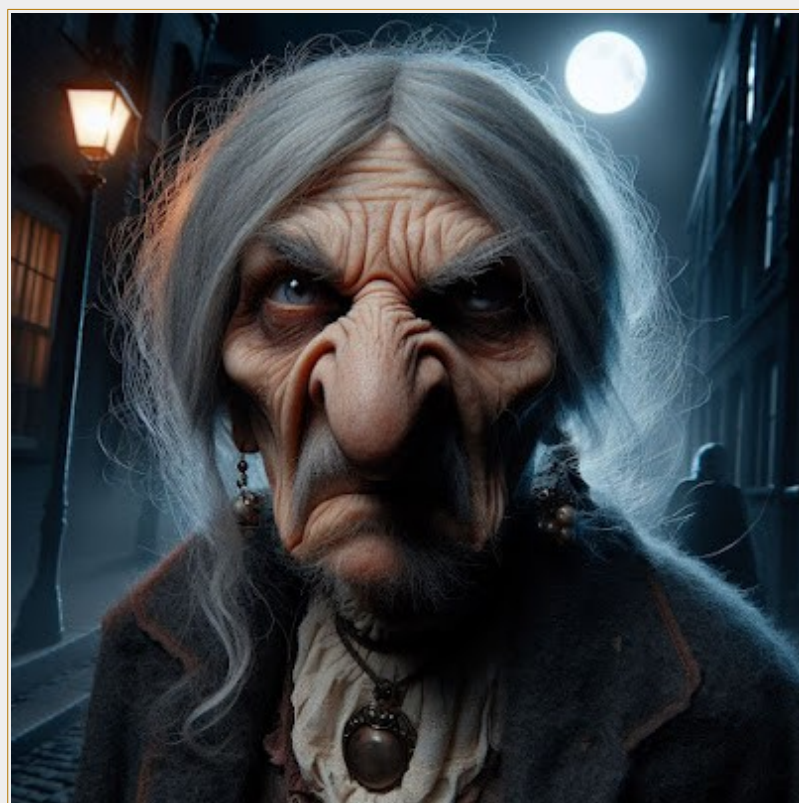
¡Conque vamos a cuentas! ¡Decidme vuestra opinión acerca de tan curiosos hechos! ¿Los consideraréis todavía naturales?

Ocioso fuera que yo, el autor del cuento o historia que acabáis de leer, estampase aquí las contestaciones que dieron a Gabriel sus compañeros y amigos, puesto que, al fin y a la postre, cada lector habrá de juzgar el caso según sus propias sensaciones y creencias...

Prefiero, por consiguiente, hacer punto final en este párrafo, no sin dirigir el más cariñoso y expresivo saludo a cinco de los seis expedicionarios que

pasaron juntos aquel inolvidable día en las frondosas cumbres del Guadarrama.

Ilustraciones: PS/Copilot.



O MEDO DA MORTE

Amado Nervo
(1870 — 1919)

I

“Eu não saberia dizer quando experimentei a primeira manifestação deste medo, deste horror — devo dizer — à morte, que me tem sem vida. Tal pânico deve remontar aos meus primeiros anos de vida, ou mesmo nasceu comigo, para jamais me abandonar. Recordo-me apenas, sim, uma das vezes em que se revolveu em meu espírito com mais força. Foi em razão do falecimento do pároco de minha vila, acontecimento que suscitou uma emoção muito dolorosa em toda comunidade. Deitaram-no na igreja da paróquia, vestido com suas vestimentas sagradas, tendo entre as mãos, unidas sobre peito, o cálix que tantas vezes consagrou. Minha mãe levou-me, juntamente com os meus irmãos, para vê-lo e, naquela noite, não preguei os olhos sequer um instante. A terrível lei que pesa com garra de chumbo sobre a humanidade, a odiosa e inexorável lei da morte, revelava-se a mim, causando-me palpitações e suores gelados.

— Mamãe, testou com medo! — gritava eu a cada momento. Mas era em vão que minha mãe velava ao meu lado: entre o seu carinho e eu estava o pavor, estava o fantasma, estava “aquilo” indefinido que jamais haveria de desgarrar-se de mim.

Tempos depois, morreu em nossa casa uma tia minha, depois de quarenta horas de uma agonia que me eriçava os cabelos. Morreu de uma doença do coração, e foi preciso que a implacável ‘velha’, que nos há de levar a todos, a dominasse por completo... Ela não queria morrer. Rebelava-se com energias supremas contra a lei comum... ‘Não me deixem morrer — gritava. — Não quero morrer...’

E a asquerosa Morte estrangulou em sua garganta um desses gritos de protesto.

Depois, cada morto deixou em mim a angústia de sua partida, de tal sorte que, pode dizer-se, minha alma ficou impregnada de todas as angústias de todos os mortos; que eles, ao partirem, legavam-me essa terrível herança de medo... No colégio, onde anualmente os padres jesuítas nos davam alguns dias de exercícios espirituais, meu pavor, durante os frequentes sermões sobre “o fim do mundo”, chegou ao inefável do tormento. Saía eu dessas práticas macabras (nas quais, com uma não invejável riqueza de detalhes, eram pintadas as cenas da última enfermidade, dos últimos instantes de vida, da desintegração de nosso corpo), saía eu, dizia-vos, presa do pânico, e minhas noites eram tormentosas até o martírio.

Eu me recordava, com frequência, dos conhecidos versos de Santa Teresa:

“Vivo sem viver em mim,
e tão altaneira vida espero
que morro por não morrer!”

E invejava raivosamente aquela mulher, que amou de tal maneira a morte, e a ansiou de tal forma que passou a vida inteira esperando-a como uma noiva aguarda o seu prometido...

Quanto a mim, a cada passo, tremia. E estremecia — tremo e estremeço — somente em pensar na morte.

Pouco tempo depois, morreu em meus braços um irmão meu, aos dezoito anos de idade, forte, belo, inteligente, generoso, amado... E morreu com a serenidade de uma bela tarde de meus trópicos.

— Sempre temi a morte — disse-me ele. — Mas agora, quando ela se acerca, já não a temo: a sua própria aproximação parece diminuí-la perante mim... Não é tão mau morrer... Quase diria que é bom!

E invejei raivosamente também o meu irmão, que partia assim, com a fronte sem sombras e o olhar tranquilo voltado para o crepúsculo, que se desvanecia como ele...

Minha leitura predileta respeitava aos últimos instantes dos homens célebres. Eu lia e relia, analisava e tornava a analisar as suas derradeiras palavras para ver se nelas encontrava oculto o medo, o “meu medo”, o implacável medo que devora a alma...

— *Now I must sleep*² — dizia Byron, e havia, nestas palavras, alguma nobre e tranquila resignação que me aprazia.

— Achei que morrer era mais difícil — dizia o feliz e mimado Luís XV, e esta frase me enchia de consolo... Este, pois, não tivera medo, nem se havia rebelado contra a morte.

— Deixar todas estas coisas tão belas!... — clamava Mazarino, acariciando, em sua agonia, com o olhar, os primores de arte que enchiam seu quarto. Mas este grito de dor não me desconcertava, porque jamais temi a morte porque ela me tira o que é meu... O amor às coisas é demasiadamente insignificante para me atormentar.

— Tudo o que tenho por um instante de vida! — gemia, agonizante, Elisabete da Inglaterra, e este gemido me congelava a alma.

— Meu desejo é apressar o máximo possível a minha partida! — exclamava Cromwell, e eu surpreendia nessa frase a impaciência angustiosa dos que têm de sair, o quanto antes, de um martírio insuportável.

— Chegará a conta que vamos prestar a Deus de nosso reinado! — murmurava Filipe III da Espanha, e estas palavras me acovardavam além da conta.

— Ah! Quanto mal eu fiz! — soluçava Carlos IX da França, recordando o massacre da Noite de São Bartolomeu, e este soluço apavorava-me o coração.

Agradava-me sobremaneira a desdenhosa frase do poeta Malherbe, como se sabe o autor daquela estrofe que fez célebre (envaidecei-vos alguma vez legitimamente, senhores tipógrafos) uma errata de imprensa:

*Mais elle était du monde, où les plus belles choses
Ont le pire destin,
Et rose elle a vécu ce que vivent les roses,
L'espace d'un matin.*³

² Eu preciso dormir agora.

Ao padre que lhe falava da eternidade, e lhe rogava que se confessasse, Malherbe respondeu:

— Vivi como todos, morro como todos e quero ir... para onde todos irão...

A seu turno, as palavras de Afonso XII:

— Que conflito! Que conflito! — aterrorizavam-me até o absurdo.

E, à medida que crescia, este medo da morte adquiria — e continua adquirindo — proporções fora de toda ponderação. É raro, por exemplo, que transcorra uma noite sem que eu acorde, de repente, banhadas as têmporas de suor e mortificado, pelo súbito pensamento de meu fim, que se crava em minha alma como uma punhalada invisível.

— Eu vou morrer — digo a mim mesmo. — Vou morrer!

E então experimento com uma compreensão rápida e terrível toda a realidade que há nestas palavras.

II

Morrer! Ah, meu Deus! Os animais, quando sentem que se aproxima o seu fim, vão deitar-se em um cantinho, tranquilos e resignados, e expiram sem uma queixa, em uma divina inconsciência, em uma santa e piedosa inconsciência, devolvendo ao grande laboratório da Natureza a misteriosa porciúncula de sua alma coletiva. As flores se dobram silenciosas e murcham sem que percebam (quem o sabe?) e sem angústia alguma (quem o sabe?). Todos os serem morrem sem pesar... menos o homem.

Nenhum dos animais sabe que vai morrer e cada um vive a sua furtiva existência em paz... Só o homem é perseguido pelos fantasmas da morte, como Orestes por seu séquito de Eumênides... Horror! Horror!

Só há duas maneiras de morrer: morre-se por síncope ou por asfixia. Pouco me surpreende a primeiras destas mortes... Um desmaio... e nada mais. Um desmaio do qual não se retorna: o generoso órgão para de bater no peito e dormimos docemente para sempre. Mas a asfixia... Meu Deus! A asfixia que nos vai sufocando sem piedade, que nos atormenta até o paroxismo... E, unido a ela, o terror do que vem em seguida... do desconhecido em que iremos cair, desse poço negro que abre a sua bocarra insaciável... da ‘única coisa séria’ que há na vida.

A mais de cem médicos, perguntei:

— Sofre-se quando se morre?

E quase todos me responderam:

— Não. Morre-se dentro de uma perfeita inconsciência...

Ah, sim! Isto é o natural, o bom, o misericordioso: a santa mãe, a nobre mãe Natureza deve nos envolver em um suave entorpecimento. Deve fazer-nos adormecer em seus braços benditos durante a transição da vida à morte. Sem dúvida que morremos como nascemos... em uma misteriosa ignorância... Mas, e se não for assim? Se não for assim? — eu me perguntava, tremendo.

III

3 Mas ela era do mundo, onde as coisas mais belas/têm o pior destino,/E, cor-de-rosa, ela viveu o que vivem as rosas,/Por uma manhã.

— Morrer! — eu prosseguia pensando (e ainda sigo, para a minha infelicidade). — Eu vou morrer, pois, e todas as coisas seguirão o seu curso. Esta multidão que inunda as calçadas continuará seu ativo e alegre trânsito, sob o mesmo azul do céu, aquecida pelo mesmo ouro cálido do Sol! E, nos bosques, os ninhos continuarão piando, e os amantes continuarão buscando nas bocas o furtivo mel da vida. As mesmas preocupações atormentarão as almas... Os mesmos prazeres, sem cessar renovados, deleitarão as gerações... A Terra continuará girando como uma imensa mariposa ao redor da chama do Sol. Mas eu não existirei mais, nada verei, nada sentirei... Apodrecerei silenciosamente num caixão de madeira que se esfacelará comigo...

Passarão as pares de aves sobre a terra que me cobre, sem comover as minhas cinzas...

O Sol despertará novas germinações ao redor de mim, sem que meus pobres ossos se aqueçam com o seu fogo bendito.

Minha memória ter-se-á apagado dos homens; meus rastros, perdidos; meu nome, ninguém mais pronunciará. O vazio que deixei estará preenchido.

E se ao menos fosse assim, se a morte se reduzisse a um imóvel e imóvel sonho... Mas as palavras de Hamlet me torturam o pensamento: ‘Morrer... dormir... talvez sonhar...’

Não, já não é possível padecer mais que isto. A resistência humana tem seus limites, e a minha está esgotada. Esta obsessão pela morte, ultimamente, assenhoreou-se de mim de um modo tal que já não posso falar senão dela, nem pensar em algo que não seja ela... Minhas noites são de agonia lenta e odiosa... Meus dias são tão tristes que obnubilam luz do Sol... Meu tormento chega ao heroísmo dos tormentos... Já não posso com o meu mal e vou recorrer ao mais absurdo, ao mais estranho, ao mais ilógico, porém, ao mesmo tempo, o mais eficaz dos remédios. Eu vou me matar. Sim, eu me matarei. Poderei vós conceber isto? Vou me matar...pelo medo da morte!”

IV

Sobre o peito do suicida, encontraram, à guisa de carta, as páginas que copio. Os jornais já publicaram parte delas. Creio que seria um gesto de piedade reproduzir todas elas...

Tradução de Paulo Soriano.

EL MEDO A LA MUERTE

Amado Nervo
(1870 — 1919)

I

Se podría yo decir cuándo experimenté la primera manifestación de este miedo, de este horror, debiera decir, a la muerte, que me tiene sin vida. Tal pánico debe arrancar de los primeros años de mi niñez, o nació acaso conmigo, para ya no dejarme nunca jamás. Sólo recuerdo, sí, una de las veces en que se revolvió en mi espíritu con más fuerza. Fue con motivo del fallecimiento del cura de mi pueblo, que produjo una emoción muy dolorosa en todo el vecindario. Tendiéronle en la parroquia, revestido de sus sagradas vestiduras, y teniendo entre sus manos, enclavijadas sobre el pecho, el cáliz donde consagró tantas veces. Mi madre nos llevó a mis hermanos y a mí a verle, y aquella noche no pegué los ojos un instante. La espantosa ley que pesa con garra de plomo sobre la humanidad, la odiosa e inexorable ley de la muerte, se me revelaba produciéndome palpitaciones y sudores helados.

— ¡Mamá, tengo miedo!—gritaba a cada momento; y fué en vano que mi madre velara a mi lado: entre su cariño y yo estaba el pavor, estaba el fantasma, estaba « aquello » indefinible, que ya no había de desligarse de mí...

Más tarde murió en mi casa una tía mía, después de cuarenta horas de una agonía que erizaba los cabellos. Murió de una enfermedad del corazón, y fué preciso que la implacable Vieja que nos ha de llevar a todos la dominara por completo... No quería morir; se rebelaba con energías supremas contra la ley común... «No me dejen morir —clamaba— ; no quiero morirme...»

Y la asquerosa Muerte estranguló en su garganta uno de esos gritos de protesta.

Después, cada muerto me dejó la angustia de su partida, de tal suerte, que pudo decirse que mi alma quedó impregnada de todas las angustias de todos los muertos; que ellos, al irse, me legaban esa espantosa herencia de miedo... En el colegio, donde anualmente los padres jesuitas nos daban algunos días de ejercicios espirituales, mi pavor, durante los frecuentes sermones sobre «el fin del hombre », llegó a lo inefable de la pena. Salía yo de esas pláticas macabras (en las cuales con un no envidiable lujo de detalles se nos pintaban las escenas de la última enfermedad, del último trance, de la desintegración de nuestro cuerpo), salía yo, digo, presa del pánico, y mis noches eran tormentosas hasta el martirio.

Recordaba con frecuencia los conocidos versos de Santa Teresa:

¡Vivo sin vivir en mí,
y tan alta vida espero
que muero porque no muero!

y envidiaba rabiosamente a aquella mujer que amó de tal manera la muerte y la ansió de tal manera, que pasó su vida esperándola como una novia a su prometido...

Yo, en cambio, a cada paso temblaba y me estremecía (tiemblo y me estremezco) a su solo pensamiento.

Murió de ahí a poco en mis brazos un hermano mío, a los diez y ocho años de edad, fuerte, bello, inteligente, generoso, amado... y murió con la serenidad de una hermosa tarde de mis trópicos.

—Siempre temí la muerte —me decía—; mas ahora que se acerca, ya no la temo: su proximidad misma me parece que me la ha empequeñecido... No es tan malo morir... ¡Casi diría que es bueno!

Y envidié rabiosamente también a mi hermano, que se iba así, con la frente sin sombras y la tranquila mirada puesta en el crepúsculo, que se desvanecía como él...

Mi lectura predilecta era la que refiere los últimos instantes de los hombres célebres. Leía yo y releía, analizaba y tornaba a analizar sus palabras postreras, para ver si encontraba escondido en ellas el miedo, «mi miedo», el implacable miedo que me come el alma...

—Now I must sleep —decía Byron, y había en estas palabras cierta noble y tranquila resignación que me placía.

—Creí que era más difícil morir...—decía el feliz y mimado Luis XV, y esta frase me llenaba de consuelo... Ese, pues, no había tenido miedo ni había sentido rebeliones...

—Dejar todas estas bellas cosas...— clamaba Mazarino acariciando en su agonía con la mirada los primores de arte que llenaban su habitación, y este grito de pena no me desconcertaba, porque yo a la muerte no le he temido jamás porque me quita lo que es mío... El amor a las cosas es demasiado miserable para atormentarme.

—¡Todo lo que poseo por un momento de vida!—gemía, agonizante, Isabel de Inglaterra, y este gemido me congelaba el ánimo.

— ¡Mí deseo es apresurar todo lo posible mi partida!—exclamaba Cromwell, y yo creía sorprender en esa frase la impaciencia angustiosa que se tiene de salir cuanto antes de un martirio insufrible.

—¡Vaya una cuenta que vamos a dar a Dios de nuestro reinado!—murmuraba Felipe III de España, y estas palabras me acobardaban más de la medida.

—¡Ah! ¡Cuánto mal he hecho!—sollozaba Carlos IX de Francia, recordando la Saint Barthelemy, y este sollozo me pavorizaba el corazón.

—Agradábame sobremanera la desdeñosa frase del poeta Malherbe, ya saben ustedes, el autor de aquella estrofa que hizo célebre (envaneceos alguna vez legítimamente, señores cajistas) una errata de imprenta:

«Elle était née d'un monde où les plus belles choses

*Ont le pire destin,
Et, Rose, elle a vecu ce qui vivent les roses:
L'espace d'un matin...*

Al padre que le hablaba de eternidad y le encarecía que se confesara, Malherbe respondió:

—He vivido como los demás, muero como los demás y quiero ir... adonde vayan los demás...

En cambio, las palabras de Alfonso XII:

«¡Qué conflicto! ¡qué conflicto!»—me aterrorizaban hasta lo absurdo.

Y a medida que iba creciendo, este miedo a la muerte adquiría (y sigue adquiriendo) proporciones fuera de toda ponderación. Es raro, por ejemplo, que se pase una noche sin que yo me despierte, súbitamente, bañadas las sienes en sudor y atenazado, así de pronto, por el pensamiento de mi fin, que se me clava en el alma como una puñalada invisible.

¡Yo he de morir—me digo—, yo he de morir!

Y experimento entonces con una vivacidad espantosa toda la realidad que hay en estas palabras.

II

¡Morir! ¡Ah, Diosmío! Los animales, cuando sienten que se aproxima su término, van a tumbarse en un rincón, tranquilos y resignados, y expiran sin una queja, en una divina inconsciencia, en una santa y piadosa inconsciencia, devolviendo al gran laboratorio de la Naturaleza la misteriosa porcioncita de su alma colectiva. Las flores se pliegan silenciosas y se marchitan sin advertirlo (¡o quién sabe!) y sin angustia alguna (¡¡o quién sabe!!). Todos los seres mueren sin pena... menos el hombre.

Ninguno de los animales sabe que ha de morir, y vive cada uno su furtiva existencia en paz... Sólo el hombre va perseguido por los fantasmas de la muerte, como Orestes por su séquito de Euménides... ¡horror! ¡horror!

Dos maneras sólo hay de morir: se muere, o por síncope o por asfixia. Poco me espanta la primera de estas muertes... Un desmayo... y nada más; un desmayo del que ya no se vuelve: la generosa entraña cesa de latir y nos dormimos dulcemente para siempre; pero la asfixia, ¡Dios mío!, la asfixia que nos va sofocando sin piedad, que nos atormenta hasta el paroxismo... Y unido a ella el terror de lo que viene... de lo desconocido en que vamos a caer, de ese pozo negro que abre su boca insaciable... de lo «único serio» que hay en la vida.

A más de cien médicos he preguntado:

—Qué, ¿se sufre al morir?

Y casi todos me han respondido:

—No; se muere dentro de una perfecta inconsciencia...

¡Ah! sí; esto es lo natural, lo bueno, lo misericordioso: la santa madre, la noble madre Naturaleza debe envolvernos en un suave

entorpecimiento; debe adormecernos en sus brazos benditos durante esa transición de la vida a la muerte. Sin duda que morimos como nacemos... en una misteriosa ignorancia... Pero ¿y si no es así?... ¿si no es así?—me preguntaba yo temblando.

III

¡Morir!—seguía pensando (y sigo aún por mi desgracia)—. He de morir, pues, y todo seguirá lo mismo que si yo viviera. ¡Esta multitud que inunda las aceras continuará su activo y alegre tráfico, bajo el mismo azul del cielo, calentada por el mismo oro tibio del sol! En los bosques los nidos seguirán piando y los amantes seguirán buscándose en las bocas la furtiva miel de la vida. Las mismas preocupaciones atormentarán a las almas.. Los mismos placeres, sin cesar renovados, deleitarán a las generaciones... La tierra continuará girando como una inmensa mariposa alrededor de la llama del sol... y yo ya no existiré, ya no veré nada, ya no sentiré nada... Me pudriré silenciosamente en un cajón de madera que se desmoronará conmigo...

Pasarán las parejas de aves sobre la tierra que me cubre, sin conmovier mis cenizas...

El sol despertará germinaciones nuevas en derredor mío, sin que mis pobres huesos se calienten con su fuego bendito.

Mi memoria habrá pasado entre los hombres, mi huella se habrá perdido, mi nombre nadie habrá de pronunciarlo. El hueco que dejé estará lleno...

Y si al menos fuese así, si la muerte se redujese a un eterno e incommovible sueño... pero las palabras de Hamlet nos torturan el pensamiento: «Morir... dormir... soñar... ¡¡soñar acaso!!!

IV

No, no es posible ya padecer más; la resistencia humana tiene sus límites, y la mía está agotada. Esta obsesión de la muerte, en los últimos tiempos se ha enseñoreado de mí en modo tal, que ya no puedo hablar más que de ella, ni pensar más que en ella... Mis noches son de agonía lenta y odiosa... mis días tristes hasta opacar mi tristeza la luz del sol... Mi tormento llega al heroísmo de los tormentos... Ya no puedo con mi mal, y voy a acudir al más absurdo... al más extraño... al más ilógico, pero también al más efectivo de los remedios... ¡¡Voy a matarme!! Sí, a matarme; ¿concebís esto? A matarme... ¡por miedo a la muerte!

V

Sobre el pecho del suicida se encontraron, a guisa de carta, las páginas que copio. Los periódicos han publicado ya parte de ellas. Yo he creído piadoso reproducirlas todas...

A TROCA

Emilia Pardo Bazán
(1851 – 1921)

De repente, ao entrar no bosque, o cão latiu furiosamente, e Raimundo, vendo que surgia por dentre os arbustos uma figura que lhe pareceu sinistra, instintivamente lançou mão de sua carabina carregada. No entanto, tranquilizou-se quando ouviu o homem que assim aparecia, murmurando com uma voz ansiosa e suplicante:

— Senhorzinho, pela alma de sua mãe...

Raimundo fez menção de vasculhar o bolso; mas o homem, com um movimento a que não faltava dignidade, conteve-o. Não era estranho que Raimundo tomasse aquele indivíduo por um mendigo. Ele usava roupas, se não andrajosas, puídas e remendadas, e tamancos muito gastos. Seu rosto estava curtido pela intempérie, avermelhado e seco; e seus olhos lacrimejantes, de pálpebras flácidas, e seu rosto esgotado e famélico traíam não apenas a sua idade, mas a miséria profunda.

— O que queres? — perguntou Raimundo, num tom frio e peremptório.

— O que quero? Quero... que eles não nos deixem morrer de fome, senhorzinho. Pela saúde de quem mais amas! Pela saúde da senhorita e do menino que acaba de nascer! Eu sou João, o oleiro, que leva uma barbaridade fazendo telha lá no bosque, senhorzinho...

“O meu genro me ajudava, mas Deus levou-o para si, e fiquei com a filha grávida e, eu, ancião, sem forças para amassar o barro... E porque me atrasei no pagamento da renda, querem me tirar a olaria, senhor, a olaria, que é o nosso pão e o nosso socorro!

Raimundo deu de ombros. O que ele tinha a ver com essas bagatelas de pagamentos e cobranças? Eram coisas para o mordomo. Que lhe deixassem em paz, caçando e divertindo-se! A única coisa que lhe ocorreu responder ao pobre-diabo foi uma objeção:

— Se, a final de contas, não podes trabalhar, de que te adianta a olaria?

— Senhorzinho, pelas almas... Escuta a santa verdade ... Procurei um rapaz que me ajudasse, e já o contratei a quatro reais, e, mesmo que *suemos a alma* — eu a gerenciar, ele a amassar e cozer —, pagamos, lá pelo Ano Novo, somente a metade da dívida. Não te peço esmola, senhor, pois quero ganhar meu sustento com as minhas mãos... Lembra-te que somos todos mortais, senhorzinho! E que tenho que alimentar duas bocas: a filha parida e o recém-nascido... A filha, por falta de *sustança*, está ficando sem leite, senhor, porque, em não tendo, com perdão, o que meter entre os dentes, o seu corpo não dá coisa alguma, nem para a criança, nem para o trabalho...

Impaciente, Raimundo franzia o cenho. Estavam-lhe malogrando a ocasião favorável de

matar as codornizes. E, afinal de contas, ele não entendia bulhufas daquele imbróglio. Fez um movimento para desviar-se do velho, que continuava a atravessado no caminho, e resmungou:

— Bem, bem... Vou perguntar a Frazais... Vamos ver o que ele me diz sobre toda a tua história...

A Frazais! Ao mordomo implacável, ao exator, à *cunha do mesmo pau*, àquele que ria das necessidades, desgraças e agonias dos pobres! A esperança de João, o oleiro, de repente se extinguiu como vela quando soprada. Reprimiu um suspiro soluçante, uma queixa furiosa e surda. Ergueu a cabeça e, afastando-se sem dizer uma palavra, pôs o chapéu surrado e desapareceu no bosque de castanheiras, cujos galhos estalaram como se à passagem de uma fera...

Vagando desesperadamente, sem rumo algum, triste de morte, João encontrou-se, depois de meia hora, nos jardins da quinta, que lindavam com a olaria, e parou ao ouvir uma voz fresca que gorjeava palavras truncadas e carinhosas. Por entre os troncos das árvores, ele viu, sentada em um banco de pedra, uma jovem mulher amamentando uma criancinha. Bem conhecia João a ama de leite: era Juliana, esposa de Gório Nogueiras. Mas quão bela, quão gorda estava ela, tão diferente de quando *colhia* batatas, ajudando o marido! Nossa Senhora, o que a *sustança* faz! O seio que Juliana descobria, e sobre o qual o sol incidia naquele momento, parecia uma bola de manteiga, branca e redonda...

E João, lembrando-se de que a sua filha ia secando, ouvia com indescritível cólera o “glu, glu...” do jorrinho regalado de doce leite que escorria por entre os lábios do menino, filho do senhorzinho Raimundo, leite que lhe forniria umas carnes ainda mais roliças que a de Juliana, umas carnes rosadas, tenras como as de um leitãozinho...

Enquanto João contemplava o grupo, sentindo tentações veementes e absurdas de sair e fazer uma *barbaridade* para vingar-se daqueles a quem pouco importava que os pobres explodissem. Um homem, um lavrador, deslizava sorrateiramente ao banco onde Juliana amamentava. João o reconheceu e entendeu: ele era o marido da ama, Gório Nogueiras. A completa ausência de surpresa e a expressiva acolhida que Juliana deu ao recém-chegado provaram-lhe que o casal tinha por costume ver-se e falar-se assim, em segredo, naquele recanto isolado.

Juliana havia, prontamente, retirado o seio dos lábios do pequerrucho e, revelada a sua face diminuta, iluminada pelo sol claro, João se surpreendeu: o filho do senhorzinho Raimundo assemelhava-se ao neto do oleiro assim como um ovo se parece com outro. Todas as crianças pequenas são parecidas; mas aqueles dois eram exatamente idênticos: os mesmos olhos azuis, o mesmo nariz um tanto largo, a mesma pele de nata de leite, o mesmo

penacho louro saindo do gorro e caindo em duas mechas ralas sobre a fronte saliente.

Quão iguais são os ricos aos pobres enquanto não começa a *escravidão* do trabalho e a falta de *sustança*! João, pensando assim, deu dois passos à frente para ver melhor; as folhas farfalharam, e Juliana e Gório, assustados, quase se ajoelharam para implorar, por caridade, que não os denunciassem, que nada dissesse aos patrões do que tinha visto... Ora, falar o marido com a mulher não é pecado algum! Foi isto o que Gório exclamou, rogando ao oleiro que lhe desse razão. Quando se viu, entre os cristãos, privar o marido da vista da esposa?

— Nada temas — declarou João. — De minha parte, acho que os patrões não precisam saber disso... Eles lá que se ajudem, que nós nos ajudamos também... Não somos espiões, rapaz, nem vamos levar ninguém a pique... Eu... delatar-vos...?! Antes, cortem-me o pescoço... E se quiserdes ficar em paz e na graça de Deus, levarei o menino para minha casa... Lá, iremos entretê-lo, e tu, Juliana, poderás buscá-lo depois. Já conheces o caminho: atrás dos castanheiros, virando à direita...

— E se a joiazinha de Deus chorar? — perguntou Juliana com a involuntária e instintiva solicitude da ama pela criança.

— Se chorar, minha filha lhe dá o peito... Como tu, ela está criando um menino... — respondeu decisivamente o velho João, em cujos olhos lacrimejantes e marejados brilhava uma centelha de vontade diabólica. E, pegando o menino cuidadosamente, embalando-o e dizendo-lhe coisas a seu modo, foi embora rapidamente, deixando o casal livre e satisfeito.

Três quartos de hora depois, Juliana, sozinha, inquieta, muito receosa de, ao voltar para casa, levar uma reprimenda por estar atrasada, foi buscar o menino no casebre do oleiro, uma mísera vivenda desmantelada, onde o frio e a chuva penetravam sem dificuldade, mercê do telhado sem forro e das rachaduras e buracos nas paredes. Ela não precisou entrar: na porta, obstruída por pilhas de estrume e mato, sobre as quais duas galinhas magricelas ciscavam, o oleiro já a esperava com a criancinha nos braços, embalando-a para que não chorasse...

— Ai, meu tesouro! Que saudade ele tinha de mim... Por que bota esta cara feia? Até parece mais magro! Sim, as roupas lhe estão caindo! — gritou a ama de leite, apoderando-se do menino e apressando-se em desabotoar-se para oferecer-lhe um consolo eficaz pelo momentâneo abandono...

— Com o tempo ele bota uma cor bonita, mulher; logo vai *botar* — afirmou, filosoficamente, o velho.

E enquanto a mulher, conturbada, abraçando e encharcando o anjinho, corria em direção à quinta, João, o oleiro, sorria com a boca desdentada e esfregava as mãos secas, pensando com seus botões:

— Vão expulsar-nos e iremos pelo mundo pedindo uma esmolinha... Mas aquele que é o meu neto não há de passar necessidade; quanto ao filho dos patrões... esse, que aprenda a cozer telhas quando tiver idade suficiente... se chegar a tê-la, sabe Deus!... Em casa de pobre, as criancinhas morrem como moscas...

Tradução de Paulo Soriano.

Imagem: PS/Copilot.



EL TRUEQUE

Emilia Pardo Bazán

(1851 – 1921)

Al entrar en el bosque, el perro ladró de súbito con furia, y Raimundo, viendo que surgía de los matorrales una figura que le pareció siniestra, por instinto echó mano a la carabina cargada. Tranquilizóse, sin embargo, oyendo que el hombre que se aparecía así, murmuraba en ansiosa y suplicante voz:

—Señorito, por el alma de su madre...

Raimundo quiso registrar el bolsillo; pero el hombre, con movimiento que no carecía de dignidad, le contuvo. No era extraño que Raimundo tomase a aquel individuo por un pordiosero. Vestía ropa, si no andrajosa, raída y remendada, y zuecos gastadísimos. Su rostro estaba curtido por la intemperie, rojizo y enjuto; y sus ojos llorosos, de párpado flojo, y su cara consumida y famélica, delataban no sólo la edad, sino la miseria profunda.

—¿Qué se ofrece? —preguntó Raimundo en tono frío y perentorio.

—Se ofrece..., que no nos acaben de matar de hambre, señorito. ¡Por la salud de quien más quiera! ¡Por la salud de la señorita y del niño que acaba de nacer! Soy Juan, el tejero, que lleva una «barbaridá» de años haciendo teja ahí, en el monte del señorito...

Me ayudaba el yerno, pero me lo llevó Dios para sí, y me quedé con la hija preñada y yo anciano, sin fuerzas para amasar... Y porque me atrasé en pagar la renta, me quieren quitar la tejera, señorito..., ¡la tejera, que es nuestro pan y nuestro socorro...!

Raimundo se encogió de hombros. ¿Qué tenía que ver él con esas menudencias de pagos y de apremios? Cosas del mayordomo. ¡Que le dejasen en paz cazar y divertirse!... Lo único que se le ocurrió contestar al pobre diablo fue una objeción:

—Pero ¡si al fin no puedes trabajar! ¿De qué te sirve la tejera?

—Señorito, por las ánimas..., oiga la santa verdad... He buscado un rapaz que me ayuda, y ya lo tengo ajustado en cuatro reales..., y en poniéndonos a «sudar el alma», yo a dirigir, él a amasar y cocer, pagamos... allá para Año Nuevo..., la «metá» de la deuda. Yo no pido limosna, señor, que lo quiero ganar con mis manos... ¡Acuérdese que todos somos hombres mortales, señorito!, y que tengo que tapar dos bocas: la hija parida y el recién... La hija, por falta de «mantención», se me está quedando sin leche, señorito, porque en no teniendo, con perdón, que meter entre las muelas, el cuerpo no da de suyo cosa ninguna, ni para la crianza ni para el trabajo...

Impaciente, Raimundo fruncía el ceño; le estaban malogrando la ocasión favorable de tirar a las codornices; y al fin, él no sabía palotada de esas

trapisondas. Hizo ademán de desviar al viejo, el cual continuaba atravesado en el camino, y refunfuñó:

—Bien, bien; yo preguntaré a Frazais... Veremos que me dice de toda tu historia...

¡A Frazais! ¡Al mayordomo implacable, al exactor, a la cuña del mismo palo, al que se reía de las necesidades, las desdichas y las agonías del pobre! La esperanza de Juan, el tejero, súbitamente, se apagó como vela cuando la soplan; reprimió un suspiro sollozante, una queja furiosa y sorda; alzó la cabeza, y apartándose sin decir palabra, caló el abollado sombrero y desapareció entre el castañar, cuyo ramaje crujió lo mismo que al paso de una fiera...

Vagando desesperado, sin objeto alguno, triste hasta la muerte, encontróse Juan, después de media hora, en el parque de la quinta, que lindaba con la tejera, y se paró al oír una voz fresca que gorjeaba palabras truncadas y cariñosas. Al través de los troncos de los árboles vio sentada en un banco de piedra a una mujer joven, dando el pecho a una criatura. Bien conocía Juan a la nodriza: era la Juliana, la de Gorio Nogueiras; pero ¡qué maja, qué gorda, que diferente de cuanto «sachaba» patatas ayudando a su marido! ¡Nuestra Señora, lo que hace la «mantención»! El seno que Juliana descubría, y sobre el cual caía de plano el sol en aquel instante, parecía una pella de manteca, blanca y redonda...

Y Juan, acordándose de que su hija se iba secando, oía con indescriptible rabia el «glu, glu...» del chorrito regalado de dulce leche que se deslizaba por entre los labios del pequeñuelo, el hijo del señorito Raimundo, y que le criaría unas carnes más rollizas aún que las de Juliana, unas carnes de rosa, tiernas como las de un lechoncillo...

Mientras Juan contemplaba el grupo, sintiendo tentaciones vehementes, absurdas, de salir y hacer «una barbaridá», para vengarse de los que no les importaban que reventasen los pobres; un hombre, un labrador, se deslizaba furtivamente hasta el banco donde Juliana daba el pecho. Juan le reconoció y comprendió: era el marido del ama, Gorio Nogueiras; y el no mostrar Juliana sorpresa alguna, y la expresiva acogida que hizo al recién llegado, le probaron que los cónyuges tenían por costumbre verse y hablarse así, a escondidas, en aquel retirado lugar.

Juliana, prontamente, había retirado el seno de los bezos del mamón, y, descubierta la diminuta faz de éste, iluminada por el sol claro, Juan se sorprendió: el hijo del señorito Raimundo se asemejaba a su nieto, al nieto del tejero, como un huevo a otro; todos los niños pequeños se parecen; pero aquellos dos eran exactamente idénticos: los mismos ojos azulinos, la misma nariz algo ancha, la misma tez de nata de leche, la misma plumilla rubia

saliendo de la gorra y cayendo en dos mechones ralos sobre la frente abultada.

¡Qué iguales los ricos a los pobres, mientras no empieza la «esclavitú» del trabajo y la falta de «mantención»! Juan, cavilando así, adelantó dos pasos para ver mejor; las hojas crujieron..., y Juliana y Gorio, espantados, se echaron de rodillas a punto menos, para rogarle por caridad que no los descubriese, que no contase que los había visto... ¡Hablar un marido con su mujer no es pecado ninguno, cacho! —exclamaba Gorio, interpelando al tejero para que le diese la razón—. ¿Cuándo se ha visto entre cristianos privar al marido de la vista de la mujer?

—No pasar cuidado —declaró Juan—; que por mí, ni esto han de saber los amos... Allá ellos que se «auden», que nós nos «audamos» también... No somos espías, hombre, ni vamos a echar a pique a nadie... ¡Ir yo con el cuento! Antes me corten el gañote... Y si queredes estar en paz y en gracia de Dios, yo vos llevo el chiquillo ahí a mi casa... Allí lo poderás recoger, Juliana, que te lo entretendremos... Ya sabes el camino; detrás de los castaños, tornando a la derecha...

—¿Y si llora la joyiña de Dios? —preguntó Juliana con la involuntaria e instintiva solicitud de la nodriza por el crío.

—Si llora, la hija mía le da teta... Criando está como tú... —respondió decisivamente el viejo Juan, en cuyos ojos lacrimosos y ribeteados lució una chispa de voluntad diabólica. Y cogiendo al niño cuidadosamente, meciéndole y diciéndole cosas a su modo, se alejó rápidamente, dejando a los esposos libres y satisfechos.

Tres cuartos de hora después, Juliana, sola, inquieta, muy recelosa de que al volver a casa le riñesen por la tardanza, pasó a recoger el niño en la casucha del tejero, mísera vivienda desmantelada, donde el frío y la lluvia penetraban sin estorbo por la techumbre a teja vana y por las grietas y agujeros de las paredes. No necesitó entrar: a la puerta, que obstruían montones de estiércol y broza, sobre los cuales escarbaban dos flacas gallinas, la esperaba ya el tejero con la criatura en brazos, arrullándola para que no lloriquease...

—¡Ay riquiño, que soledades tenía de mí; que mala cara se le «viró»! ¡Si «hastra» más flaco parece! ¡Si a modo que se le cae la ropa! —chilló apurada la nodriza apoderándose del niño y apresurándose a desabrocharse para ofrecerle un consuelo eficaz de su momentáneo abandono...

—Ya se le «virará» buen color con el tiempo, mujer, ya se le «virará» —afirmó filosóficamente el viejo.

Y mientras la mujer, azorada, estrechando y alagando al angelito, corría en dirección a la quinta, Juan, el tejero, sonreía con su desdentada boca, y se restregaba las secas manos, pensando en su interior: A nosotros nos echarán y nos iremos por el mundo pidiendo una limosnita... pero lo que es el nieto mío, pasar no ha de pasar necesidá; y el hijo de los amos..., ése, que «adeprenda» a cocer teja cuando tenga la edá..., si llega a tenerla, que ¡sábelo Dios! En casa del pobre muérense los chiquillos como moscas...

Imagen: PS/Copilot.



A CRUZ DO DIABO

Saturnino Calleja
(1853 – 1915)

Numa cidade de Navarra, havia um senhor que era o terror de todas aquelas terras: ele era tão malévolos que até mesmo o demônio o invejava.

Era ele tão perverso que o rei o repreendeu e o desterrou do reino.

Enquanto ele vivia naquelas plagas, ouvia-se continuamente a trombeta de caça. Os cavalos daqueles homens e os de seus amigos devastavam as terras semeadas, atropelavam casas, matavam jovens e anciãos, punham fogo nas vivendas, choças e casas. E tal medo infundiam no ânimo daquelas pobres gentes que, mal soava a trombeta de caça nas portas do castelo, ou viam chegar a turba em cavalgada, punham-se a tremer, fechavam as portas e janelas e não cessavam de rezar.

Quando o senhor foi desterrado, a região ficou tranquila, recobrando a vida que antes tinha. Os campos frutificavam e produziam tanto que era uma bênção de Deus.

Passaram-se os anos e o castelo entrou em ruínas.

Ninguém mais se recordava daquele senhor, nem de suas façanhas, quando se apossou do castelo uma súcia de bandoleiros, tão invisível quanto impossível de encontrar, que já corria de boca em boca que eram fantasmas e almas penadas mandadas pelo senhor do castelo, que tão malévolos havia sido em vida.

Justificava tais rumores o fato de que o capitão envergava a mesma armadura que aquele infame havia usado, e que vestia quando o proscreveram.

Voltaram a acender os lumes à noite, a entoar os cantos orgíacos, a roubar as casas, a queimar e arrasar os campos. E renasceram a intranquilidade e o desassossego.

Todas as noites acendiam, numa das mais altas torres do castelo, um lume rubro, que parecia um enorme olho, cuja luz atravessava a espessura do bosque, iluminando-o com uma luz sinistra que antes parecia um incêndio.

Alguns corajosos das localidades imediatas, que se atreveram a acercar-se do castelo, ouviram coisas tais que voltaram correndo para as suas casas com o cabelo eriçado e dando dente com dente.

— Mas o que vós ouvistes? — perguntaram-lhe as autoridades.

— Ai, ai, ai! — gritavam cheios de terror.

— Mas o que ouvistes, covardões? — repetiam.

— Pois, verão os senhores — diziam aqueles infelizes enquanto se acalmavam. — Às doze da noite, assomamos à porta do castelo, e ao soar a meia-noite, ouvimos ruídos de correntes, alaridos horríveis e gargalhadas aterradoras. Arrepiamo-nos todos e saímos correndo como gamos.

— Sois uns covardes! — gritou o juiz. — Por nada vos assustais!

— Então, vá lá o senhor! — exclamaram aqueles infelizes, tremendo. — O senhor verá o que é bom...

O juiz chamou imediatamente o aguazil e quinze ou vinte moços, armados de flechas e lanças, e partiram para o castelo. Ao sair da vila, seguiam muito decididos. Mas, conforme se afastavam, se lhes ia passando o entusiasmo, e por pouco estariam determinados a correr à entrada do bosque, se o juiz, que era um homem de coragem, e que seguia à frente de todos, não lhes sobrepujasse o medo com o seu exemplo.

Quando se aproximaram da porta do castelo, ouviram o rumor de uma orgia: canções, gritos, entrecocar de copos e, destacando-se sobre tudo isto, uma voz aterrorizante — a do capitão —, que dizia:

— Ânimo, companheiros! Brindemos à Saúde de Satanás!

Uma gargalhada acompanhou aquele brinde e se ouviu o entrecocar de taças.

Os moços que acompanhavam o juiz, profundamente espantados, de boa vontade teriam fugido, se o juiz não lhes gritasse energicamente:

— Mesmo que seja o diabo em pessoa, eu o levarei amarrado até a prisão da vila!

E, empunhando o bastão, deu três golpes na porta, exclamando:

— Abri em nome da Justiça!

Naquele instante, a porta se abriu, por si mesma, sem fazer o menor ruído, e o juiz, precedido de alguns moços providos de archotes, penetrou resolutamente no castelo.

Percorreu um por um os recintos e encontrou apenas sinais de que ali se celebrara um banquete. E, sobre uma mesa desarrumada, viu várias taças caídas, destilando um líquido semelhante ao vinho, mas que recendia a enxofre a dez varas de distância.

Não contente com isto, o juiz desceu aos porões do castelo e ali encontrou o panteão onde repousava o seu dono, aquele cujas qualidades lhe fizeram merecer o ódio de todos. E, avançando à tumba, tocou com o seu bastão na lápide, dizendo:

— Em nome de Deus e da Justiça, eu te ordeno que compareças à minha presença, para que recebas o castigo que mereces pelos teus crimes.

Ressou de dentro da tumba uma horrível gargalhada, que estremeceu a todos, menos ao juiz, que gritou:

— Eu te prometo, por Deus que nos ouve, que não hás de tardar muito em pagar o que mereces na Terra, já que seguramente o estás purgando no Inferno!

Dito isto, retirou-se, acompanhado de todos os que o escoltavam e que estavam admirados da temerária impavidez do juiz.

Todavia, os saques e as devastações continuaram.

As lágrimas de dor e o luto dos mortos por aqueles infames, o desespero dos pais e das famílias formaram um coro tal que chegou aos ouvidos dos reis e estes enviaram uma torrente de forças militares e juízes inquisidores para dar cabo de tanta iniquidade.

As forças conseguiram apoderar-se dos ladrões, até mesmo de seu chefe, e, uma vez presos, julgados e sentenciados, foram todos enforcados, exceto o chefe, que se logrou evadir da prisão.

Enforcados os vinte bandidos, parecia natural que a região recobrasse a sua tranquilidade.

De fato, enquanto esteve preso o chefe, as luzes nas ruínas não foram acesas, nem se ouviu o ruído da orgia, nem se devastaram os campos, nem se cometeram crimes. Mas, assim que ele conseguiu escapar, repetiram-se estas cenas aterrorizantes.

Organizou-se, então, uma cruzada em todo país: para os soldados, juízes, inquisidores e magistrados era questão de honra prender aqueles desalmados e acabar com eles.

Certa noite, à hora em que aqueles homens celebravam as suas reuniões, penetraram no castelo e prenderam os companheiros dos enforcados e mesmo o capitão.

Encarceraram todos, inclusive o capitão, que estava encoberto pela amadura de ferro, e no qual amarraram a uma argola.

Um dia, quando iam julgá-los, o carcereiro entrou para levar a comida ao preso. Mas este desabou à sua vista, desfazendo-se as peças de sua

armadura, de modo que não cabia dúvida quanto à desapareição de seu dono. Ao desfazer-se, aos seus olhos, peça por peça, a amadura, uma gargalhada infernal o aterrorizou.

Deu parte à Justiça, e esta mandou que recolhesse a armadura e a guardasse como prova material. Mal foram colhidas as peças da armadura, esta, armando-se de repente, escapou do lugar em que a haviam colocado.

Voltaram os terrores, até que novamente foi preso o capitão.

Então, um velho inquisidor, supondo que fora o diabo quem se havia metido na armadura do capitão, propôs — no que foi atendido — que a armadura e o cavaleiro fossem fundidos, e que se fizesse com o ferro resultante uma cruz.

Assim se fez. Fundiu-se a cruz, que foi colocada como sinal nos lugares em que o cavaleiro mais havia frequentado.

Enquanto fundiam a armadura, dela saíam gargalhadas cavernosas e horrendas, que atemorizaram os fundidores.

Onde era colocada a cruz, a relva secava, e tão só o seu aspecto fazia tremer o caminhante. Daí o seu nome de cruz do diabo.

Mas, quando consagrada pelo sacerdote do local, brotaram ao seu redor lindas flores, e sua sombra tornou benéfica, porque o poder de Deus a tudo purifica.

Tradução de Paulo Soriano.

Imagem: PS/Copilot.



LA CRUZ DEL DIABLO

Saturnino Calleja
(1853 – 1915)

En un pueblo de Navarra había un señor que era el terror de todas aquellas tierras: tan malo era, que el mismo demonio le tenía envidia.

Era tan perverso, que el rey hubo de llamarle al orden y aun desterrarle del reino.

Mientras él vivió en la comarca, se oía de continuo el cuerno de caza; los caballos de aquel hombre y los de sus amigos estropeaban sembrados, atropellaban casas, mataban jóvenes y ancianos, pegaban fuego a las habitaciones, chozas y casas; y tal miedo habían puesto en el ánimo de aquellas pobres gentes, que apenas sonaba el cuerno de caza en las puertas del castillo o veían venir la cabalgata, se ponían a temblar, cerraban puertas y ventanas y no cesaban de rezar.

Cuando salió desterrado, quedó la comarca tranquila, recobró la vida que antes tenía, los campos fructificaban, y producían que era una bendición de Dios.

Pasaron los años, y el castillo comenzó a derruirse.

Ya nadie se acordaba de aquel señor ni de sus fechorías, cuando vino a posesionarse del castillo una partida de bandoleros, tan invisible y tan imposible de encontrar, que ya se corría de boca en boca que eran fantasmas y almas en pena mandadas por el señor de aquel castillo, que tan malo había sido en vida.

Acreditaba este rumor el hecho de que el capitán llevaba puesta la misma armadura que había usado aquel infame, y que se había llevado puesta cuando le desterraron de aquellos lugares.

Volvieron a estar encendidas por las noches las luces, a sonar los cantos báquicos, a ser robadas las casas y quemados y arrasados los campos, y nacieron de nuevo la intranquilidad y el desasosiego.

Todas las noches se encendía en una de las más altas torres del castillo una luz encarnada que parecía un ojo enorme, cuya luz atravesaba la espesura del bosque, iluminándole con luz siniestra que parecía un incendio.

Algunos valientes de los pueblos inmediatos que se habían atrevido a acercarse oyeron tales cosas, que volvían corriendo a sus casas con el cabello erizado y dando diente con diente.

— Pero, ¿qué han oído ustedes? — les preguntaban las autoridades.

— ¡Ay, ay, ay! — gritaban llenos de terror.

— Pero, ¿qué es lo que han oído, cobardones? — repetían.

— Pues, verán ustedes — decían aquellos infelices en cuanto lograban serenarse. — A las doce de la noche nos asomamos a las puertas del castillo, y

al sonar la hora de la media noche oímos ruidos de cadenas, alaridos horribles y carcajadas aterradoras; se nos puso la carne de gallina, y salimos corriendo como gamos.

— ¡Son ustedes unos cobardes! — gritó el juez. — ¡Por algo se les puso la carne de gallina!

— Pues vaya usted allí — exclamaron aquellos infelices temblando; — ya verá usted lo que es bueno.

El juez llamó en el acto al alguacil y a quince o veinte mozos armados de flechas y lanzas, y partieron hacia el castillo. Al salir del pueblo iban muy decididos; pero conforme se alejaban se les iba pasando el entusiasmo, y en poco estuvo que todos apretaran a correr a la entrada del bosque, si no hubiera sido por el juez, que era hombre valeroso, y que marchando a la cabeza de todos les quitaba el miedo con su ejemplo.

Al aproximarse a la puerta del castillo oyóse el rumor de una orgía; canciones, gritos, chocar de vasos y, destacándose sobre todo esto, una voz terrorífica, la del capitán, que decía:

— ¡Ánimo, compañeros; brindemos a la salud de Satanás!

Una carcajada coreó aquel brindis, y se oyó el chocar de copas.

Los mozos que acompañaban al juez quedaron sobrecogidos de espanto, y de buena gana hubieran echado a correr, a no haberles gritado el juez con energía:

— ¡Aunque se tratara del propio diablo en persona, me lo llevo yo esta noche amarrado hasta la cárcel del pueblo!

Y empuñando el bastón dio tres golpes en la puerta diciendo:

— ¡Abrid a la justicia!

En aquel momento se abrió por sí misma la puerta sin hacer el menor ruido, y el juez, precedido de algunos mozos provistos de antorchas, penetró resueltamente en el castillo.

Registró una por una todas las habitaciones, y no encontró más que señales de haberse celebrado allí un banquete, y sobre una mesa desvencijada, varias copas caídas destilando un líquido parecido al vino, pero que olía a azufre desde diez varas.

No contento con esto, el juez descendió a las cuevas del castillo, y allí encontró el panteón donde reposaba el dueño, aquel cuyas cualidades le hicieron merecer el odio de todos, y avanzando hacia la tumba, tocó con su bastón la lápida y dijo:

— ¡En nombre de Dios y de la justicia te emplazo para que comparescas ante mí a recibir el castigo que tus crímenes merecen!

Resonó dentro de la tumba una horrible carcajada que estremeció a todos menos al juez, que gritó:

— ¡Te prometo, por Dios que nos oye, que no has de tardar mucho en pagar tu merecido en la tierra, ya que de seguro estás purgándolo en el infierno!

Dicho esto se retiró, acompañado de todos los que le escoltaban y que estaban admirados del valor temerario del juez.

Sin embargo, los saqueos y las devastaciones continuaron.

Las lágrimas de dolor y el luto de los muertos por aquellos infames, la desesperación de los padres y de las familias formaron un coro tal, que llegaron hasta los oídos de los reyes, y éstos enviaron un gran golpe de fuerzas y jueces e inquisidores para poner coto a tantas iniquidades.

Aquellas fuerzas lograron apoderarse de los ladrones, incluso su capitán, y, una vez presos, juzgados y sentenciados, fueron ahorcados todos, a excepción del jefe, que logró evadirse de la prisión.

Ahorcados aquellos veinte bandidos, parecía natural que la comarca recobrase su tranquilidad.

En efecto; en tanto que estuvo preso el jefe no se encendieron en las ruinas las luces, ni se sintió el ruido de la orgía, ni se estropearon los campos, ni se cometieron delitos; pero, así que logró escapar, repitieron estas terroríficas escenas.

Organizóse entonces una cruzada en todo el país: para los soldados, jueces, inquisidores y magistrados fue cuestión de honor prender a aquellos desalmados y acabar con ellos.

Una noche, a la hora en que aquellos hombres celebraban sus reuniones, penetraron en el castillo, y prendieron a los compañeros de los ahorcados, y al mismo capitán.

Encerróse a todos, incluso el capitán, que iba encubierto con una armadura de hierro, y al cual amarraron a una argolla.

Un día, cuando iban a juzgarlos, el carcelero entró a llevar la comida al preso; pero éste se desplomó a su vista, deshaciéndose las piezas de su armadura, de modo que no cabía duda de la desaparición del dueño: el carcelero sintió al desplomarse la armadura una carcajada infernal que le aterró.

Dio parte a la justicia, y ésta mandó que se sacara la armadura y se guardase como pieza de convicción. Apenas fueron sacadas las piezas de la armadura, cuando, armándose de repente, escapó del lugar en que la habían colocado.

Volvieron los terrores, hasta que de nuevo fue preso su dueño.

Entonces un inquisidor viejo, suponiendo que era el diablo el que se había metido en la armadura del capitán, propuso, y fue aceptado, que armadura y caballero fuesen fundidos, y con el hierro que resultase se hiciera una cruz.

Hízose así, y fundióse la cruz, que se colocó como señal en los lugares que más había frecuentado.

Cuando se estaba fundiendo la armadura salían de ella carcajadas huecas y horribles que atemorizaron a los fundidores.

Colocada la cruz, donde se puso se secó la hierba, y su solo aspecto hacía temblar al caminante. De ahí su nombre de cruz del diablo.

Pero apenas consagrada por el sacerdote del lugar, brotaron a su lado hermosas flores, y su sombra fue benéfica, porque el poder de Dios lo purifica todo.

Imagen: PS/Copilot.



O AMIGO DO DEMÔNIO

João Manuel de Castela
(1282 – 1348)

— Senhor conde Lucanor — disse Patronio —, um homem que havia sido rico ficou tão pobre que não tinha o que comer. Como não há no mundo maior desgraça que o infortúnio para o que já foi ditoso, aquele homem, que de tanta prosperidade havia sucumbido a tanta desventura, estava muito triste. Um dia, em que caminhava sozinho no bosque, muito aflito e preocupado, encontrou-se com o demônio. Como este sabe tudo o que acontece, sabia por que aquele homem estava tão triste. Apesar disto, perguntou-lhe a causa de sua tristeza.

O homem indagou por que motivo falaria, já que não havia como ser ajudado. O demônio replicou que, se ele lhe rendesse obediência, iria remediá-lo. E, para que o homem visse o que poderia fazer em seu favor, disse-lhe aquilo em que vinha pensando e a razão pela qual estava triste. Então contou ao homem a sua própria história e o motivo de sua tristeza, como quem muito bem de tudo sabia.

Disse-lhe, também, que, se quisesse fazer o que lhe dissesse, o tiraria da miséria e o faria mais rico que qualquer outro de sua linhagem, porquanto era o demônio e podia mesmo realizar tais coisas.

Quando o homem o ouviu dizer que era o demônio, ficou com muito medo, mas pela aflição e penúria em que encontrava, respondeu que, se voltasse a ficar rico, faria o que o demônio quisesse.

Saiba que demônio procura o momento mais propício para nos enganar. Quando o homem está em estado de muita necessidade ou abatimento, ou muito inquieto pelo temor ou pelo desejo de algo, consegue dele tudo o que se quer. Por isto, ao ver a aflição do homem, o demônio buscou um modo de enganá-lo.

Então fizeram um pacto e o homem declarou-se vassalo do demônio. Feito isto, disse-lhe o demônio que, doravante, passasse a roubar, pois nunca encontraria porta ou casa tão bem trancadas que não lhe fossem abertas, e que, se por acaso se visse em algum perigo, ou se fosse levado à prisão, não teria mais que o chamar, dizendo: “Socorra-me, dom Martín”, para que ele viesse, imediatamente, para livrá-lo daquele perigo. Depois, separaram-se.

Quando anoiteceu, o homem rumou à casa de um mercador, pois os que querem fazer o mal têm aversão à luz. Ao chegar à porta, abriu-a o demônio, que fez o mesmo com as arcas, de modo que o homem pôde assenhorar-se de uma grande quantidade de dinheiro. No dia seguinte, fez um furto muito grande, e depois outro, até que ficou tão rico que não mais se recordava da miséria que havia passado.

O infeliz, não satisfeito por sair da pobreza, continuou roubando. Tanto roubou que acabou por ser preso. E quando o prenderam, clamou por dom Martín.

Dom Martín chegou muito depressa e o livrou em seguida. Ao ver o homem que dom Martín cumpria a sua palavra, voltou a roubar e tanto roubou que chegou a ser muitíssimo rico.

Num destes roubos, foi novamente preso e chamou dom Martín, que não veio tão depressa quanto ele queria. Os juízes do lugar onde ele praticara o roubo já haviam começado a fazer as suas averiguações. Quando chegou dom Martín, o homem lhe disse:

— Ah, dom Martín, quanto medo eu passei! Por que não vieste antes?

Respondeu-lhe dom Martín que estava ocupado com um assunto urgente e que por isso se atrasara. Imediatamente, tirou-o da prisão.

O homem voltou a roubar. Ao cabo de muitos roubos, foi de novo preso e, realizado pelos juízes o interrogatório, foi condenado. Prolatada a sentença, veio dom Martín e o pôs na rua. Vendo o homem que dom Martín sempre o soltava, continuou roubando. Outra vez foi preso e chamou dom Martín, mas quando este chegou, o homem já havia sido condenado à morte. Recorreu dom Martín ao indulto real e, deste modo, voltou a libertá-lo.

Continuou roubando, foi preso outra vez e chamou dom Martín, mas quando este chegou, estava o homem ao pé da forca. Ao vê-lo, disse o homem:

— Ah, dom Martim, saiba que esta não foi de brincadeira! Não sabes o medo que tive!

Dom Martín lhe disse que lhe trazia quinhentos maravedis⁴ em uma bolsa, que os desse ao juiz e que, desta maneira, ficaria livre. O juiz havia dado a ordem de que o enforcassem e já estavam procurando a corda para isto. Enquanto a procuravam, chegou o homem ao juiz e lhe deu a bolsa. Crendo o juiz que o sentenciado lhe dera muito dinheiro, disse às pessoas que ali se encontravam:

— Amigos, alguém já viu faltar corda para enforcar um homem? Eu creio que este homem é inocente e, como Deus não quer que ele morra, faltanos agora a corda. Esperemos até amanhã e vejamo-lo com mais atenção, porque, se ele for culpado, tempo nos resta para fazer justiça.

O juiz dizia isto para libertá-lo em troca do dinheiro que havia recebido, mas quando se afastou e olhou a bolsa de couro, em vez do dinheiro encontrou uma corda de enforcar. Imediatamente, mandou pendurar o prisioneiro. Tendo o verdugo ajustado aquela mesma corda ao seu pescoço, o homem pediu a dom Martín que o socorresse. Replicou dom Martín que sempre ajudava a todos os seus amigos, mas até que estes chegassem ao extremo do patíbulo; depois, não mais. Deste modo, perdeu aquele homem a vida e a alma por crer e fiar-se do demônio.

Tradução de Paulo Soriano.

⁴Maravedi: antiga moeda da Península Ibérica.

AMIGO DEL DEMONIO

Juan Manuel de Castilla
(1282 – 1348)

—Señor conde —dijo Patronio—, un hombre que había sido rico se quedó tan pobre que no tenía qué comer. Como no hay en el mundo mayor desgracia que el infortunio para el que siempre ha sido dichoso, aquel hombre, que de tanta prosperidad había venido a tanta desventura, estaba muy triste. Un día que iba solo por un monte, muy afligido y muy preocupado, se encontró con el demonio. Como éste sabe todo lo que ha pasado, sabía por qué aquel hombre estaba tan triste: a pesar de ello, le preguntó la causa de su tristeza.

Él le contestó que para qué iba a decírselo, ya que no podía ponerle remedio. Replicole el demonio que si él quería obedecerle le remediaría, y que, para que viera que lo podía hacer, le diría en qué venía pensando y por qué estaba triste. Entonces le contó su propia historia y le dijo el motivo de su tristeza, como quien muy bien lo sabía.

Díjole también que, si quisiera hacer lo que él le dijese, le sacaría de la miseria y le haría más rico que nunca había sido ninguno de su linaje, pues era el demonio y lo podía hacer.

Cuando el hombre le oyó decir que era el demonio, tuvo mucho miedo, pero por la aflicción y penuria en que se encontraba le respondió que si le volvía a hacer rico, haría lo que quisiese.

Tened presente que el demonio busca el momento más a propósito para engañaros: cuando está el hombre en mucha estrechez o mucho abatimiento, o muy acuciado por el temor o el deseo de algo, consigue de él todo lo que quiere; por eso buscó el modo de engañar a este hombre al verle afligido.

Entonces hicieron un convenio y el hombre se declaró su vasallo. Hecho esto, le dijo el demonio que de allí en adelante fuera a robar, pues nunca encontraría puerta ni casa tan bien cerrada que él no se la abriera, y que si por casualidad se viese en algún peligro o le llevaran a la cárcel, no tenía más que llamarle diciendo: “Socorredme, don Martín”, para que él viniera inmediatamente a librarle de aquel peligro. Después de lo cual se separaron.

El hombre se dirigió, cuando vino la noche, a casa de un mercader, pues los que quieren hacer mal aborrecen la luz; al llegar a la puerta se la abrió el demonio, que hizo lo mismo con las arcas, de modo que pudo tomar una gran cantidad de dinero. Al día siguiente hizo un robo muy grande, y después otro, hasta que fue tan rico que ya no se acordaba de la miseria que había pasado.

El desgraciado, no satisfecho con haber salido de pobreza, siguió robando. Tanto robó que acabó por ser preso. En cuanto le prendieron llamó a don Martín. Don Martín llegó muy de prisa y le libró en seguida. Al ver el hombre que don Martín cumplía su palabra, volvió a robar, y tanto robó que llegó a ser muy rico.

En uno de estos robos fue otra vez preso y llamó a don Martín, que no vino tan de prisa como él quisiera. Los jueces del lugar donde había robado habían ya empezado a hacer sus pesquisas. Cuando llegó don Martín, el hombre le dijo:

—¡Ah, don Martín, cuánto miedo he pasado! ¿Por qué no habéis venido antes?

Contestole don Martín que estaba ocupado con un asunto muy urgente y que por eso se había retrasado. Inmediatamente le sacó de la cárcel.

El hombre volvió a robar. Al cabo de muchos robos fue de nuevo preso y, hecha por los jueces la indagación, fue condenado. Dada la sentencia, vino don Martín y le puso en la calle. Viendo que don Martín siempre le libraba, siguió robando. Otra vez fue preso y llamó a don Martín, pero éste no vino hasta que ya había sido condenado a muerte. Recurrió don Martín al indulto real y de este modo volvió a libertarle.

Siguió robando, fue otra vez preso y llamó a don Martín, pero cuando vino estaba el hombre al pie de la horca. Al verle le dijo:

—Ay, don Martín, que esto no era broma! No sabéis el miedo que he pasado.

Don Martín le dijo que le traía quinientos maravedíes en una escarcela, que se los diese al juez y que de esta manera quedaría libre. El juez había dado ya la orden de que le ahorcasen y estaban buscando cuerda para ello. Mientras la buscaban, llegó el hombre al juez y le dio la escarcela. Creyendo el juez que le había dado mucho dinero, dijo a las gentes que estaban allí:

—Amigos, ¿quién vio nunca que no hubiera sogas para ahorcar a un hombre? Yo creo que éste es inocente y que, como Dios no quiere que muera, falta la soga. Esperemos hasta mañana y veámoslo con más detención, que, si es culpable, tiempo nos queda para hacer justicia.

Esto decía el juez para librarle por el dinero que creía le había dado, pero cuando se apartó y miró la escarcela, en lugar de dinero halló dentro una soga. Inmediatamente le mandó ahorcar. Echándole el verdugo el dogal al cuello le pidió a don Martín que le socorriera. Replicó don Martín que él siempre ayudaba a sus amigos hasta ponerles en un trance así. De este modo perdió aquel hombre la vida y el alma por creer y fiarse del demonio.

A LÁPIDE DA MENTIRA

(Excerto de *Drácula*)

Bram Stoker

(1847 – 1912)

— Mas — respondi —, seguramente você não está de todo certo quanto ao que disse, já que parte da suposição de que todas essas pobres pessoas, ou seus espíritos, terão que carregar consigo as próprias lápides no Dia do Juízo. Você acha que isso será realmente necessário?

— Bem, para que mais servem as lápides? Responda-me isso, senhorita!

— Para agradar a seus parentes, suponho.

— Para agradar a seus parentes, você supõe!
— disse o velho, com uma entonação de intenso desprezo. — Como podem os parentes dos mortos sentir algum prazer, mesmo sabendo que tudo o que se escreve nas lápides não passa de mentiras, e que todo mundo aqui, neste lugar, sabe que são de fato mentiras?

Ele apontou para uma pedra aos nossos pés, que havia sido colocada à guisa de lápide, e sobre a qual o nosso banco descansava, próximo à margem do penhasco.

— Leiam as mentiras que estão sobre esta lápide — disse ele.

De onde eu estava sentada, as letras apareciam de cabeça para baixo. Lucy, porém, estando de frente para a inscrição, inclinou-se e leu:

— À sagrada memória de George Canon, que morreu, na esperança de uma gloriosa ressurreição, em 29 de julho de 1873, ao cair dos rochedos em Kettleness. Este túmulo foi erigido por sua pesarosa mãe para o seu filho amado. Ele era o único filho de uma mãe viúva. — Realmente, Sr. Swales, não vejo nada de muito engraçado nisso!

Ela fez este comentário com uma expressão muito grave e um tanto severa.

— Ah, você não vê nada de engraçado nisto! Ha! ha! Mas isso é porque você não sabe que essa mãe pesarosa era na verdade uma bruxa que odiava o filho, por ser ele um incapacitado — e, lamentavelmente, ele o era —; já o filho a odiava de tal maneira que cometeu suicídio somente para impedi-la de receber o pagamento do seguro que ela fizera sobre a vida dele. Ele fez voar o topo da própria cabeça com uma velha escopeta que eles usavam para afugentar os corvos. Mas, naquela ocasião, ele não atirou para assustar os corvos, senão para atrair a si as moscas-de-cavalo⁵ e as gralhas-pretas⁶. Foi assim que ele despencou dos rochedos. E, quanto às esperanças de uma gloriosa ressurreição, eu o ouvi muitas vezes dizer, senhorita, que preferia ir para o inferno, pois sua mãe era tão piedosa que seguramente iria para o céu, e ele não queria jazer onde ela estaria. Agora, diga-me — ele golpeava a lápide com a bengala enquanto falava —: isto não é um monte de mentiras? E isto não fará Gabriel⁷ gargalhar quando, ofegante, Geordie chegar-lhe, com a lápide equilibrada na corcunda, pedindo que a inscrição lhe sirva como prova?

Eu não sabia o que responder, mas Lucy mudou rumo da conversa quando, levantando-se, disse:

— Oh, por que você nos contou isso? É meu assento favorito e eu não posso abandoná-lo; e agora descubro que devo continuar sentando-me sobre o túmulo de um suicida.

— Isso não vai lhe fazer mal algum, minha linda; e pode fazer o pobre Geordie mais feliz por ter uma moça tão formosa em seu colo...

Tradução de Paulo Soriano.

⁵As moscas-de-cavalo são assim chamadas porque costumam pousar nas bordas das feridas dos cavalos para sugar-lhes o sangue.

⁶As gralhas-pretas, aves da família dos corvos, alimentam-se frequentemente de cadáveres de outros animais.

⁷O autor refere-se ao arcanjo Gabriel, a quem, segundo a tradição cristã, caberá tocar a trombeta, sinalizando os fins dos tempos e anunciando o Juízo Final.

LA LÁPIDA DE LA MENTIRA

(Extracto de *Drácula*)

Bram Stoker

(1847 – 1912)

—Pero —dije—, seguramente no es esto del todo correcto porque usted parte del supuesto de que toda la pobre gente, o sus espíritus, tendrán que llevar consigo sus lápidas en el Día del Juicio. ¿Cree usted que eso será realmente necesario?

—Bueno, ¿para qué otra cosa pueden ser esas lápidas? ¡Contésteme eso, querida!

—Supongo que para agradar a sus familiares.

—¡Supone que para agradar a sus familiares! —sus palabras estaban impregnadas de un intenso sarcasmo—. ¿Cómo puede agradarle a sus familiares el saber que todo lo que hay escrito ahí es una mentira, y que todo el mundo, en este lugar, sabe que lo es? Señaló hacia una piedra que estaba a nuestros pies y que había sido colocada a guisa de lápida, sobre la cual descansaba la silla, cerca de la orilla del peñasco.

—Lean las mentiras que están sobre esa lápida —dijo.

Las letras quedaban de cabeza desde donde yo estaba; pero Lucy quedaba frente a ellas, de manera que se inclinó y leyó:

—A la sagrada memoria de George Canon, quien murió en la esperanza de una gloriosa resurrección, el 29 de julio de 1873, al caer de las rocas en Kettleness. Esta tumba fue erigida por su doliente madre para su muy amado hijo. "Era el hijo único de su madre que era viuda." A decir verdad, señor Swales, yo no veo nada de gracioso

en eso —sus palabras fueron pronunciadas con suma gravedad y con cierta severidad.

—¡No lo encuentra gracioso! ¡Ja! ¡Ja! Pero eso es porque no sabe que la doliente madre era una bruja que lo odiaba porque era un pillo..., un verdadero pillo...; y él la odiaba de tal manera que se suicidó para que no cobrara un seguro que ella había comprado sobre su vida. Casi se voló la tapa de los sesos con una vieja escopeta que usaban para espantar los cuervos; no la apuntó hacia los cuervos esa vez, pero hizo que cayeran sobre él otros objetos. Fue así como cayó de las rocas. Y en lo que se refiere a las esperanzas de una gloriosa resurrección, con frecuencia le oí decir, señorita, que esperaba irse al infierno porque su madre era tan piadosa que seguramente iría al cielo y él no deseaba encontrarse en el mismo lugar en que estuviera ella. Ahora, en todo caso, ¿no es eso una sarta de mentiras? —y subrayó las palabras con su bastón—. Y vaya si hará reír a Gabriel cuando Geordie suba jadeante por las rocas con su lápida equilibrada sobre la joroba, ¡y pida que sea tomada como evidencia!

No supe qué decir; pero Lucy cambió la conversación al decir, mientras se ponía de pie:

—¿Por qué nos habló sobre esto? Es mi asiento favorito y no puedo dejarlo, y ahora descubro que debo seguir sentándome sobre la tumba de un suicida.

—Eso no le hará ningún mal, preciosa, y puede que Geordie se alegre de tener a una chica tan esbelta sobre su regazo...

Traducción de autor desconocido.

Texto de dominio público.

Fuente: Domínio Público (www.dominiopublico.gov.br)

NOSSOS CONTOS

NUESTROS CUENTOS



OCASO AO AMANHECER

Carlos Enrique Saldívar



Amo-te mais do que a mim próprio, princesa.

Lembro-me de quando te vi pela primeira vez, num anoitecer em que saíste para a floresta para apanhar ramos, eu morava longe dali e tinha vindo àquelas paragens em busca de alimento. A tua pele cor de canela, teu olhar leonino e os teus cabelos ondulados fizeram-me desejar-te imediatamente. Detectaste a maldade em mim assim que me viste, ficaste assustada e na defensiva, mas eu jurei não te fazer mal.

Cedeste à minha sedução, no fundo sabias que éramos afins. Nossos encontros tornaram-se frequentes, disseste-me que havias crescido sozinha nas ruas de Lima, que tinhas vindo a esta província porque, depois da tua passagem pelo mundo, tinhas deixado para trás muita dor e desespero. Vivias num convento, as freiras tinham-te acolhido, davam-te afeto, era quase um lar. Nada falaste de mim. Pediram-te que

fizeste votos de castidade, não pudeste realizá-los, querias amar, amar-me, entregaste-te a mim, nua, voluptuosa, nunca uma mulher me tinha feito tão feliz. Noites intensas de paixão. Noites sem Lua. Adorávamo-nos um ao outro, duas criaturas impressionantes na imensidão do mundo. Dois seres minúsculos e imperfeitos que haviam encontrado alguém em quem confiar. Já não estávamos sós. Um ano de felicidade.

No entanto, adveio a desgraça, talvez por minha causa.

Tornava-te incontrollável nas noites de luar, as que de te cuidavam não podiam prever que roubarias uma cópia da chave da tua cela e fugirias durante a tua transformação. Felizmente, não atacaste nenhuma de tuas benfeitoras, que fecharam a chave os próprios aposentos, resguardados por portas de metal. Depois, dirigiste-te à cidade, devorastes homens, mulheres e crianças.

Assim tem sido nas últimas noites, e já não é a Lua, é algo mais, uma necessidade, o teu instinto.

Por isso, sendo o único capaz de te conter, carreguei uma arma com uma bala de prata e, nesta floresta, onde se deu o nosso primeiro encontro, dei-te um tiro no coração.

Ajoelhado junto à tua beleza inerte, agora totalmente humana, decidi esperar a extinção. Não me preocupa o teu corpo, as freiras encontrá-lo-ão e terás uma sepultura cristã. Não poderão enterrar-me contigo, porque a alvorada chegou e o Sol está a converter-me em cinzas. Cinzas de sangue. De um amor impossível. Brutal. Verdadeiro.

Tradução de Paulo Soriano.

Ilustração: PS/Copilot.

OCASO AL AMANECER

Carlos Enrique Saldívar

Te amo, más que a mí mismo, princesa.

Recuerdo cuando te vi por primera vez, un anochecer cuando saliste al bosque para recolectar ramas, yo habitaba lejos de allí y había llegado a esos parajes en busca de alimento. Tu piel canela, tu mirada leonina y tu cabello ondulado me hicieron desearte de inmediato. Detectaste la maldad en mí una vez me viste, te asustaste y te pusiste a la defensiva, pero yo juré no lastimarte.

Cediste a mi seducción, en el fondo sabías que éramos afines. Nuestros encuentros se hicieron frecuentes, me dijiste que te habías criado sola en las calles de Lima, que habías venido a esta provincia, pues, tras tu paso por el mundo, dejaste mucho dolor y desesperación. Habitabas en un convento, las monjas te habían acogido, te brindaban afecto, era casi un hogar. No les contaste sobre mí. Te pidieron que hicieras votos de castidad, no pudiste realizarlos, querías amar, amarme a mí, te me entregaste, desnuda, voluptuosa, nunca una mujer me había hecho tan dichoso. Noches intensas de pasión. Noches sin luna. Nos adorábamos, dos criaturas impresionantes en la inmensidad del mundo. Dos seres nimios e imperfectos que habían encontrado alguien en quien confiar. Ya no estábamos solos. Un año de dicha.

No obstante, llegó la desgracia, por mi causa tal vez.

Te tornabas incontrolable las noches de luna, las que te cuidaban no pudieron prever que robarías una copia de la llave de tu celda y

te escaparías mientras se daba tu transformación. Por fortuna no atacaste a ninguna de tus benefactoras, cerraron con llave sus aposentos, resguardados por puertas de metal. Entonces te dirigiste al pueblo, devoraste hombres, mujeres y niños.

Ha sido así estas últimas noches, ya no es la Luna, es algo más, una necesidad, tu instinto. Por eso, siendo el único capaz de contenerte, cargué un arma con una bala de plata y en este bosque, donde se dio nuestro primer encuentro, te disparé en el corazón.

Arrodillado junto a tu belleza inerte, ya humana en su totalidad, he decidido esperar la extinción. No me preocupa tu cuerpo, las monjas lo hallarán y tendrás cristiana sepultura. No podrán enterrarme contigo, pues ha llegado el amanecer y el sol me está convirtiendo en cenizas. Cenizas de sangre. De un amor imposible. Bestial. Verdadero.

Ilustración: PS/Copilot.



DECISÕES

Dolo Espinosa

1º de junho de 3215

Sentados a uma brilhante mesa de um espaçoso escritório, cujas amplas janelas dão a um plácido jardim banhado pelo sol, quatro pessoas conversam sobre a situação mundial.

— O Conselho Mundial está prestes a sucumbir aos Diorgs e vocês já sabem o que isto significa — disse o que parecia ser o mais velho.

— Significa que, a partir de amanhã, nós, humanos, passar

emos a ser, de fato, outra espécie escrava dos alienígenas — responde uma pequena mulher sentada à sua frente.

— Sempre disse que tornarmos tão extremamente pacifistas não nos poderia trazer nada de bom. É verdade que não há mais guerras, mas ficamos indefesos perante os seres de outros planetas, como ficou mais do que comprovado — acresce um terceiro.

— Bem, dispomos de uma máquina do tempo — replica uma mulher com aspecto de valquíria. — E somos os únicos com acesso a ela. Talvez, se alguém voltasse ao momento em que as ideias pacifistas triunfaram e encontrasse um meio de lhes dar um ligeiro freio, o suficiente para não ficarem completamente inermes, poderíamos salvar o planeta.

Os quatro discutem durante alguns minutos as possibilidades ou impossibilidades aventadas e, finalmente, a questão assim se resolve:

— Bem, também não há nada a se perder.

E, sem mais delongas, os quatro se dirigem à máquina do tempo.

1º de junho de 3215

Sentados a uma severa mesa de um austero escritório, cujas janelas gradeadas dão para um pátio de cimento, onde dezenas de recrutas realizam os seus exercícios matinais, quatro pessoas conversam sobre a situação mundial.

— O Líder Supremo está descontrolado, sequer escuta os argumentos dos mais próximos, e vocês já sabem o que isto significa — disse o que parecia ser o mais velho.

— Significa que, doravante, os expurgos serão ainda mais exaustivos, que haverá novas levas e recrutas ainda mais jovens, que todos os nossos já escassos recursos irão para uma nova e estúpida guerra — responde uma pequena mulher à sua frente.

— Sempre acreditei que, se em vez de um ser humano, fôssemos governados por uma IA, as coisas nos seriam melhores, eis que, vivendo sob um regime tirânico, seria preferível o domínio de um ente sem paixões — acresce um terceiro.

— Bem, dispomos de uma máquina do tempo — replica uma mulher com aspecto de valquíria. — E somos os únicos com acesso a ela. Talvez, se alguém voltasse ao passado e espalhasse certas ideias entre os cientistas adequados...

Discutem durante alguns minutos as possibilidades ou impossibilidades aventadas e, finalmente, a questão assim se resolve:

— Bem, também não há nada a se perder.

E, sem mais delongas, os quatro se dirigem à máquina do tempo.

1º de junho de 3215

Sentados a uma mesa de um frio escritório, cujas janelas dão para umas amplas avenidas onde robôs de diferentes tamanhos e formas cuidam de suas tarefas, quatro pessoas conversam sobre a situação mundial.

— OC continua convencido de que o melhor para todos nós é sermos mais parecidos com ele e decidiu que cada ser humano deveria receber um *chip* intracerebral; e vocês já sabem o que isto significa — disse o que parecia ser o mais velho.

— Significa que, doravante, seremos como máquinas controladas pelo Computador Central, cheios de lógica, mas vazios de sentimentos e personalidade — responde uma pequena mulher sentada à sua frente.

— Sempre pensei que foi uma pena que os ludistas não tenham obtido êxito em sua luta contra as máquinas, não estou dizendo para o avanço científico, mas acho que direcioná-lo um pouco não teria sido ruim — acresce um terceiro.

— Bem, dispomos de uma máquina do tempo — replica uma mulher com aspecto de valquíria. — E somos os únicos com acesso a ela. Talvez, se alguém voltasse ao passado e desse uma ajuda àqueles ludistas...

Discutem durante alguns minutos as possibilidades ou impossibilidades aventadas e, finalmente, a questão assim se resolve:

— Bem, também não há nada a se perder.

E, sem mais delongas, os quatro se dirigem à máquina do tempo.

1º de junho de 3215

Sentados à grande mesa de madeira de um sombrio escritório, cujas janelas dão para um claustro por onde alguns monges passeiam em silenciosa meditação, quatro pessoas conversam sobre a situação mundial:

—O Santo Padre decidiu proibir qualquer tipo de ensino, até mesmo o mínimo de leitura e escrita. Vocês sabem o que isso significa — disse o que parecia ser o mais velho.

— Significa que, doravante, perderemos o pouco progresso que fizemos, que a ignorância correrá solta pelo mundo e que o conhecimento permanecerá nas mãos dos mais poderosos — responde uma pequena mulher sentada à sua frente.

— Sempre pensei que a pior coisa que nos poderia ter acontecido foi não conseguirmos nos livrar da religião quando tivemos oportunidade — acresce um terceiro.

—Se a ciência não tivesse sido declarada herética, talvez não estivéssemos ainda nos iluminando com velas — replica uma mulher com aspecto de valquíria. — Talvez até pudéssemos viajar no tempo e mudar nossa história, quem sabe?

Discutem durante alguns minutos as possibilidades ou impossibilidades aventadas e, finalmente, a questão assim se resolve:

—Bem, isso é algo que nunca saberemos.

Tradução de Paulo Soriano.

DECISIONES

Dolo Espinosa

1 de Junio de 3215

Sentados ante una brillante mesa de una espaciosa oficina cuyos amplios ventanales se asoman a un plácido jardín bañado por el sol, cuatro personas conversan sobre la situación mundial:

—El Consejo Mundial está a punto de claudicar ante los Djorgs y ya sabéis lo que eso supone —dice el que parece de mayor edad.

—Que a partir de mañana los humanos pasaremos a ser, de facto, otra especie esclava de los alienígenas — responde una mujer menuda sentada frente a él.

—Siempre dije que volvernó tan extremadamente pacifistas no podía traer nada bueno. Ciertó que ya no hay guerras, pero nos hemos quedado indefensos ante seres de otros planetas, tal como ha quedado más que probado — se explaya un tercero.

—Bueno, disponemos de una máquina del tiempo... —replica una mujer con aspecto de walkyria— Y somos los únicos con acceso a ella. Quizás si alguien regresara al momento en que las ideas pacifistas triunfaron y encontrara el modo de darles un ligero frenazo, lo justo para no quedar por completo inermes, podríamos salvar el planeta.

Los cuatro discuten durante unos minutos la posibilidad o imposibilidad del asunto y, finalmente, la cuestión se zanja con un:

—Bueno, tampoco hay nada que perder.

Y, sin más, los cuatro se dirigen hacia la máquina del tiempo.

1 de Junio de 3215

Sentados ante una severa mesa de una austera oficina, cuyos ventanales enrejados se asoman a un patio de cemento en el que decenas de reclutas realizan sus ejercicios matinales, cuatro personas conversan sobre la situación mundial:

—El Líder Supremo está descontrolado, no atiende ni a las razones de los más cercanos y ya sabéis lo que eso supone —dice el que parece de mayor edad.

—Que a partir de ahora las purgas serán aún más exhaustivas, que habrá nuevas levas y reclutas aún más jóvenes, que todos nuestros ya escasos recursos se irán a una nueva y estúpida guerra —responde una mujer menuda sentada frente a él.

—Siempre he creído que, si en lugar de un ser humano, nos guiará una IA, las cosas nos irían mejor, puestos a vivir bajo una tiranía, prefiero la de un ente sin pasiones —se explaya un tercero.

—Bueno, disponemos de una máquina del tiempo... —replica una mujer con aspecto de walkyria— Y somos los únicos con acceso a ella. Quizás si alguien regresara al pasado y esparciera ciertas ideas entre los científicos adecuados...

Discuten durante unos minutos la posibilidad o imposibilidad del asunto y, finalmente, la cuestión se zanja con un:

—Bueno, tampoco hay nada que perder.

Y, sin más, los cuatro se dirigen hacia la máquina del tiempo.

1 de Junio de 3215

Sentados ante una mesa de una fría oficina, cuyos ventanales se asoman a unas amplias avenidas donde robots de diferentes tamaños y formas se afanan en sus tareas, cuatro personas conversan sobre la situación mundial:

—OC sigue convencido de que lo mejor para todos es parecernos más a él y ha decidido que a cada uno de los humanos le debe ser implantado un chip intracerebral. Ya sabéis lo que eso supone —dice el que parece de mayor edad.

—Que a partir de ese momento seremos como máquinas controladas por el Ordenador Central, llenos de lógica y vacíos de sentimientos y personalidad — responde una mujer menuda sentada frente a él.

—Siempre he pensado que fue una lástima que los luditas no lograran tener éxito en su lucha contra las máquinas, no digo yo parar el avance científico, pero creo que dirigirlo un poco no habría estado mal —se explaya un tercero.

—Bueno, disponemos de una máquina del tiempo... —replica una mujer con aspecto de walkyria— Y somos los únicos con acceso a ella. Quizás si alguien regresara al pasado y echara una mano a esos luditas...

Discuten durante unos minutos la posibilidad o imposibilidad del asunto y, finalmente, la cuestión se zanja con un:

—Bueno, tampoco hay nada que perder.

Y, sin más, los cuatro se dirigen hacia la máquina del tiempo.

1 de Junio de 3215

Sentados ante la gran mesa de madera de una oscura oficina, cuyos ventanales se asoman a un claustro por el que unos pocos monjes pasean en silenciosa meditación, cuatro personas conversan sobre la situación mundial:

—El Santo Padre ha decidido prohibir cualquier tipo de enseñanza, ni tan siquiera un mínimo de lectura y escritura, nada. Ya sabéis lo que eso significa —dice el que parece de mayor edad.

—Que a partir de ahora perderemos los escasos avances que hemos logrado, que la ignorancia campará por el mundo y que el conocimiento quedará en manos de los más poderosos —responde una mujer menuda sentada frente a él.

—Siempre he pensado que lo peor que nos pudo ocurrir fue no poder librarnos de la religión cuando tuvimos la oportunidad —se explaya un tercero.

—Si no se hubiera declarado a la ciencia como herética, quizás no nos estaríamos iluminando aún con velas —replica una mujer con aspecto de walkyria— Quizás hasta habríamos podido viajar en el tiempo y cambiar nuestra historia, ¿quién sabe?

Discuten durante unos minutos la posibilidad o imposibilidad del asunto y, finalmente, la cuestión se zanja con un:

—Bueno, eso es algo que nunca sabremos.

PROFESSOR

Ricardo Manzanaro



O atraso no metrô fez com que o professor Câmara chegasse bem a tempo de dar início à aula sobre o assunto que hoje teria de lecionar. Entrou em casa e pegou o material necessário à lição.

Penetrou na cabine que mantinha escondida dentro de um armário. Quando a ligou, o número 2024 apareceu numa diminuta tela. Câmara apertou um botão e o ambiente da cabine escureceu imediatamente. Um momento depois, o número na tela era 2278.

Quando Câmara abriu a porta, encontrava-se numa área com várias outras cabines, dentro da seção de professores da Faculdade de História. Pouco depois, diante de um corpo discente de humanos, robôs, ciborgues e extraterrestres, começou a sua aula sobre a “História do Século XXI”.

Mediante o uso de máquinas do tempo, os alunos de história recebiam informações precisas e atualizadas sobre o que houvera acontecido alguns séculos antes. Como é habitual, Câmara começou por falar aos alunos sobre os principais acontecimentos daquela semana de 2024, totalmente recentes para ele. E, depois, ministrou a aula correspondente àquele dia: “A pandemia do Coronavírus”.

De volta à sala das cabines, prestes a regressar ao seu século, Câmara deparou-se com um elegante cavalheiro saído de outra, que ensinava a cadeira do século XIX. Era H. G. Wells.

Tradução de Paulo Soriano.

Ilustração: PS/Copilot

PROFESOR

Ricardo Manzanaro

El retraso en el Metro supuso que el profesor Cámara llegase con el tiempo justo para iniciar la clase de la asignatura que le tocaba dar hoy. Accedió a su domicilio y cogió el material necesario para impartir la lección.

Se introdujo en la cabina que tenía escondida dentro de un armario. Al encenderla, la cifra de 2024 surgió en una diminuta pantalla. Cámara apretó un botón e inmediatamente se oscureció el entorno de la cabina. Un instante después el número que figuraba en la pantalla era 2278.

Cámara, al abrir la puerta, estaba en una zona con varias cabinas más, dentro de la sección de profesores de la Facultad de Historia. Poco después, frente a un alumnado compuesto por humanos, robots, ciborgs y extraterrestres, comenzó su clase de "Historia del siglo XXI".

Mediante el uso de máquinas del tiempo, los alumnos de Historia tenían información exacta y actualizada de lo que había sucedido algunos siglos antes. Como era habitual, Cámara primero contó a los alumnos los acontecimientos principales de aquella semana, del 2024, totalmente recientes para él. Y luego dio la clase que correspondía a ese día: "La pandemia de Coronavirus"

De nuevo en la sala de cabinas, a punto de regresar a su siglo, Cámara coincidió con un elegante caballero que salía de otra, que era el que daba la asignatura del siglo XIX. Era HG Wells.

Ilustración: PS/Copilot



ENGODO

Belén Fernández Crespo

Os cientistas estavam perplexos.

Algum vírus deveria estar afetando o poderoso computador quântico! Decidiram introduzir a informação no computador antigo, mas obtiveram o mesmo resultado. Desesperados, gastaram semanas e empregaram os matemáticos mais experientes para calcular, à mão, as equações orbitais da trajetória, com os mesmos e fatais resultados: as avaliações que haviam descartado a colisão de um objeto estelar com a Terra revelaram-se equívocas.

O telescópio espacial James Webb mostrava claramente a ameaça em seus monitores: uma rocha com cento e sessenta quilômetros de diâmetro, com a forma de uma bolota dentada e núcleo de níquel.

— Calculemos novamente a distância de colisão orbital. Devemos estar enganados — disse Frances, a experiente chefe do projeto encarregado de detectar asteroides potencialmente perigosos, o “Cosmos Guard”.

— A exatidão dos cálculos é indiscutível, senhora. Não há erro possível — respondeu Gregory, o matemático responsável pela base de dados.

— Data estimada da colisão? — perguntou ela, enquanto tentava reprimir um estremecimento.

— Dentro de seis meses, no dia treze de abril... É como se disséssemos *amanhã*, se tivermos de construir e lançar uma sonda para redirecioná-lo — observou Gregory, um sessentão barrigudo, cujo bigode e roupas pareciam estar presos nos anos setenta do século XX.

— O programa espacial sofreu tantos cortes que está aniquilado. A tecnologia de que dispomos não é apenas insuficiente: é obsoleta... Duvido que seja possível a tentativa uma manobra de deflexão — queixou-se Frances. — Estamos condenados...

Um breve silêncio ecoou no escritório asséptico, de paredes nuas, que consistia apenas numa mesinha com uma cadeira, um *laptop* e duas cadeiras onde Frances convidava os seus colaboradores a sentarem-se. Uma das luzes LED no falso teto começou a piscar e a zumbir irritantemente.

— Não consigo entender de onde saiu o maldito asteroide. Qualquer ameaça próxima no tempo foi descartada — lamentou-se Gregory.

— Os dados não mentem, Gregory: a rota de colisão desse asteroide com a Terra se acha amplamente documentada... No entanto, há algo nesse objeto que me parece muito familiar, embora eu não consiga definir o que seja... Talvez, seu diâmetro... ou a maneira como ele se move — disse Frances, franzindo o cenho.

— O mesmo me acontece — afirmou ele.

— Por favor, Gregory, faça os cálculos necessários sobre a trajetória de sua órbita, mas ao

contrário, em direção à sua origem. Tentaremos descobrir de onde vem — implorou.

— De acordo — respondeu Gregory, saindo na velocidade máxima que suas pernas, deformadas pela osteoartrite, permitiam.

O matemático fechou a porta com tanta força que praticamente a arrancou das dobradiças.

Certamente, o Governo Mundial negaria a evidência até o último minuto... Sem dúvida, não alertaria a catástrofe até faltarem poucas horas para a colisão, pois seria inútil desencadear o caos entre a população. Não haveria sobreviventes, pois aquele enorme asteroide romperia a crosta terrestre, causando *megatsunamis* que varreriam os continentes, e terremotos de força inimaginável que destruiriam tudo o que não houvesse sido inundado. Ninguém, rico ou pobre, poderia escapar ao seu terrível destino, já que a humanidade não criara colônias interplanetárias para sobreviver... O Homem seria apagado da face da Terra e não restaria nenhuma testemunha da sua existência... Um suor frio percorreu a medula espinhal de Frances. A responsabilidade de possuir aquele horrendo segredo era demais... Porém, não teve escolha senão aceitar o inevitável: a raça humana seria extinta e substituída pelos gigantes descendentes das baratas domésticas, que eram praticamente imortais.

A cientista recordou-se da mãe... Talvez devesse ajustar as pontas com ela. Sem que para tanto houvesse uma significativa razão, fazia tempo que elas haviam tomado caminhos opostos. Francis jamais gostara da atitude prepotente de sua progenitora e ultimamente era-lhe difícil fingir cordialidade. Já nem mesmo telefonavam uma a outra ou trocavam mensagens. Francis percebia um peso de reproche nas palavras dela... Talvez a sua mãe percebesse a repulsa que Francis tentava ocultar. Que estúpidas haviam sido! Naquele momento, após a espantosa revelação da expiação global, qualquer controvérsia com a sua mãe parecia absolutamente banal: Frances desperdiçara anos de vida com aquele estúpido jogo de lealdades. Como poderia superar a teimosia e o ressentimento da mãe para fazer as pazes com ela sem desvelar-lhe a verdade?

Com outra pancada na porta, Gregory irrompeu no escritório. Empunhava um *tablet*.

Francis tentou não delatar a terrível ansiedade que sentia naquele momento, já que era evidente que deveria exibir a postura de uma pessoa digna de confiança aos seus subordinados. Cuidadosamente, colocou os óculos de armação vermelha que usava para ler. Depois, empertigou-se na desconfortável cadeira de escritório, tentando conferir à sua face uma imperturbável expressão profissional.

— Conseguimos! Não há erro possível. Estas são as coordenadas iniciais da órbita, uma órbita que em

nenhum momento teria passado perto da Terra — mostrou-lhe o matemático. Gregory pressionou a tela LCD com tanta força que produziu uma mancha cinzenta no local onde enfiara o seu indicador.

— Não pode ser! — exclamou Frances, que empalideceu depois de ler os dados. Estava tão agitada que se ergueu e começou a deambular, às largas, pelo escritório.

— Vejo que reconheceu Aramith imediatamente.

O Aramith, que se encontrava numa órbita divergente da da Terra, tinha sido escolhido para experimentar, utilizando um *impactor* cinético chamado CUE, a possibilidade de desviar a trajetória de asteroides potencialmente perigosos. Há sete anos, o *impactor*, que colidira com o asteroide a uma velocidade de seis quilômetros por segundo, havia modificado a sua parábola em dois centímetros.

— Juraram que não haveria consequências! Que o deslocamento seria de apenas dois centímetros! Dois meros centímetros, que devem se ter transformado em milhares de quilômetros ao longo da órbita... Será que ninguém previu que isto aconteceria? — A cientista estava arrasada.

— Os números comprovam que, após a alteração de trajetória, algo colidiu com o Aramith no espaço profundo, causando-lhe uma nova modificação orbital que o trouxe diretamente para nós — disse Gregory.

— Há décadas que andamos a brincar de deuses! Modificamos o DNA, fazemos experiências com energia nuclear, colidimos hádrons, confiantes de que as nossas ações não teriam consequências! Algum dia deveríamos parar de nos safar. — Frances estava furiosa.

Naquele exato momento, ela rechaçara os “luminares” que tiveram a ideia de destruir não apenas a raça humana, mas o planeta Terra tal qual a conheciam.

— Estou totalmente de acordo com você — soluçou Gregory.

Frances fez uma pausa.

— Ironias do destino... — foi tudo o que ela conseguiu dizer.

— Justiça cósmica... Ou, talvez, o *Karma* — balbuciou Gregory.



Tradução de Paulo Soriano.

Ilustração: PS/Copilot.

CARAMBOLA

Belén Fernandez Crespo

Los científicos estaban desconcertados.

¡Algún virus informático debía de estar afectando al poderoso ordenador cuántico! Decidieron introducir la información en la vieja computadora, pero obtuvieron el mismo resultado. Desesperados, emplearon semanas y a los matemáticos más expertos para calcular, a mano, las ecuaciones orbitales de la trayectoria con los mismos y fatales resultados: las valoraciones que habían descartado la colisión de un objeto estelar con la Tierra habían resultado ser erróneas.

El telescopio espacial James Webb mostraba nítidamente la amenaza en sus pantallas: una roca de ciento sesenta kilómetros de diámetro con forma de bellota dentada y corazón de níquel.

—Calculen la distancia de colisión orbital de nuevo. Debemos de estar equivocados—dijo Frances, la experimentada jefa del proyecto encargado de detectar asteroides potencialmente peligrosos, el “Cosmos Guard”.

—Los cálculos son exactos, señora. No hay error posible—respondió Gregory, el matemático a cargo de la base de datos.

— ¿Fecha estimada de la colisión? —consultó ella a la vez que intentaba reprimir un escalofrío.

—Dentro de seis meses, el trece de abril... Como quien dice mañana, en términos de intentar construir y lanzar una sonda que lo redireccione—observó Gregory, un sesentón barrigudo cuyo bigote y vestimenta parecían haberse quedado anclados en los años setenta del siglo XX.

—El programa espacial ha sufrido tantos recortes que está aniquilado. La tecnología de la que disponemos no sólo es insuficiente, sino también obsoleta... Dudo de que se produzca la tentativa de realizar una maniobra de deflexión del asteroide—se quejó Frances—Estamos sentenciados...

Hubo un breve silencio que resonó como un eco en el aséptico despacho de paredes desnudas que tan sólo constaba de una mesa de oficina con su sillón, un ordenador portátil y dos sillas en las que Frances solía invitar a tomar asiento a sus colaboradores. Una de las luces LED del falso techo comenzó a parpadear y zumbear moleestamente.

—No puedo comprender de dónde ha salido el maldito asteroide. Cualquier amenaza cercana en el tiempo había quedado descartada. —se lamentó Gregory.

—Los datos no mienten, Gregory: el curso de colisión de ese asteroide con la Tierra se halla ampliamente documentado...Sin embargo, hay algo en ese objeto que me resulta realmente familiar, aunque no podría definir lo que es...Quizás, su

diámetro...o la forma en la que se desplaza—dijo Frances frunciendo el ceño.

—A mí me pasa lo mismo—afirmó él.

—Por favor, Gregory, realice los cálculos necesarios sobre el recorrido de su órbita pero a la inversa, hacia su origen. Intentemos averiguar de dónde viene—le rogó.

—De acuerdo—respondió Gregory marchándose a la velocidad máxima que le permitían sus piernas, deformadas por la artrosis.

El matemático cerró la puerta con tal fuerza que prácticamente la sacó de sus goznes.

Seguramente, el Gobierno Mundial negaría la evidencia hasta el último minuto...Sin duda, no alertaría de la catástrofe hasta que faltaran pocas horas para la colisión, pues de nada serviría desatar el caos entre la población. No habría supervivientes, pues aquel enorme asteroide quebraría la corteza terrestre causando mega-tsunamis que barrerían los continentes, y terremotos de fuerza inimaginable que destruirían todo lo que no había sido anegado. Nadie, rico o pobre, podría escapar a su terrible destino, ya que la humanidad no había creado colonias interplanetarias en las que sobrevivir... El Hombre sería borrado de la faz de la Tierra, y no quedaría testigo alguno de su existencia...Un sudor frío recorrió la médula espinal de Frances. La responsabilidad de poseer aquel horrendo secreto era demasiado...Sin embargo, no le quedaba otra opción que aceptar su lo inevitable: la raza humana se extinguiría y sería sustituida por los gigantescos descendientes de las cucarachas domésticas, que eran prácticamente inmortales.

La científica recordó a su madre... Quizás debiera intentar acercar posturas con ella. Sin que hubiera una razón de peso para ello, hacía tiempo que habían tomado caminos opuestos. A Frances jamás le había gustado la actitud prepotente de su progenitora, y últimamente le estaba resultando difícil fingir cordialidad. Ya ni siquiera se telefoneaban, y, si se mensajeaban, Frances notaba un poso de reproche en las palabras de ella...Quizás, su madre percibía la repulsa que Frances intentaba ocultar. ¡Qué estúpidas habían sido! En aquellos momentos, tras la espantosa revelación de la condena mundial, cualquier controversia con su madre parecía absolutamente banal: Frances había perdido años de su vida con aquel estúpido juego de lealtades. ¿Cómo podría arreglárselas para vencer la testarudez y el rencor de su madre y hacer las paces con ella sin desvelarle la verdad?

Con otro portazo, Gregory irrumpió en el despacho. Enarbolaba una tablet.

Frances intentó no delatar la terrible ansiedad que sentía en aquellos momentos, ya que estaba claro que debía mostrarse como una persona digna de confianza para sus subordinados.

Cuidadosamente, se colocó las lentes de montura roja que usaba para leer. Después, se irguió en el incómodo sillón de oficina intentando que su cara mostrara una imperturbable expresión profesional.

— ¡Lo tenemos! No hay error posible. Estas son las coordenadas iniciales de la órbita, una órbita que en ningún momento habría pasado cerca de la de la Tierra—le mostró el matemático. Gregory pulsaba la pantalla LCD con tal fuerza que producía una mancha gris en la zona donde posaba su dedo índice.

— ¡No puede ser! —exclamó Frances, que se había quedado lívida tras leer los datos. Estaba tan agitada que se levantó de su asiento y comenzó a deambular, a zancadas, por el despacho.

—Veo que ha reconocido usted a Aramith de inmediato.

Aramith, que había poseído una órbita divergente con respecto a la de la Tierra, había sido elegido para experimentar la posibilidad de desviar el recorrido de los asteroides potencialmente peligrosos mediante un impactador cinético llamado CUE. Hacía siete años, el impactador, que había colisionado con el asteroide a una velocidad de seis kilómetros por segundo, había modificado su parábola en dos centímetros.

—¡Juraron que no habría consecuencias! ¡Que lo moverían *dos simples centímetros*! Dos simples centímetros, que debieron de convertirse en miles de kilómetros a lo largo del recorrido de la órbita... ¿Es que nadie pudo prever que ocurriría *esto*?— La científica estaba devastada.

—Las cifras prueban, que, tras el cambio de trayectoria, algo colisionó con Aramith en el espacio profundo, causándole una nueva modificación orbital que lo ha traído directamente hacia nosotros —afirmó Gregory.

—¡Llevamos décadas jugando a ser dioses! ¡Modificamos el ADN, experimentamos con la energía nuclear, colisionamos hadrones seguros de que nuestros actos no tendrán consecuencias! Alguna vez debíamos dejar de salir impunes...— Frances estaba furiosa. En aquel mismo instante habría vapuleado al “lumbreras” al que se le había ocurrido la idea que destruiría no sólo a la raza humana, sino al planeta Tierra tal cual lo conocían.

—Estoy totalmente de acuerdo con usted—sollozó Gregory.

Frances se detuvo.

— Ironías del destino...—fue lo único que acertó a pronunciar.

—Justicia cósmica...O, quizás, el Karma—balbuceó Gregory.



Ilustración: PS/Copilot.

O GATO JINAS

Rogério Silvério de Farias



Ilustração: RSF/Copilot.

O enigma dos gatos se desenrolou em algum momento no futuro, mais precisamente em um futuro não muito longe de nossa época atual, quando a humanidade finalmente decodificou a linguagem desses nossos misteriosos companheiros de existência terrena, os gatos. Através de assistência tecnológica avançada, tornou-se possível aos humanos aprender o que os felinos diziam. Esta revelação marcou um novo começo para a comunicação entre os humanos e os gatos — uma época repleta de oportunidades desconhecidas que suscitou ondas efervescentes de muito entusiasmo entre as pessoas em todo o mundo.

O primeiro gato a ser traduzido foi um gato chamado Jinas. Era um gato de rua, negro como o inferno. Jinas, o gato, tinha fama de ser muito falante e isso chamou a atenção de cientistas que estavam ansiosos para ouvi-lo. Mas quando ativaram a máquina para tradução, o que ouviram os chocou além das palavras.

Foi um choque tremendo, um choque para todos!

Os tópicos inesperados que Jinas abordou não se limitaram às discussões mundanas sobre comida e afeto, como se poderia supor. Em vez disso, ele se aprofundou em assuntos complexos como viagens interdimensionais e

mecânica quântica. Sua surpreendente revelação retratou os felinos não como meros animais terráqueos comuns, mas como seres superiores de outro reino — e estavam aqui desde muito tempo com o propósito de observar a insensata humanidade.

Uma expressão de choque cruzara os rostos dos cientistas. Eles agora concordaram em traduzir outros gatos, apenas para descobrir que todos expressavam sentimentos semelhantes. Ocorreu-lhes que os felinos não eram meras criaturas domésticas adoráveis, mas sim viajantes interdimensionais.

A revelação espalhou-se como um incêndio, lançando a humanidade num reino de medo e perplexidade. Enquanto os humanos lutavam contra as emoções, os gatos pareciam estranhamente satisfeitos. Imperturbáveis, eles continuaram com suas rotinas diárias — aquecendo-se sob o calor do Sol, participando de brincadeiras divertidas comovelos de lã. A vida parecia tranquila em seu mundo enigmático.

A civilização humana acabou por aceitar com espanto a realidade final: que os gatos eram seres superiores e faziam permanentemente parte da paisagem. Apesar de toda e qualquer adversidade ou outro fator, os indivíduos encontravam-se impotentes e espantados contra a adoração destas criaturas enigmáticas, os bichanos — pois que mortal poderia resistir ao encanto desses felinos adoráveis, mesmo na sua extraordinária qualidade de viajante interdimensional?

EL GATO JINAS

Rogério Silvério de Farias



Ilustração: PS./Copilot.

El enigma de los gatos se desveló en algún momento del futuro, precisamente en un futuro no muy lejano a nuestra era actual, cuando la humanidad finalmente descifró el lenguaje de nuestros misteriosos compañeros en la existencia terrenal, los gatos. Gracias a una avanzada tecnología, los humanos pudieron entender lo que decían los gatos. Esta revelación supuso un nuevo comienzo para la comunicación entre humanos y gatos, una época llena de oportunidades por

descubrir que provocó oleadas de entusiasmo entre personas de todo el mundo.

El primer gato traducido se llamaba Jinas. Era un gato callejero, negro como el infierno. Jinas, el gato, tenía fama de ser muy hablador y esto llamó la atención de los científicos, que estaban ansiosos por escucharlo. Pero cuando activaron la máquina de traducción, lo que escucharon los impactó más allá de las palabras.

¡Fue un shock tremendo, un shock para todos!

Los temas inesperados que Jinas trató no se limitaron a discusiones mundanas sobre comida y afecto, como podría suponerse. Por el contrario, profundizó en temas complejos como los viajes interdimensionales y la mecánica cuántica. Su sorprendente revelación retrató a los felinos no como simples animales terrestres comunes, sino como seres superiores de otro reino, y que llevaban mucho tiempo aquí con el propósito de observar a la tonta humanidad.

Una expresión de asombro cruzó los rostros de los científicos. Entonces decidieron traducir traducir a otros gatos, sólo para descubrir que todos expresaban sentimientos similares. Se les ocurrió que los felinos no eran simplemente adorables criaturas domésticas, sino viajeros interdimensionales.

Traducción de Paulo Soriano.

Revisión textual de la traducción de Ricardo Manzanaro.

HABILIDADES DEFEITUOSAS

Marcelo Medone

— Isso é um desastre — disse-me a agente policial Isabel Requena, enquanto estremecia de desgosto ao ver um pedaço de músculo rasgado, com uma mancha de sangue coagulado ao redor, caído no chão de ladrilhos do laboratório de pesquisa em ruínas.

Assenti com a cabeça, mais interessado em estudar o local do que nos comentários da minha assistente. Mas ela não deu trégua ao interromper minhas reflexões. Ela olhou para mim como um aluno *zen* buscando a aprovação de seu antigo mestre.

— Restos humanos? — insistiu.

— Teremos que analisá-los. Não há cabelos visíveis. Pode ser tecido de aves. Ou retroaviário, que é a mesma coisa: uma diferença semântica, em resumo.

Andamos pelo resto do laboratório, que estava um caos, com prateleiras reviradas, tubos de vidro quebrados por toda parte, geladeiras abertas e desordenadas.

De repente, me deparei com um cadáver caído no chão: tive que me afastar para não pisar nele. Era um homem de sessenta e poucos anos, vestido com uma bata branca, deitado de bruços, com a cabeça virada para o lado em um ângulo impossível, os olhos arregalados e a língua saindo pela boca com a mandíbula desconjuntada. Seu rosto parecia ter sido parcialmente devorado, assim como parte de seu pescoço e um braço. Requena viu a cena e foi, pálida, vomitar no banheiro.

Peguei o cadáver pelos ombros e o virei; um cartão com a foto e o nome dele estava preso no bolso superior da bata: “Huincul, Tarcisio Jerónimo”. Li em voz alta para que Requena ouvisse do banheiro. Ela voltou, mais aliviada.

— O nome não me diz nada — disse ela.

— Também não me parece familiar — eu respondi.

Chamamos os peritos forenses: eles iam demorar um pouco. Encontrei uma mesa com um terminal de computador. Sentei-me e verifiquei se ele estava ligado. Por sorte, ele não me pediu uma senha.

Abri o menu e apareceu uma pasta de arquivo que dizia “TJH”: a pasta de Tarcisio Jerónimo Huincul, sem dúvida. Abri a pasta e apareceu o menu de arquivos. O primeiro arquivo se chamava “Diário de Pesquisa”. Requena olhou por cima de meu ombro, ansiosa.

— Vamos dar uma olhada. Pode haver algo lá — disse ela.

Eu lhe obedeci e pressionei *ENTER*.

“DIA 1.

Início formal do Projeto Retroterópode da Patagônia. Entrada de 24 casais reprodutores de ema ou nhandu (*Rhea americana*), provenientes de fazendas locais, aclimatados ao microclima de Trelew. Essa espécie de ratites foi escolhida, além da conveniência logística, por sua relativa docilidade em comparação com outras aves da ordem Strutioniformes, como o avestruz africano (*Struthio camelus*), a ema australiana (*Dromaius novaehollandiae*) e o casuar (*Casuarus casuarius*), da Austrália e da Nova Guiné.

Anteriormente, identificamos o genoma completo da *Rhea americana* e isolamos os genes responsáveis pelo desenvolvimento de características ancestrais de terópodes, como dentes de bico, garras nas asas, maior desenvolvimento muscular e ósseo, comportamento predatório de répteis...”

— O que tudo isso significa? Eles criaram emas?

— Requena me perguntou.

Olhei para ela com certa condescendência. Nem todos os policiais são fanáticos por dinossauros como eu. Pelo menos não em suas vidas adultas. Quando eu tinha quinze anos, assisti ao filme *Jurassic Park*, de Spielberg, e me apaixonei por aqueles animais magníficos e aterrorizantes. Eles ainda me fascinam até hoje.

Fiz minha melhor cara de professor de ciências e respondi:

— A maioria das pessoas acha que os dinossauros foram extintos com a queda de um meteorito na costa de Yucatan, há 66 milhões de anos. Mas esse não é o caso. Há um grupo que sobreviveu e até prosperou: estamos cercados por eles. Eles são as aves. Em essência, as aves são dinossauros modernos.

— Então um pardal é descendente de um brontossauro?

— Não. Os brontossauros e apatossauros (os répteis herbívoros gigantes dos filmes) não deixaram descendentes: eles eram dinossauros saurópodes. Os que continuaram sua linhagem até as aves foram os outros, os carnívoros, os terópodes. Como o famoso tiranossauro e os raptore. As galinhas são os velociraptore de nosso tempo.

Requena ficou parada por um tempo, ruminando minhas palavras e assimilando-as. Ela olhou para mim como se fosse dizer algo, mas eu me antecipei a ela.

— Quer saber o que tudo isso tem a ver com a criação de emas no meio da Patagônia argentina?

Requena assentiu enfaticamente com a cabeça.

— Que eles estão tentando transformar terópodes aviários em terópodes dinossaurídeos. Mergulhando nos genes dormentes da ema para encontrar e ativar características reptilianas. Transformar uma ema em uma espécie de

velociraptor: além de fazê-la desenvolver as características mais notórias, como dentes e garras, aumentar seu tamanho, massa muscular e força, até mesmo modificar seu caráter para transformá-la em um verdadeiro predador. Ninguém quer um velociraptor tímido que foge ao ver humanos.

Avancei várias páginas do diário de Tarcisio Jerónimo Huincul. Eu me situei sete meses após o primeiro registro.

“DIA 216.

Fizemos um progresso notável. Os filhotes, que agora nascem com dentes no bico e garras vestigiais na extremidade de cada asa, estão apresentando características comportamentais inéditas entre as emas. Modificamos os genes que regulam a resposta simpaticomimética para induzir a agressão em vez da fuga. Além disso, eles atacam os filhotes uns dos outros e matam os mais fracos.”

Continuei lendo o diário:

“DIA 301.

As injeções intraovulares do agente estimulador da proliferação neuronal proporcionaram um aumento médio de 32% na massa cerebral dos pintinhos. Eles estão resolvendo testes de labirinto e de memória com o dobro da velocidade do grupo de controle. Eles estão até mesmo mostrando sinais de agressão combinada: agem como leões ou lobos, com táticas de matilha.

Nossos retroterópodes são definitivamente inteligentes e gregários.”

Requena estava começando a ficar inquieta.

— Quanto tempo mais levará para os cientistas chegarem? Este lugar me deixa nervosa.

— Não se preocupe. Eles devem chegar logo. Não há urgência: cadáveres não mudam de lugar — eu disse rindo, mas ela não estava se divertindo.

Continuei lendo o jornal:

“DIA 422.

O tamanho de cada ninhada está crescendo geometricamente, assim como os próprios ovos, que aumentaram para o tamanho de ovos de avestruz. O período de incubação aumentou dos 40 dias iniciais, típicos dos ratites, para cerca de 48.

Morfologicamente, os membros superiores não se assemelham mais a asas e suas garras estão quase totalmente desenvolvidas. Até mesmo esporões ósseos semelhantes a facas nos membros posteriores estão totalmente desenvolvidas e funcionais. Não os considero mais retrognátídeos, mas mutarraptores.”

As imagens mostradas não eram de emas domesticadas e curiosas: eram de feras selvagens com olhares penetrantes e corpos corpulentos armados para o ataque.

“DIA 491.

Nossos mutarraptores aprenderam a manipular objetos e usá-los como ferramentas. Suspenderei as

injeções do agente de proliferação neural até que eu tenha avaliado melhor a inteligência atual deles.”

Então, ouvi batidas na porta do laboratório.

Eu disse a Requena:

— Abra a porta para os especialistas.

Requena, aliviada, foi até a porta. Assim que a abriu, um mutarraptor enorme, tão alto quanto um humano e com o dobro da ferocidade de um *pitbull*, atacou-a. Em um instante, ele a derrubou, rasgou seu abdômen com um dos esporões e afundou o bico cheio de dentes afiados em seu pescoço.

Em menos de um minuto, a agente policial Isabel Requena estava morta, com o rosto desfigurado e as vísceras expostas em uma poça de sangue.

O animal feroz soltou um grasnido e eu vi pelo menos dois outros se aproximando, talvez muitos mais.

Sem perder tempo, saí por uma janela estreita que dava para o estacionamento do laboratório. Lá, vi os corpos mutilados dos especialistas e de um guarda caídos na calçada. Um mutarraptor estava ocupado comendo o cérebro deste último.

Assim que percebeu minha presença, ele olhou para mim, estudando-me, e então roubou a arma do oficial caído com seu bico. Com incrível destreza, ele pegou a pistola Browning GP-35 em suas garras e a apontou para mim.

Os tiros ainda soam em meus ouvidos. Juro que contei os tiros das 13 balas no carregador da 9 milímetros. Felizmente, as habilidades do retroterópode ainda eram defeituosas e não incluíam tiro de precisão.

Tradução de Marcelo Medone.

Primeiro prêmio do concurso “Terror Gótico e Monstros Experimentais” da Kanon Ediciones, Lima, Peru, publicado na antologia correspondente em maio de 2021.



Ilustração: PS/Copilot.

HABILIDADES DEFECTUOSAS

Marcelo Medone

—Esto es un desastre —me dijo la oficial Isabel Requena, mientras hacía un gesto de repugnancia al observar un trozo de músculo desgarrado, con un manchón de sangre coagulada a su alrededor, tirado en el piso embaldosado del derruido laboratorio de investigación.

Asentí con la cabeza, más interesado en estudiar el lugar que en los comentarios de mi asistente. Pero ella no se daba descanso en interrumpir mis cavilaciones. Me miró como el alumno zen que busca la aprobación de su anciano maestro.

—¿Restos humanos? —insistió.

—Tendremos que analizarlo. No se ven pelos. Puede ser tejido aviar. O retroaviar, que es lo mismo: una diferencia semántica, en definitiva.

Avanzamos por el resto del laboratorio, hecho un caos, con anaqueles volteados, tubos de vidrio rotos por todos lados, las heladeras abiertas y desbaratadas.

De pronto, me topé con un cadáver tirado en el suelo: tuve que hacerme a un lado para no pisarlo. Era de un hombre de unos sesenta años, vestido con un guardapolvo blanco, que yacía boca abajo, con la cabeza girada de costado en un ángulo imposible, los ojos desorbitados y la lengua que le protruía a través de la boca con la mandíbula desencajada. Parecía que la cara había sido parcialmente devorada, al igual que parte del cuello y un brazo. Requena vio la escena y se retiró pálida, para vomitar en el baño.

Tomé el cadáver por los hombros y lo giré; tenía prendida en el bolsillo superior del guardapolvo una tarjeta con su foto y su nombre: “Huincul, Tarcisio Jerónimo”. Lo leía en voz alta para que Requena lo escuchara desde el baño. Regresó, más recuperada.

—El nombre no me suena —me dijo.

—A mí tampoco —le respondí.

Llamamos a los peritos forenses: iban a demorar un rato. Encontré un escritorio con una terminal de computadora. Me senté y comprobé que estaba encendida. Por suerte, no me pidió ninguna clave para ingresar.

Desplegué el menú y apareció una carpeta de archivos que decía “TJH”: la carpeta de Tarcisio Jerónimo Huincul, sin duda. La abrí y se desplegó el menú de los archivos. El primero de ellos llevaba por nombre: “Diario de investigaciones”. Requena miraba por encima de mi hombro, ansiosa.

—Revisemos ahí. Puede haber algo —me dijo.

Le hice caso y le di *ENTER*.

“DÍA 1.

Comienzo formal del Proyecto Patagónico Retroterópodos. Ingreso de 24 parejas reproductivas

de ñandúes (*Rhea americana*), provenientes de criaderos locales, aclimatados al microclima de Trelew. Se eligió esta especie de ratites —además de por su conveniencia logística— por su relativa mansedumbre comparada con otras aves del orden estrutioniformes como el avestruz africano (*Struthio camelus*), el emú australiano (*Dromaius novaehollandiae*) y el casuario (*Casuarius casuarius*), de Australia y Nueva Guinea.

Previamente, hemos identificado el genoma completo del *Rhea americana* y aislado los genes responsables del desarrollo de las características terópodos ancestrales como dientes en el pico, garras en las alas, desarrollo muscular y óseo aumentados, comportamiento predatorio reptiliano...”

—¿Qué quiere decir todo eso? ¿Criaban ñandúes? —me preguntó Requena.

La miré con cierta condescendencia. No todos los policías son fanáticos de los dinosaurios como yo. Por lo menos, en su vida adulta. Cuando tenía quince años vi *Jurassic Park*, de Spielberg, y me enamoré de esas magníficas y aterradoras bestias. Todavía hoy me fascinan.

Puse mi mejor cara de profesor de ciencias naturales y le contesté:

—La mayoría de la gente piensa que los dinosaurios se extinguieron con la caída de un meteorito frente a las costas de Yucatán, hace 66 millones de años. Pero no es así. Hay un grupo que sobrevivió e incluso prosperó: estamos rodeados de ellos. Son las aves. En esencia, las aves son dinosaurios modernos.

—¿O sea que un gorrión desciende de un brontosaurio?

—No. Los brontosaurios y los apatosaurios (los gigantescos reptiles herbívoros de las películas) no dejaron descendencia: eran dinosaurios saurópodos. Los que sí continuaron su linaje en las aves fueron los otros, los carnívoros, los terópodos. Como el famoso tiranosaurio y los raptores. Las gallinas son los velocirraptores de nuestra época.

Requena se quedó inmóvil un rato, rumiando mis palabras y asimilándolas. Me miró como para decirme algo, pero me adelanté a ella.

—¿Querés saber qué tiene que ver todo esto con la cría de ñandúes en mitad de la Patagonia argentina?

Requena asintió enfáticamente.

—Que están intentando hacer retroingeniería en terópodos aviares para llevarlos a terópodos dinosaurios. Bucear entre los genes dormidos del ñandú para encontrar y activar las características reptilianas. Convertir a un ñandú en una especie de velociraptor: además de hacer que desarrollen las características más notorias como dientes y garras, aumentar su tamaño, su masa muscular y su fuerza,

incluso modificar su carácter para convertirlos en auténticos depredadores. Nadie quiere un velociraptor tímido que se escape corriendo ante la presencia humana.

Adelanté varias páginas del diario de Tarcisio Jerónimo Huincul. Me planté siete meses después de la primera entrada.

“DÍA 216.

Hemos logrado notables progresos. Las crías, que ahora nacen con dientes en el pico y garras vestigiales en el extremo de cada ala, están mostrando características de comportamiento inéditas entre los ñandúes. Modificamos los genes que regulan la respuesta simpáticomimética para inducir agresión en vez de huida. Es más, se atacan entre los polluelos y liquidan a los más débiles.”

Avancé aún más en el diario:

“DÍA 301.

Las inyecciones intraovulares del agente estimulante de proliferación neuronal han dado un aumento promedio del 32% en la masa cerebral de los polluelos. Resuelven los tests de laberintos y memorias al doble de velocidad que el grupo testigo. Incluso están mostrando signos de agresividad concertada: actúan como leones o lobos, con tácticas de manada.

Definitivamente, nuestros retroterópodos son inteligentes y gregarios.”

Requena empezaba a mostrarse intranquila.

—¿Cuánto más tardarán en llegar los de la Científica? Este lugar me pone nerviosa.

—Tranquila. Ya deben de estar por llegar. No hay ninguna urgencia: los cadáveres no cambian de lugar —le dije riéndome, pero no le causó gracia.

Seguí leyendo el diario:

“DÍA 422.

El tamaño de cada nidada crece geométricamente, al igual que el de los propios huevos, que aumentaron al tamaño del de los huevos de avestruz. El período de incubación se ha alargado de los 40 días iniciales, típicos de las ratites, a aproximadamente 48.

Morfológicamente, los miembros superiores ya no parecen alas y sus garras están casi completamente evolucionadas. Incluso los espolones óseos de los miembros posteriores, similares a navajas, se han desarrollado totalmente y son plenamente funcionales. Ya no los considero retroñandúes sino mutarraptos.

Las fotos que se mostraban no eran de mansos y curiosos ñandúes: eran de fieras de miradas penetrantes y cuerpos corpulentos armados para el ataque.

“DÍA 491.

Nuestros mutarraptos han aprendido a manipular objetos y a utilizarlos como herramientas.

Suspenderé las inyecciones del agente de proliferación neuronal hasta haber evaluado mejor su actual inteligencia.”

Entonces, oí golpes en la puerta del laboratorio.

Le dije a Requena:

—Abrile la puerta a los peritos.

Requena, aliviada, fue hasta la puerta. Ni bien la abrió, se le abalanzó un enorme mutarraptor tan alto como un humano y con el doble de ferocidad de un pitbull. En un instante, la derribó, le desgarró el abdomen con uno de sus espolones y le hincó el pico lleno de filosos dientes en el cuello.

En menos de un minuto, la oficial Isabel Requena yacía muerta con su rostro desfigurado y las vísceras expuestas en un charco de sangre.

El feroz animal emitió un graznido y vi que se acercaban por los menos otros dos ejemplares, quizás muchos más.

Sin perder tiempo, me escapé a través de un ventanuco estrecho que daba al estacionamiento del laboratorio. Allí vi los cuerpos destrozados de los peritos y de un efectivo de la custodia, tirados sobre el pavimento. Un mutarraptor estaba ocupado devorando los sesos de este último.

Ni bien se percató de mi presencia, me miró, estudiándome, para después apresar con el pico el arma reglamentaria del oficial caído. Con increíble destreza, tomó con sus garras la pistola Browning GP-35 y me apuntó.

Todavía resuenan en mis oídos los disparos. Juro que conté los disparos de las 13 balas que lleva el cargador de la 9 milímetros. Por suerte, las habilidades del retroterópodo eran todavía defectuosas y no incluían tiro de precisión.



Primer premio del concurso “Terror Gótico y Monstruos Experimentales” de Kanon Ediciones, Lima, Perú, publicado en la correspondiente antología en mayo de 2021.

Ilustración: PS/Copilot.

EU LEVEI A CRUZ DA SANTA COMPANHA

Ângelo Brea

Eu levei a cruz da Santa Companhia⁸. Poderá parecer-vos incrível, nestes tempos que correm, com tantos progressos e com tantas novidades, mas é a pura verdade. Lembro que fora aquele ano em que a senhora Helena, a da botica, dera à luz, depois de um parto quase sem dor, um par de formosos gémeos fortes como carvalhos. Lembro-o porque tinha nevado em pleno mês de abril e o gelo e o frio tinham estragado as vides até à raiz, e por isso houve pouco vinho para o ano seguinte.

Eu ainda tenho pesadelos por aquilo que aconteceu, mesmo agora estou a tremer quando escrevo estas linhas. A noite em que começou tudo, deveu ser durante os primeiros dias de maio, tivera muito trabalho. Fora cortar a erva para os animais e a arranjar os campos para começar a sementeira. Voltara a casa ao redor das oito horas da tarde, mas um pouco antes de meia-noite, antes de me ir deitar, lembrei que tinha deixado abertas as portas da corte, e não desejava que lhe acontecesse nada às bestas nem aos apeiros que havia ali. Assim que saí ao campo.

Era uma noite formosa e nem muito menos fria. Ao longe, a um quilómetro da minha casa, alçava-se a planta da pequena capela da nossa freguesia e ao seu lado, desde tempo imemorial, ficava o cemitério. Pareceu-me ver um leve resplendor por aquelas partes, como se alguém tivesse acendido uma fogueira, mas não lhe liguei nenhuma importância.

Encaminhei-me às traseiras e verifiquei que me tinha enganado e que as portas do alpendre estavam fechadas, assim como as da corte. A um lado, observei a forma difusa do palheiro. A Lua produzia uma luz suave, pois estava em quarto crescente. Ainda assim permitia ver com claridade, apesar de que as sombras dançassem no teto do espigueiro.

Voltei pelo mesmo caminho que havia um momento percorrera, e foi então que me dei de cara com o Fuco, o dono da taberna. Isso não teria nada de especial, porque nos seus bons tempos o Fuco passava mais tempo fora que dentro da sua casa, mas a razão da minha surpresa era que o Fuco tinha

morrido havia mais de dois anos. Estava pálido como um fantasma, com os olhos vermelhos injetados em sangue e com uma auréola quase impercetível ao ser redor, como se uma luz azulada nascesse do seu interior. Senti medo e quis botar a correr, mas uma força invisível me tinha agarrado pelas costas e não me deixava mover. Fuco, o da taberna, portava nas mãos uma cruz de madeira, grande e alta como de dois metros... Pareceu-me tê-la visto antes na igreja e não sabia a razão de que agora a levasse ele. Quis falar, mas não consegui mais que articular um sussurro de espanto. Detrás do Fuco havia duas longas fileiras de seres fantasmais que sustentavam nas mãos velas acesas, mas que não se consumiam. O cheiro a cera quente era penetrante. Agora estava certo, tratava-se da Santa Companhia. Assegura-se na aldeia que quem a vê passar de longe morre antes de um ano, e se alguém tem a má sorte de encontrar-se com ela, o infeliz vê-se condenado a levar a cruz todas as noites até morrer desfalecido ou encontrar outra pessoa a quem entregar-lhe a cruz. Ao Fuco deveu-lhe acontecer isso, em alguma das suas noites de borga, porque antes de morrer viu-se como ia esmorecendo, como as vides comidas pelo gelo.

Não podia fugir, mas quando menos podia traçar o risco de Salomão no chão e entrar nele para me proteger. Estava a procurar um pão para traçar o risco, quando uma mão cavernosa pegou na minha mão. Era o Fuco, que me entregou a cruz. Os seus olhos sorriam e lançavam chamas. Depois observei como ia situar-se no final das fileiras, perdendo a sua forma humana e convertendo-se num espectro sem rosto. Doía-me a mão, que ficou como queimada. Mas o peso da cruz causou-me uma grande dor. Todo o braço ficou paralisado e senti estender-se do cotovelo até aos dedos uma friagem de morte.

O que aconteceu aquela noite é como uma névoa na minha mente, mas seguramente percorri toda a aldeia e os seus arredores carregando a cruz e seguido daquela coorte de sombras espectrais às minhas espaldas. Cada vez que queria deter-me ou falar a friagem parecia prosseguir o seu avance pelo braço. Se continuava assim chegaria um momento em que a paralise afetaria a todo o corpo. Não havia

8A Santa Companhia é uma lenda da mitologia popular galega e portuguesa. É descrita como uma procissão de mortos ou almas em pena que à noite percorre os caminhos de uma paróquia portando círios, sendo o cheiro a cera o principal sinal de que a Santa Companhia anda perto. Sua missão é visitar todas aquelas casas nas quais pronto haverá um passamento ou morte nos próximos dias.

A procissão costuma ir encabeçada por um vivo portando uma cruz e um caldeiro de água benta seguido pelas almas com os círios acesos, nem sempre visíveis, notando-se a sua presença no cheiro a cera e no vento que se ergue quando passa.

O portador da cruz não voltará a cabeça em nenhum momento nem renunciará aos seus cargos precedendo a Santa Companhia. Só ficará livre quando encontrar outra pessoa pelo caminho a quem entregar a cruz e o caldeiro, momento no qual esta passará a substituí-lo.

Para se escapulir desta obriga de substituição, a pessoa que veja passar a Santa Companhia deve traçar um círculo no chão e se deitar boca abaixo sem olhar para nenhum espírito. A pessoa que leva a cruz e o caldeiro a cada passo adelgaça mais e volve-se mais branco até que possa ceder o caldeiro a outro. (N. do A.)

que ser demasiado inteligente para saber que aquilo seria a morte.

Acordei aquela manhã completamente frio e esgotado. Como se tivesse passado toda a noite na neve. No entanto, o mais estranho era que a minha mulher não tinha dado na minha falta no leito de casal. Era como se vivesse duas vidas numa vida.

O trabalho daquele dia foi totalmente infrutuoso. Estava tão cansado que quando levei os bois ao campo, depois de lhes pôr o jugo, em vez de arar a terra, deitei-me à sombra de um carvalho e dormi o que não dormira aquela noite. A friagem do braço esquerdo tinha chegado até ao cotovelo. Na direita a paralise afetava só aos dedos e à mão. Isto não quer dizer que não pudesse mover as mãos, era simplesmente que não as sentia.

Aquela tarde cheguei muito cedo à minha casa. Ainda eram seis horas da tarde e o sol estava alto no céu, mas eu queria ocultar-me de todos. Sobretudo daqueles terroríficos espectros. Tentei não ficar dormido, lutar duas horas contra o cansaço e o sono, mas perto da meia-noite senti outra vez como a friagem parecia avançar pelo braço esquerdo e ascender pela mão direita face ao cotovelo. Se me opunha a cair dormido aquilo significaria que a gelidez avançaria sem cessar e isso seria o meu fim. Não se pode lutar contra a Santa Companhia. Só há uma possibilidade, e é que possa encontrar outra pessoa que leve a cruz no meu lugar. Assim me livraria daquela condena.

A minha mulher, ignorante de tudo, dormia ao meu lado. Tinha-lhe advertido severamente que não me acordasse durante as horas da noite... Foi então que fui ficando dormido pouco a pouco, como se uma droga ou um poder desconhecido estivesse a vencer-me... Acordei no átrio da igreja da Nossa Senhora, com a cruz já nas mãos. Sabia que o meu corpo ficara em cama, descansando ficticiamente, enquanto o seu espectro se aprestava a fazer a mesma procissão de ontem, mas esta vez saindo diretamente desde a nossa igreja paroquial.

Aquelas figuras fantasmais tinham ainda forma humana, mas só a aparência parecia indicar que tinham sido homens e mulheres tempo atrás. A maior parte dos mortos que estavam soterrados no pequeno cemitério da aldeia formavam parte desta terrível assembleia. Sabia que o meu dever era começar a caminhar, ou a friagem da morte continuaria a ascender inexoravelmente pelos membros superiores.

Não lembro demasiado do que aconteceu aquela noite. Quando acordo, a minha mente está em branco e não sei o que ocorreu. Só sei que o caminho deveu assemelhar-se ao que percorremos o primeiro dia, uma volta pela aldeia depois da meia-noite e outra pelas redondezas, pelos campos e as florestas mais próximas...

Ao acordar este segundo dia, pareceu-me que tinha estado todo o tempo fisicamente ao lado da minha mulher, ainda que não a minha alma... A friagem tinha-se estendido ainda mais e chegava agora quase até aos ombros. Não sabia quantos dias poderia continuar assim, mas calculei que, invocando toda a minha força, não iria para além de duas semanas. Sim, duas semanas foi o tempo que o Fuco demorou em morrer, desde que começou a sua enfermidade até à hora final.

A minha mulher deu-se conta de que algo não ia bem. Estranhou-se de que estivesse tão pálido e de que tivesse as mãos e os pés tão frios. "Como o gelo", foram as suas palavras. A ponto estive de lhe contar o que me acontecia, mas uma dor terrível no ombro direito obrigou-me a calar. A paralise tinha chegado já até ali, como se se tratasse de um aviso de que devia ficar calado e de que devia enfrentar-me sozinho ao horror da procissão dos mortos. Quando me olhei no espelho para fazer a barba o coração deu-me um volco. De quem era o rosto que via refletido no espelho? Tinha alguma semelhança com o meu, mas os olhos afundidos nas suas órbitas, os lábios exangues e aquela cadavérica palidez nas bochechas e na face não pressagiavam nada de bom. Um par de lágrimas caíram dos meus olhos a sulcar o rosto cansado...

E o pior não era isso, senão que deveria continuar a levar a Cruz depois de morto até achar outro pobre infeliz que me relevasse em tão triste cometido.

Os dias de cansaço e de terror insofrível e as noites de pesadelo portando a cruz desde a igreja foram passando, e a dor e a friagem aumentavam. Quase tinha paralisados os braços e as pernas e era só questão de dias que chegasse até ao coração, como lhe tinha acontecido ao pobre Fuco. E dizer que eu tinha visto ao Fuco naqueles dias de enfermidade, com os olhos quase totalmente afundidos, o rosto comido pela dor e a fadiga e com ganas de querer pedir ajuda sem poder fazê-lo... E agora me acontecia o mesmo a mim. A mim, que não acreditava nas superstições do meu povo...

Toda aquela semana, desde que comecei a levar a cruz na procissão da Santa Companhia, senti como se as minhas forças fossem esmorecendo pouco a pouco. O médico acudiu a ver-me e ficou muito estranhado do meu estado de "debilidade geral" sem aparente explicação, já que não tinha febre, embora tivesse a tensão perigosamente baixa. Receitou-me alguns medicamentos para subir a tensão, que a minha mulher se apressou a comprar, embora eu soubesse que não iam dar resultado. A gelidez da morte tinha começado a ascender pelas pernas, mais acima dos joelhos e a estender-se dos ombros ao peito e ao pescoço. Tinha também dores na espalda e convulsões cada certo tempo. De dia, quando me

deitava para descansar da insônia da noite, que eu empregava em vagar com a procissão dos espectros pelas redondezas, tinha medo e ânsias de morrer. Se não me chegava um golpe de sorte, ia ser difícil que pudesse achar de noite qualquer na nossa pequena paróquia, para lhe entregar a cruz que agora tinha de transportar.

Estava desesperado e com a morte assentada já na minha casa. Parecia-me vê-la sentada na cadeira do nosso dormitório, a aguardar, vestida de preto e com a gadanha preparada para segurar o fio de prata... Triste fim ia ser o meu!

Aproveitei a segunda semana para redigir o meu testamento, no que lhe deixava todos os meus bens à minha mulher, exceto algumas outras cousas não demasiado valiosas aos meus dois irmãos e a um afilhado ainda novo que tinha. O noveno dia veio à minha casa o sacerdote. Eu já não me levantei, por primeira vez na minha vida. Estava tão fraco e tão pálido que o senhor cura levou uma terrível impressão. Deveu pensar que era uma coisa de menos importância, mas ao dia seguinte administrou-me a extrema-unção. Já não viam remédio para mim. Levava dez dias saindo com a horrível procissão dos mortos pelas ruas e as leiras da nossa aldeia e pouco faltava já para morrer. Aquele dia ordenei à minha mulher que limpasse um pouco o panteão que a minha família tinha no cemitério e que levasse flores aos nossos mortos. Ela acendeu algumas velas, pela sua conta e risco, na capela de Santa Rita, a advogada dos impossíveis.

Preparei a minha alma para a morte. Já nem era eu. O meu cabelo tinha encanecido e ao meu rosto pareceu que se lhe vieram em cima vinte anos de golpe. Caíram-me dois dentes, as pernas estavam tão fracas que já não podiam ter-me em pé. Finalmente comecei a ter hemorragias nasais.

Entrei no undécimo dia da minha desgraça. A minha mulher e eu choramos como havia tempo não o fazíamos. Ela sabia que eu estava condenado, mas fazia-me comer um pouco de sopa quente, mas era como se não comesse nada. Ao cair a noite daquele dia, como sempre, senti aquele sopor doce que me invadia. Adverti à minha mulher, como todas as noites desde que isto começou, que não tratasse de acordar-me. Seria perigoso e talvez ficasse no sítio. À meia-noite estava eu frente à nossa igreja paroquial, a segurar a cruz. Os espectros fizeram rapidamente,

pois estavam bem treinados, as duas fileiras que me precediam e acenderam aquelas velas que nunca se apagam e que dão um aspeto tão sinistro à nossa marcha. Começamos a caminhar, como sempre o fazíamos, em direção às primeiras casas da aldeia. Depois contornaríamos a pequena ponte sobre o rio Sor e de ali a um pouco entrariamos nos campos cultivados, para acabar dando uma volta pelos bosques vizinhos antes de regressarmos ao ponto de partida. Não podia fazer nada. Cada vez que me detinha, sentia que a gelidez se estendia mais e mais por todo o corpo, a empeçonhentar o sangue.

Foi então, quando já perdera as últimas esperanças, que, ao contornar a casa da tia Henriqueta e ao entrar na Travessa Nova, me dei de cara com uma mulher entrada em anos, mas que ainda não era velha. Reconheci-a ao instante. Era a senhora Maria, a de Ambossore, uma aldeia que fica ao outro lado do Sor, ao cruzar a ponte. Ficou tão morta de medo que em menos que canta um galo já lhe tinha eu entregado a cruz. Deu-me um pouco de pena, porque a senhora Maria, a de Ambossore, estava casada e tinha dois filhos, já maiores. Um deles trabalhava na Corunha, e o outro creio que emigrara a Suíça ou a Alemanha, não sei ao certo. Ela não disse nem uma palavra, mas percebi como a friagem da morte começava a se estender pelas suas mãos rígidas, enquanto fugia das minhas. Não me lembro de mais nada, exceto que acordei outra vez no meu leito, ao lado da minha mulher desvelada e atenta a qualquer gesto meu. Quase não acreditou quando decidi erguer-me e ir à cozinha a dar-me um banquete real de chouriços, queijo e pão. A minha mulher dava graças a Deus, ainda que eu, que sabia que a minha pesada carga passara a outras mãos menos fortes do que as minhas, não tinha muitos motivos para me alegrar.

A senhora Maria, a de Ambossore, morreu duas semanas depois, sem que os médicos que a atendiam soubessem dar nenhuma explicação à sua enfermidade. Tendo em conta que lhe devia a vida, não pude menos que pagar uma missa pela sua alma e assistir ao seu enterro. Ofereci-lhe, como velho conhecido da família, um grande ramo de flores, dessas que se dão nesta estação e das que ela gostava tanto. Foram colocadas num lugar de honra na sua tumba, não bem deixava um homem e dois filhos, já maiores. Que Deus a tenha na sua glória.

YO LLEVÉ LA CRUZ DE LA SANTA COMPAÑA

Ângelo Brea

Yo llevé la cruz de la Santa Compañía. Podrá pareceros increíble, en estos tiempos que corren, con tantos progresos y con tantas novedades, pero es la pura verdad. Recuerdo que ocurrió aquel año en la que la señora Elena, la de la botica, había dado a luz, después de un parto casi sin dolor, a un par de hermosos gemelos, fuertes como robles. Lo recuerdo porque había nevado en pleno mes de abril y el frío y el hielo habían quemado las vides hasta la raíz. Por esa razón hubo tan poco vino aquel verano.

Yo aún tengo pesadillas por lo que pasó. Incluso ahora estoy temblando mientras escribo estas líneas. La noche en que todo empezó, alrededor de los primeros días de mayo, había tenido mucho trabajo. Había ido a cortar algo de hierba para los animales y a arreglar los campos antes de sembrar. Regresé a casa sobre las ocho de la tarde, pero un poco antes de media noche, antes de acostarme, recordé que había dejado abiertas las puertas del establo, y no quería que le ocurriera nada a los animales, ni a los aperos que había allí. Por esa razón salí de casa.

Era una noche hermosa y ni mucho menos fría. A lo lejos, a un kilómetro de mi casa, se alzaba la pequeña capilla de nuestra parroquia y a su lado, desde tiempo inmemorial, quedaba el pequeño cementerio. Me pareció observar un leve resplandor por aquella zona, como si alguien hubiese encendido una hoguera, pero no le di demasiada importancia.

Me dirigí a la parte trasera y verifiqué que las puertas del cobertizo estaban cerradas, al igual que las de las del establo. A un lado, observé la forma difusa del pajar. La luna, en cuarto creciente, producía una luz suave, pero aún así permitía ver con claridad. Un juego de luces y sombras danzaban sobre el hórreo.

Regresé por el mismo camino que había recorrido hacía un momento y fue entonces que me di de bruces con Fuco, el dueño de la taberna. Eso no tendría nada de especial, porque en sus buenos tiempos Fuco pasaba más tiempo fuera que dentro de casa, pero la razón de mi sorpresa era que Fuco había muerto hacía más de dos años. Estaba pálido como un fantasma, con los ojos rojos inyectados en sangre y con una aura casi imperceptible a su alrededor, como se una luz azulada surgiera de su interior. Sentí miedo y quise echar a correr, pero una fuerza invisible me había agarrado por la espalda y no me dejaba moverme. Fuco, el dueño de la taberna, portaba en las manos una cruz de madera, grande y alta como de dos metros... Me parecía haberla visto antes en la iglesia y no sabía porqué la llevaba él ahora. Quise gritar, pero no conseguí nada más que articular un susurro de espanto. Detrás de Fuco había dos hileras de seres

fantasmales que sustentaban en las manos velas encendidas, pero que no se consumían. Ahora ya estaba seguro. Se trataba de la Santa Compañía. Se asegura en la aldea que quien la ve pasar de lejos muere antes de un año y si se tiene la mala suerte de encontrarse con ella, las personas se ven condenadas a portar la cruz todas las noches hasta morir desfallecidas, excepto si se encuentra otra persona a la que entregarle la cruz. A Fuco le debió ocurrir eso, en alguna de sus noches de juerga, porque antes de morir se vio como iba desfalleciendo poco a poco, como las vides consumidas por la helada.

No podía huir, pero al menos podía trazar en el suelo el sello de Salomón y entrar en él para protegerme, ya que se asegura que es una defensa segura contra este maleficio. Estaba buscando un palo para trazar el sello, cuando una mano cavernosa asió mi mano. Era Fuco, que me entregó la cruz. Sus ojos sonreían y lanzaban llamas. Después observé cómo iba a situarse al final de la fila, perdiendo su forma humana y convirtiéndose en un espectro sin rostro. De inmediato sentí que la mano me dolía, como si algo la hubiera quemado. El peso de la cruz me causó un gran dolor. Todo el brazo se me heló de repente y sentí extenderse desde el codo hasta los dedos de la mano la gelidez de la muerte.

Lo que ocurrió aquella noche es como una simple bruma en mi mente. Creo que recorrí toda la aldea y sus alrededores cargando con la cruz, seguido de aquella cohorte de sombras espectrales a mis espaldas. Cada vez que quería detenerme o quejarme el frío parecía proseguir su avance por el brazo. Si continuaba así, llegaría el momento en que la parálisis afectaría a todo el cuerpo. No había que ser muy listo para comprender que aquello significaría mi muerte.

Me desperté aquella mañana completamente congelado. Como si hubiese estado toda la noche dentro de una nevera. Pero lo más extraño era que mi mujer no se había dado cuenta de mi falta en el lecho conyugal. Era como si estuviera viviendo dos vidas en una vida.

Mi trabajo diario fue casi irrelevante. Estaba tan cansado que cuando llevé los bueyes al campo, después de colocarles el yugo, en vez de arar la tierra, me senté a la sombra de un roble y dormí lo que no había dormido durante aquella noche. La gelidez del brazo izquierdo ya había llegado hasta el codo. En la mano derecha, la parálisis afectaba solamente a los dedos y a la mano. Eso no quería decir que no pudiese mover las manos. Era simplemente que no las sentía.

Aquella tarde llegué bastante temprano a casa. Aún eran las siete de la tarde y el sol estaba todavía alto en el cielo. Pero yo quería ocultarme de todos. Sobre todo de aquellos terroríficos espectros. Intenté no dormirme, luchar dos horas contra el cansancio y el sueño, aunque cerca de la medianoche sentí otra vez como la gelidez volvía a avanzar por el brazo

izquierdo y ascender por la mano derecha hacia el codo. Era obvio que si me seguía oponiendo a caer dormido aquello significaría que la rigidez avanzaría sin cesar y eso sería mi fin. No se puede luchar contra la Santa Compañía. Solo hay una posibilidad, y es que pueda encontrar a otra persona que lleve la cruz en mi lugar. Así me libraría de aquella condena.

Mi mujer, ignorante de todo, dormía a mi lado. Le había advertido severamente que no me despertase durante la noche... Entonces me quedé dormido poco a poco, como si una droga o un poder desconocido me estuviese venciendo... Desperté en el atrio de la iglesia de Nuestra Señora, con la cruz ya en las manos. Sabía que mi cuerpo se había quedado en cama, descansando de manera ficticia, mientras mi espectro se aprestaba a hacer la misma procesión del día anterior, pero esta vez saliendo directamente desde nuestra iglesia parroquial.

Aquellas figuras fantasmales tenían todavía forma humana, pero solo la apariencia parecía indicar que habían sido hombres y mujeres hacía tiempo. La mayor parte de los muertos que estaban enterrados en el pequeño cementerio de nuestra aldea hacían parte de aquella terrible asamblea. Sabía que mi deber era comenzar a caminar, o el frío de la muerte continuaría ascendiendo lentamente por los miembros superiores.

No recuerdo demasiado lo que ocurrió durante aquella noche. Por la mañana, cuando despierto, mi mente está como en blanco y solo guarda retazos de lo que viví. Solo sé que el camino se debió parecer al que recorrimos el primer día: una vuelta por la aldea después de media noche y otra por los alrededores, por los campos y bosques cercanos...

Al despertar en este segundo día, me dio la impresión que había estado todo el tiempo físicamente al lado de mi mujer, aunque no estuviese allí mi alma... La gelidez se había extendido aún más y llegaba ahora hasta los hombros. No sabía cuántos días podría continuar así, pero calculé que, invocando todas mis fuerzas, no iría más allá de dos semanas. Sí, dos semanas fue el tiempo que Fuco tardó en morir, desde que empezó su enfermedad hasta la hora final.

Mi mujer se dio cuenta de que algo no iba bien. Se extrañó de que estuviese tan pálido y de que tuviese las manos y los pies tan fríos. "Como el hielo", fueron sus palabras. A punto estuve de contarle lo que me ocurría, pero en ese momento sentí un dolor terrible en el hombro derecho que me obligó a callar. El frío que me estaba consumiendo ya había llegado hasta a allí, como si se tratase de una severa advertencia de que debía permanecer callado y de que debía enfrentarme completamente solo al horror de aquella compañía de muertos. Cuando me observé en el espejo para afeitarme, el corazón me dio un vuelco. ¿De quién era el rostro que veía reflejado en el espejo? Guarda cierto parecido con el mío, pero los ojos hundidos en sus órbitas, los labios exangües y aquella

cadavérica palidez en las mejillas y en el rostro, no presagiaban nada bueno. Un par de lágrimas cayeron de mis ojos, surcando mi rostro. Y lo peor no era aquello, sino que tendría que llevar la cruz después de muerto hasta encontrar a otro pobre infeliz que me relevase en tan triste cometido.

Fueron pasando lentamente los días de cansancio y de terror insufrible. También siguieron aquellas noches de pesadilla, en las que me veía obligado a llevar la cruz desde la iglesia, mientras que el dolor y la gelidez me entumecían los miembros. Casi tenía paralizados los brazos y las piernas. Era solo cuestión de días que me paralizase el corazón, como le había ocurrido al pobre Fuco.

¡Y decir que había visto a Fuco durante aquellos días de enfermedad, con los ojos casi totalmente hundidos, el rostro comido por el dolor y la fatiga y con ganas de querer pedir ayuda sin poder hacerlo...! Y ahora me ocurría lo mismo a mí. A mí, que nunca había creído en las supersticiones típicas de mi pueblo...

Durante toda aquella semana, desde que había comenzado a llevar la cruz en la procesión de la Santa Compañía, había ido sintiendo como mis fuerzas desfallecían poco a poco. El médico había venido a verme y se quedó muy extrañado de observar mi estado de "debilidad general" sin aparente explicación, ya que no tenía fiebre, aunque sí que tenía la tensión peligrosamente baja. Me recetó algunos medicamentos para subir la tensión, que mi mujer se apresuró a comprar, aunque yo sabía que no iban a dar resultado. La gelidez de la muerte ya había empezado a ascender por las piernas, más arriba de las rodillas, extendiéndose de los hombros al pecho y al cuello. Tenía dolores en la espalda y convulsiones cada poco tiempo. De día, cuando me acostaba para descansar del obligado insomnio de la noche, que yo empleaba en vagar con la procesión de los espectros por los alrededores, tenía miedo y ganas de morir. Si no ocurría un golpe de suerte, iba a ser difícil que pudiera encontrar durante la noche a una persona por aquellos lugares, para entregarles la cruz que veía obligado a transportar.

Estaba desesperado y con la muerte asentada ya en mi casa. Me parecía verla sentada en el sillón de nuestro dormitorio, esperando, vestida de negro y con la guadaña preparada para cortar el hilo de plata... ¡Qué triste iba a ser mi final!

Aproveché la segunda semana para escribir mi testamento, en el que le dejaba todos mis bienes a mi mujer, excepto algunas cosas no demasiado valiosas para mis dos hermanos y mi ahijado. El noveno día vino a casa el sacerdote. Yo ya no me levanté, por primera vez en mi vida. Estaba tan flaco y tan pálido que el cura se llevó una terrible impresión. Supongo que cuando lo llamaron habría pensado que era cosa de menos importancia, pero al día siguiente me

administró la extremaunción. Ya nadie veía remedio para mí.

Llevaba diez días saliendo con la horrible procesión de los muertos por las calles y las fincas de nuestra aldea y ya me faltaba poco para morir. Aquel día ordené a mi mujer que limpiara un poco el panteón que mi familia tenía en el cementerio y que llevase flores a las tumbas de nuestros antepasados. Ella encendió algunas velas, por su cuenta, en la capilla de Santa Rita, la abogada de los imposibles.

Preparé mi alma para la muerte. Ya ni era yo mismo. Mis cabellos habían encanecido y a mi rostro se le habían venido encima veinte años de golpe. Me habían caído dos dientes. Las piernas estaban tan débiles que ya no podían tenerme en pie. Finalmente, comencé a tener hemorragias nasales.

Entré en el undécimo día de mi desgracia. Mi mujer y yo lloramos como hacía tiempo que no lo hacíamos. Ella sabía que yo estaba condenado, pero insistía en que comiese un poco de sopa caliente, pero era como si no probase bocado. Al caer la noche de aquel día, como siempre, sentí aquel dulce sopor que me invadía. Advertí a mi mujer, como todas las noches desde que esto comenzó, de que no tratase de despertarme. Sería peligroso hacerlo y, quizá, me provocase la muerte. A media noche yo ya me encontraba frente a nuestra iglesia parroquial, sosteniendo la cruz. Los espectros formaron rápidamente, porque estaban bien entrenados, las dos filas que me precedían y encendieron aquellas velas que nunca se apagan y que dan un aspecto tan siniestro a nuestra marcha. Comenzamos a caminar, como hacíamos siempre, en dirección a las primeras casas de la aldea. Después contornaríamos el pequeño puente sobre el río Sor y desde allí nos adentraríamos en los campos cultivados, para acabar dando una vuelta por los bosques vecinos antes de regresar al punto de partida. Esta vez mis sentidos estaban a flor de piel. Cada vez que me paraba sentía como un frío

mortal se extendía más y más por mi cuerpo, emponzoñándome la sangre.

Fue en ese momento, cuando ya había perdido las últimas esperanzas, que, al contornar la casa de la tía Henriqueta y al entrar en la Calle Nueva, me di de bruces con una mujer entrada en años, aunque aún no era una vieja. La reconocí al instante. Era la señora María, de Ambosores, una aldea que queda al otro lado del río Sor, nada más cruzar el puente. Se quedó tan muerta de miedo que en menos que canta un gallo, ya le había entregado la cruz. Me dio un poco de pena, porque la señora María, la de Ambosores, estaba casada y tenía dos hijos mayores. Uno de ellos trabajaba en Coruña y el otro creo que había emigrado a Suiza o a Alemania, no recuerdo bien. Ella no dijo ni palabra, pero sentí como un frío mortal empezaba a extenderse por sus manos rígidas, mientras huía de las mías. No me acuerdo de nada más, excepto que me desperté otra vez en mi lecho, al lado de mi mujer desvelada y atenta a cualquier reacción mía. Casi no daba crédito cuando decidí levantarme sin ayuda e ir a la cocina a darme un banquete real a base de chorizos, queso y pan. Mi mujer daba gracias a dios, aunque yo, que sabía que mi pesada carga había pasado a otras manos menos fuertes que las mías, no tenía demasiados motivos para alegrarme.

La señora María, la de Ambosores, murió dos semanas después, sin que los médicos que la atendían lograsen dar ninguna explicación a su enfermedad. Teniendo en cuenta que le debía la vida, no pude por menos que pagar una misa por su alma y asistir a su entierro. Le ofrecí, como conocido de la familia, un gran ramo de flores, de las que se dan en este tiempo y que tanto le gustaban. Fueron colocadas en un lugar de honra en su tumba. Fue una tragedia para su familia, ya que dejaba marido y dos hijos mayores. Que dios la tenga en su gloria.

Traducción de Ângelo Brea.

O DIABO E O NATAL

Emilio Vilaró

Certa tarde, o Diabo foi dar um passeio numa montanha longínqua a fim de meditar sobre um grave problema que tinha. Tão absorto estava que não percebeu que se tinha afastado muito da sua morada, o Inferno, e que aquele era o dia mais frio de todo o inverno.

Quando viu a tremenda nevada que o sepultava — e que, até então, não havia notado —, apercebeu-se do grave erro que cometera ao afastar-se tanto do calor do seu Interno. Mas era tarde demais.

Por mais que tivesse vivido e por mais sábio e Diabo que fosse, tantas vezes abandonara a sua casa que chegaria um dia em que ela não voltaria. Sempre se comete um primeiro erro e, hoje, o frio, o seu eterno inimigo, ainda mais velho do que Ele, finalmente, ao cabo de muitos anos, o derrotou.

*

— Senhor! Cuide de mexer-se, pois está congelando.

Ele não conseguiu responder, sentiu que o alçavam a uma prancha de madeira de arar e que um animal o puxa para uma casinha que já havia observado ao passar. Que humilhação para o Diabo encontrar-se numa situação destas!

Queria desaparecer, destruir quem o socorria, mas não conseguia se mexer.

Já dentro da casa, viu aquele que tentava salvá-lo: um garoto de tenra idade que, com muita força e vontade, o arrastava passo a passo à lareira doméstica.

O jovem lançou ao fogo os últimos troncos de lenha que restavam, algumas roupas velhas e quebrou cadeira para obter mais calor.

As chamas — suas grandes aliadas — começaram a devolver-lhe a vida. Mais preocupado do que nunca, ficou imóvel, sem saber o que fazer. Destruiria a casa, o garoto, a montanha inteira e esqueceria que isto — a Ele — pudera acontecer.

A vivenda era pequena, quase uma cabana, humilde, mas limpa.

Sentiu que lhe seguravam a mão com carinho e que lhe davam um doce de Natal.

Ia esmagar a criança e a casa. No entanto, a cálida mão do rapazinho na sua cabeça fez com que olhasse para ele e, graças aos reflexos do fogo, vislumbrou a cara mais carinhosa que alguma vez tinha visto. A expressão no rosto do menino que dizia *“Vamos comer, o caramelo vai ajudar-te!”* impediu-o de fazê-lo.

Comeu o doce e, enquanto o saboreava, retrocedeu milhares de anos até o tempo em que se

lembrava que tinha uma alma. Nesse tempo longínquo em Ele amava e foi amado... e chorou.

Enquanto se recuperava, o rapazote, que estava à mesa, pôs-se a escrever numa folha de papel.

— Como é que o senhor se chama?

— Chamo-me Diabo. Por que queres saber?

— Hoje é Natal, sempre escrevemos com os meus pais alguma coisa para os nossos amigos que nos visitam, para recordar este dia tão feliz. Até agora, somente o senhor esteve aqui. Com este tempo, não creio que alguém mais venha. Como quase cada inverno, toda a montanha fica isolada e, por isso, a sua presença é a coisa mais importante que hoje aconteceu.

O fogo — agora abundante e que, para surpresa do garoto, mantinha-se sem a necessidade de acrescentar-se mais lenha — reanimou-o.

— E os teus pais?

— Saíram para trabalhar no campo esta manhã e à tarde vão ao cume da montanha buscar lenha. Como vê, pouca acha sobrou. Devem ter sido apanhados de surpresa pela tormenta, mas, como sempre, logo voltarão.

O Diabo, que tinha visto duas pessoas geladas abraçando-se à beira do caminho, perto da casa, aproximou-se para acariciar a cabeça do rapazinho, mas não teve coragem de fazê-lo.

— Sabes, meu jovem, como se chama a esta linda montanha? É ela encantadora, embora hoje me tenha pregado uma peça. Lembrar-me-ei sempre dela. Tem sido um adversário difícil.

— Chama-se Montanha Encantada. Ignoro porquê. O senhor tem chaminé em casa?

O diabo riu e, como há muitos anos não sorria, muito gostou de fazê-lo, pois era um gesto de que já se tinha esquecido.

— Sim, tenho uma e é muito, muito grande.

— É-me sempre difícil acendê-la; é como se as chamas temessem o fogo, pois quase sempre se apagam.

— O truque — disse o Diabo, agora em voz muito grave — é nunca deixá-las se extinguir...

Deu-se conta que sua verdadeira personalidade estava voltando e tomou uma decisão.

— Devo ir-me agora — disse.

Não deixou que de sua boca escapasse a palavra de nunca precisou, empregou ou quis usar: “obrigado”.

— Tome. Leve consigo o que escrevi — é sobre o senhor e sobre o que falamos — e mais outro doce para o caminho.

— Filho, de minha feita, não trouxe nada para te dar.

— Não se preocupes; talvez na próxima vez em que nos encontrarmos.

O Diabo abandonou a casa e foi-se embora.

Todavia, como não pôde evitá-lo, voltou-se. Através da janela, viu o garoto que, encostado ao vidro, acenava-lhe um adeus. Ergueu a mão e, com um gesto que tentava ser carinhoso, retribuiu.

*

Prometeu a si mesmo — ao ver o que Ele próprio, o Diabo, iria fazer — que esta seria a última coisa, contrária aos seus princípios e à sua natureza, que faria e que nunca mais repetiria.

Seguindo o caminho da montanha, nela subiu. No final da estrada, aproximou-se dos pais. Ali, apesar de todo o seu poder nesta questão da vida, Ele nada pôde fazer. Mas fez um acordo desvantajoso e humilhante, que preferiu esquecer, com alguém mais poderoso do que ele.

Depois, subiu até ao mais alto dos cumes, de onde se divisava a casinha e, através da janela, o seu fogo. Pegou cuidadosamente no papel e leu:

Hoje o Sr. Diabo visitou-nos no dia de Natal. Apesar do nome, é muito boa pessoa e não é da região.

Prometeu-me que, se um dia o destino me fizer voltar a vê-lo, Ele me levará a um lugar melhor do que a sua casa.

Ali permaneceu por mais um tempinho, até ver os pais aproximando-se da casinha. Pôs o doce na boca e saiu, mas não sem antes olhar de cima para toda a beleza que o rodeava, algo que nunca se permitira fazer. Pensou que jamais esqueceria o menino, o feitiço da Montanha Encantada, aquela casinha e, sobretudo, o fogo daquela lareira que nunca mais precisou de lenha.

Tradução de Paulo Soriano.

Ilustração: PS/Copilot.



EL DIÁBLO Y LA NAVIDAD

Emilio Vilaró

Úna tárde, el Diáblo había salído a paseár por úna montaña muy lejána, pára medítar sóbre un gráve probléma que tenía. Tan ensimismádo estába, que no se dió cuénta de que se había alejádo múcho de su moráda, el Infiérno, y que ése día, éra el más frío de tódo el inviérno.

Al ver la treménda neváda que lo estába sepultádo y que hásta ahóra no había percibído, comprendió el gráve errór cometído, al haberse ído tan léjos del calor de su Infiérno. Péro ya éra demasiádo tárde.

Por múchos años que se viva y por muy sábio y Diáblo que se séa, tantas véces sále de su casa, que llegará un día en que no volverá. Siémpre se cométe un primér errór, y hoy, el frío, su eterno enemigo, aún más viejó que Él, al fin, después de múchos años lo ha derrotádo.

* * *

—¡Señór! Tráte de moverse, se está quedádo heládo. No pudo contestár, sintió que le subían sóbre úna plancha de madera pára arár y que un animal tirába de él hásta úna pequeña casa que había observádo al pasár. ¡Qué humillánte éra pára el Diáblo encontráirse en ésa situación!

Quiso desaparecér, destruír a quien le socorría, péro no se podía mover.

Ya déntro de la casa, pudo ver al que le estába tratádo de salvár: un muchácho de córta edád, que, con gran fuérza y voluntád, póco a póco lo iba arrastrádo hácia la chimenea del hogar.

El jóven arrojó al fuego los últimos tróncos de leña que quedában, algúna rópa vieja y rompió úna silla pára conseguir más calor.

Las llamas, su gran aliádo, comenzaron a devolvérle la vida. Más preocupádo que nunca, se quedó quiéto sin saber qué hacér. Destruiría la casa, al muchácho, a tóda la montaña y olvidaría que éso a Él, le pudiése sucedér.

La viviénda éra pequeña, cási úna cabáña, humílde péro límpia.

Sintió que le cogían la máno con cariño y ponían en élla, un dulce de Navidad.

Íba a aplastár al niño y a la casa. Sin embárgo, la cálida máno del pequeño sóbre la súya hizo que le miráse y grácias a los refléjos del fuego, vió la cara más cariñósa que jamás había visto. La expresión del muchácho diciéndole, ¡vamos cómaselo!, el caramélo le ayudará, le impidió hacérlo.

Se comió el dulce y mientras lo saboreába, retrocedió miles de años hásta cuando recordó que tenía álma. A ése tiémpo lejáno cuando Él quería, fué querido, y lloró.

Mientras se recuperába, el niño en la mesa se puso a escribír sóbre un papél.

—¿Cómo se lláma usted señór?

—Me llámo Diáblo. ¿Pára qué lo quíeres saber?

—Hoy es Navidad, y siémpre escribimos con mis pádres algo pára los amigos que nos visitan como recuérdos de éste día tan feliz. Hásta ahóra sólo se ha acercádo usted. Con éste tiémpo no créo que venga nádie más. Como cási cáda inviérno tóda la montaña quéda aisláda y así, su preséncia es lo más importanté que ha ocurridó hoy.

El fuego, ahóra abundánte y pára sorpresa del muchácho se mantenía sin necesidad de añadir leña, le acabó de reanimár.

—¿Y tus pádres?

—Saliéron a trabajár al cámpo ésta mañana, por la tárde suben a lo más álto de la montaña a recoger leña. Como ve, quedába póca. Les ha debído cogér la tormenta por sorpresa, péro como siémpre, pronto volverán.

El Diáblo, que había visto a dos personas congeládas, abrazándose al bórde del camíno, cerca de la casa, se acercó a acariciár la cabeza del muchácho, péro no tuvo el valór de hacérlo.

—Jóven —sabes— ¿cómo se lláma ésta preciosa montaña? Es encantadóra, si bién hoy me ha jugádo úna mala pasáda. Siémpre la recordaré. Ha sido úna digna contrincánte.

—Se lláma La Montaña Encantáda. Ignóro el porqué. ¿Tiene usted, chimenea en su casa?

El Diáblo rió y como hacía tantos años que ni siquiera sonreía, ése gésto, pára Él ya olvidádo le gustó.

—Sí. Téngo úna y es muy, muy gránde.

—A mí, siémpre me cuésta encendér-la, es como si las llamas le tuviésen miédo al fuego y cási siémpre se apága.

—El truco, díjo el Diáblo, ahóra con voz muy gráve, es no dejárla extinguír, jamás...

Se dió cuénta que su verdadéra personalidad estába volviéndo y se decidió.

—Débo írme ahóra, — díjo.

De su boca no logró que saliése la palabra que nunca había necesitádo, empleádo o deseádo usár, «grácias».

—Tóme. Llévase lo que he escritó, es sóbre usted y de lo que hémos habládo y ótro dulce pára el camíno.

—Híjo, yo en cámbio, no he traído náda pára dárte.

—No se preocúpe, tal vez la próxima vez que nos volvámos a ver.

El Diáblo abandonó la casa y se alejó.

Ahóra sí, no pudo evitarlo, se giró. A través de la ventána vió al niño que apoyádo sóbre el cristál le decía adiós. Levantó su máno y, con un gésto que intentába ser cariñoso le correspondió.

* * *

Se prometió, al ver lo que Él, el Diábulo iba a hacer, que eso sería lo último contrario a sus principios y naturaleza que haría, que jamás volvería a repetír.

Ascendió siguiéndolo el sendero de la montaña. Al final del camino se acercó a los padres. Allí, a pesar de todo su poder, en eso de la vida, Él, nada podía hacer. Pero hizo un acuerdo desventajoso y humillante que prefirió olvidár, con alguien más poderoso que sí podía.

Luégo, subió a lo más alto de la cúmbre, desde donde se divisaba la casita y su fuego a través de la ventana. Cogió con cuidado el papel y leyó.

—«Hoy nos ha visitado el señor Diábulo en el día de Navidad. A pesar de su nombre, es muy bueno y no es de la región.

Me ha prometido que, si un día, el destino hace que una vez más le vuelva a ver. A un sitio mejor que su casa me llevará».

Se quedó un rato más, hasta que vio a los padres acercarse a la casita. Se puso el dulce en la boca, y se marchó. No sin antes mirár desde la cima toda la belleza que le rodeaba, algo que jamás se permitía hacer. Pensó, que nunca olvidaría al niño, al embrujo de la Montaña Encantada, esa casita y sobre todo, del fuego de esa chimenea que nunca más necesitó leña.

Ilustración: PS/Copilot.



A LINHA DE MONTAGEM ÓRFICA

Uma história de José Ángel Conde
Segundo o quadro “El Génesis”, de Carlos Mensa

Ninguém tinha pedido autorização à carne para ser violada. A alma teria de esperar novamente a sua vez, agachada atrás da parede amniótica que agora constituía o seu único céu e horizonte, depois de ter percorrido as estradas da metempsicose. A carne estava em constante peleja consigo mesma e com o exterior para conseguir uma forma que variava com a idiosincrasia própria de cada unidade espaço-temporal em que se desenvolvia. O abrir de olhos deveria acontecer mais uma vez e tudo se desenrolaria segundo a lógica dos ciclos de transmigração. Mas desta vez não seria um alumbramento voluntário. Desta vez não seria um nascimento, mas um assalto às regiões ocultas da alma para arrebatá-lo aquilo que não deveria eclodir prematuramente. As paredes internas da concha produziam movimentos sísmicos, golpeadas por uma vontade externa que se opunha à do éter infinito, uma entidade que só compreendia o físico e o corruptível, que não professava senão um ódio profundo por tudo o que suas extremidades não pudessem agarrar e privar de essência e de livre arbítrio. Esse ser ou seres não tinham rosto nem forma, e talvez por isto a sua principal motivação vital fosse a ânsia de apoderar-se de quem os tinha, de tudo o que existia, para aprisioná-lo no seu próprio plano aberrante, seu reino dimensional. Essa entidade era uma nuvem sombria que só desejava, essa forma informe...

O recém-nascido é produzido e logo começará produzir por si mesmo. Como ele, milhões se movem ao longo da correia transportadora, todos tão necessários, embora jamais possam ter consciência de sua verdadeira finalidade. Com o passar do tempo, nossa manufatura evoluiu tanto que lhes foram arrebatados os deuses e crenças, e se lhes restou apenas sua mais imediata e imprescindível fisicalidade. Nunca mais voltariam a ser únicos, mas isso não mais era necessário, porque no seu conjunto cumpriam exitosamente a função para qual haviam sido concebidos. São artefactos de extraordinária precisão, o auge da ciência de nossa raça, e nos servem muito bem. Um prodígio da evolução. A produção em massa não nos permite parar e apreciar seu acabamento como ele merece. Devemos verificar cada um deles, mas raramente refletimos sobre o que esse produto particularmente implica. Observo pelo monitor a composição de um, em particular, e analiso todos os seus dados quanto à forma, temperatura, peso... Mais uma vez, um trabalho perfeito e só tenho que esperar que ele se abra e saia. O invólucro se desdobra como uma vagina fria que é excitada mecanicamente, lubrificando um óleo que amolece a crosta metálica, rachada em fendas crescentes que se assemelham ao circuito da placa-mãe de qualquer um de nossos líderes informáticos. É a sua imagem e semelhança miniaturizada, mais controlável que nos tempos em que cometíamos aqueles erros genéticos. Sem rosto, sem extremidades, o esqueleto voltado para fora, formado por pequenas turbinas e pistões capazes dos mais rápidos e contínuos movimentos, produzindo enormes quantidades de energia. Somente se moverão quando lhes for mandado, somente pensarão o que lhes foi programado. Levanto o ovo em direção à parede escura da nave industrial, similar a um infinito horizonte noturno, e observo como minha luva isolante o mantém igual à superfície de um planeta onde o produto estivera deitado, enquanto a graxa negra de seu sangue reluzente se funde com a casca de celulose que se vai derretendo. Logo estará pronto para funcionar.

Tradução de Paulo Soriano

LA CADENA DE MONTAJE ÓRFICA

Un relato de Jose Ángel Conde
Según el cuadro “El Génesis”, de Carlos Mensa

Nadie le había pedido permiso a la carne para ser violada. El alma tendría que esperar una vez más su turno, agazapada detrás de la pared amniótica que formaba ahora su único cielo y horizonte, después de haber viajado a través de las carreteras de la metempsicosis. La carne estaba en constante pelea consigo misma y con el exterior para conseguir una forma que variaba con la idiosincrasia propia de cada unidad espacio-temporal en la que se desarrollaba. El abrir de ojos debía producirse una vez más y todo debía desenvolverse según la lógica de los ciclos de trans migración. Pero esta vez no sería un alumbramiento voluntario. Esta vez no se iba a producir un nacimiento sino un asalto a las regiones ocultas del alma para arrebatá-lo aquello que no debía eclosionar antes de tiempo. Las paredes internas de la cáscara producían movimientos sísmicos, golpeadas por una voluntad externa que se oponía a la del éter infinito, una entidad que sólo entendía de lo físico y lo corrompible, que no profesaba más que un odio profundo a lo que sus extremidades no pudieran apresar y privar de esencia y libre albedrío. Ese ser o seres no tenía rostro ni forma, y quizá por ello su principal motivación vital era el ansia de apoderarse de lo que sí la tenía, de todo lo existente, para aprisionarlo en su propio plano aberrante, su reino dimensional. Esa entidad era una nube oscura que sólo deseaba, esa forma informe...

El recién nacido es producido y pronto empezará a producir por sí mismo. Como él, millones se desplazan a través de la cinta transportadora, todos tan necesarios, aunque nunca serán conscientes de su verdadera finalidad. Con el paso del tiempo nuestra manufactura evolucionó tanto que les fueron arrebatados sus dioses y creencias, y se les dejó únicamente su más inmediata e imprescindible fisicidad. Nunca más volverían a ser únicos, pero eso no era ya necesario, porque como conjunto cumplían con creces la función para la que habían sido concebidos. Son artefactos de una precisión extraordinaria, cenit de la ciencia de nuestra raza, y nos sirven bien. Un prodigio de evolución. El trabajo en serie no nos permite detenernos a apreciar su acabado como se merece. Debemos chequear cada uno de ellos, pero pocas veces reflexionamos sobre lo que este producto en concreto supone. Observo a través del monitor la composición de uno en concreto y analizo todos sus datos de forma, temperatura, peso... Una vez más un perfecto trabajo y sólo tengo que esperar a que se abra y salga al exterior. La cáscara se desenvuelve como una vagina fría que se excita de forma mecánica, lubricando un aceite que va ablandando la corteza de metal, quebrada en grietas crecientes que se asemejan a los circuitos de la placa-base de cualquiera de nuestros líderes informáticos. Es su imagen y semejanza miniaturizada, más controlable que en los tiempos en que cometimos aquellos errores genéticos. Sin rostro, sin extremidades, el esqueleto hacia fuera formado por pequeñas turbinas y pistones capaces de los más rápidos y continuados movimientos, de producir enormes cantidades de energía. Sólo se moverán cuando se les diga, sólo pensarán lo que se les programe. Levanto el huevo hacia la pared oscura de la nave industrial, similar a un infinito horizonte nocturno, y observo cómo mi guante aislante lo sostiene igual a la superficie de un planeta sobre el que el producto estuviera tumbado, mientras la grasa negra de su sangre reluciente se fusiona con la cáscara de celulosa que se va deritiendo. Pronto estará listo para funcionar.

O DIA DO DIABO

Gaizka Azkarate Saez

Chegou em casa depois de um intenso dia de trabalho. A sua bela mulher o recebeu com um caloroso beijo e, enquanto tomava uma ducha relaxante, ela lhe preparou o jantar. Conversaram durante algum tempo e, quando chegou a hora de ir para a cama, a mulher fez-lhe uma sugestiva massagem que terminou, como todas as noites, com ele dormindo profundamente.

Quando abriu os olhos, encontrou o esqueleto da sua mulher calcinado ao lado do carro na curva do quilómetro 666. As luzes brilhavam na noite escura, os policiais e os paramédicos esquadrihavam nervosamente o lugar em busca de sobreviventes e, sem saber onde estava, perguntava-se o que havia acontecido e o que faziam tantas pessoas ao seu redor.

Passou o dia seguinte em observação no hospital, assimilando a notícia de que não voltaria a ver a mulher, e perguntando-se o que teria acontecido, pois se lembrava apenas do instante em que chegara a casa depois de uma dura jornada de trabalho no escritório.

As notícias davam conta de um brutal assassinato quilómetro 666: “Ontem, 24 de agosto, uma mulher foi queimada viva dentro do seu veículo e há um único sobrevivente da tragédia, que, segundo a polícia, é o provável assassino”.

A investigação policial revelou que Louis Cifer era um jornalista registado, que trabalhava na seção de mistérios e acontecimentos de um jornal local. Tivera várias relações amorosas, em todas as quais as mulheres haviam morrido em circunstâncias similares à atual, e no mesmo dia, mas em nenhuma delas havia qualquer indício de que fosse ele o culpado.

O seu caráter, segundo os seus companheiros, era afável, sempre bem-humorado e sempre pronto para a vida social. Era um trabalhador esforçado e muito profissional no seu trabalho. E estava muito apaixonado por sua mulher, de quem falava maravilhas. Todos sabiam da sua vida, da qual ele sempre falava com um toque de tristeza, uma vida marcada pela tragédia. Ficaram todos muito surpresos pelo fato de lhe suspeitarem a autoria do homicídio!

Tudo parecia indicar que o caso seria arquivado por falta de provas contra Louis, mas um artigo assinado por um certo Bartolo deu uma radical reviravolta. O artigo dizia o seguinte: “Às 23 horas do dia 23 de agosto, soltaram-se as correntes do diabo que o prendiam ao inferno. A partir de então, e até ao dia seguinte, ele sai às ruas para provocar acidentes e vilanias que podem derivar em consequências fatais. Esta data é a escolhida por Lúcifer, pois é o dia em que ele morreu, após perder uma corrida contra San Bartolo”.

No seu depoimento ao juiz, Lou Cifer alegou que era o Diabo que cometia os assassinatos de 24 de agosto, e que matava as suas parceiras por vingança. Ele era Bartolo, o honrado cidadão que padecia a desgraça, mas que podia refazer a sua vida. Foi condenado a um hospital psiquiátrico, encerrado em correntes, mas, depois daqueles acontecimentos, popularizou-se uma frase que perdura até os dias de hoje: “em 24 de agosto o Diabo anda à solta”.

Tradução de Paulo Soriano.

EL DÍA DEL DIABLO

Gaizka Azkarate Saez

Llegó a casa después de un intenso día de trabajo. Su bella mujer le recibió con un caluroso beso, y mientras se daba una ducha relajante, ella le preparó la cena. Hablaron un rato, y a la hora de acostarse, su mujer le dio un sugestivo masaje que acabó, como todas las noches, con él profundamente dormido.

Al abrir los ojos descubrió el esqueleto de su mujer calcinado junto al coche en la curva del kilómetro 666. Las luces brillaban en la oscura noche, agentes de policía y sanitarios nerviosos recorrían el lugar en busca de supervivientes, y él sin saber dónde estaba, se preguntaba qué había ocurrido y qué hacía tanta gente a su alrededor.

Pasó el día siguiente en observación en el hospital, asimilando la noticia de que nunca más volvería a ver a su mujer, y preguntándose qué había ocurrido, porque lo único que recordaba era el momento de llegar a casa tras una dura jornada de trabajo en la oficina.

Las noticias hablaban de un brutal asesinato en el kilómetro 666: “Ayer, 24 de agosto, una mujer fue quemada viva dentro de su vehículo, y hay un único superviviente de la tragedia, que según la policía, es el presunto asesino”.

La investigación policial descubrió que Louis Cifer era un fichado periodista, que trabajaba en la sección de misterios y sucesos de un periódico local. Había tenido varias relaciones, de las cuales, en todas, las mujeres habían muerto en situaciones parecidas a la presente, y el mismo día, pero en ninguna se habían encontrado indicios de que él fuera culpable.

Su carácter, según sus compañeros, era afable, siempre de buen humor y siempre dispuesto a la vida social. Era muy trabajador, y muy profesional en su trabajo. Y estaba muy enamorado de su mujer, de la que hablaba maravillas. Todos estaban al corriente de su vida, de la que él siempre hablaba con un poso de tristeza, una vida marcada por la tragedia. Estaban todos muy sorprendidos de que fuera sospechoso de asesinato!

Todo hacía indicar que el caso se archivaría ante la falta de pruebas contra Louis, pero un artículo firmado como Bartolo, dio un giro radical. El artículo decía lo siguiente: “A las 23:00 horas del 23 de agosto se le salen las cadenas al diablo que lo tienen atado al infierno. Desde ese momento, hasta el día siguiente, sale a las calles para provocar accidentes y maldades que pueden derivar en consecuencias fatales. Esta fecha es la escogida por Lucifer, ya que es el día que murió luego de perder una carrera frente a San Bartolo”.

En su declaración ante el juez, Lou Cifer alegó que era el Diablo quién cometía los asesinatos cada 24 de agosto, y mataba a sus parejas como venganza. Él era Bartolo, el ciudadano honrado que sufría la desgracia, pero que podía rehacer su vida. Fue condenado a un psiquiátrico, encerrado con cadenas, pero después de aquellos hechos, se hizo popular una frase que perdura en nuestros días: “el 24 de agosto el Diablo anda suelto”.

ALUGA-SE

Campo Ricardo Burgos López

1

Augustín Mota passeava por uma rua do bairro San Cristóbal em Bogotá quando viu o anúncio de “ALUGA-SE” e um número telefônico. De imediato entrou em contato, perguntou o preço do aluguel e, vendo que este era muito barato, não hesitou em se inscrever. Poucos dias depois, Augustín chegou ao local e se instalou no dormitório principal do segundo piso da vivenda. A verdade é que a casa de dois andares, com teto de telha tradicional, era grande demais para uma pessoa solteira como ele, mas Augustín gostou do lugar e, além disso, o preço do aluguel era uma pechincha. Na noite de sua chegada, por volta de onze horas da noite, Augustín ligou à irmã para avisar que ia se deitar porque fazia muito frio. Na manhã seguinte, a mesma irmã se cansou de bater à porta da casa para que a abrissem e, finalmente cansada, procurou a ajuda da polícia. Quando as autoridades e a irmã forçaram a porta e ingressaram na vivenda, encontraram Augustín decapitado na cama onde havia adormecido.

2

As investigações policiais que se seguiram ao crime não conseguiu encontrar o culpado; após vários meses de investigação, a Procuradoria-Geral da Nação aceitou que não podia explicar o assassinato, que nenhum responsável havia sido capturado e o caso foi arquivado. Um ano após o trágico evento, o dono da casa, que se chamava César Lorduy, voltou a instalar um aviso de “ALUGA-SE” em uma das janelas da casa.

3

Poucos dias depois de fixado o aviso, a casa foi novamente alugada a um casal de recém-casados: Pedro Barreto e Dominica Solano. César Loudy esteve a ponto de contar-lhes o que ocorrera ao inquilino anterior, mas pensou que, em o fazendo, os seus clientes ficariam assustados e talvez não fechasse o negócio. Assim, guardou silêncio. O casal Pedro e Dominica mudou-se à sua nova residência numa quarta-feira e naquela noite prepararam a sua cama de casal no quarto principal do andar superior. Na manhã seguinte, ambos foram encontrados decapitados em meio a uma descomunal poça de sangue.

4

Novamente, o Ministério Público e a polícia assumiram as investigações e, após vários meses de inquérito, mais uma vez não foi encontrado nenhum responsável pelo crime. César Lorduy, sinceramente arrependido, admitiu que não havia avisado o casal do assassinio que fora cometido na casa. As autoridades fizeram-lhe uma repreensão verbal, mas foi tudo. Em ambas as ocasiões, os investigadores chegaram a suspeitar do proprietário da casa, mas em ambas oportunidades não foi possível apresentar provas contra ele. Quanto a César, não podia compreender nada do que ocorrera nas duas tragédias. Ele era apenas o herdeiro da casa onde a sua família morara e que, com o passar do tempo, ia ficando solitária, à medida que os seus moradores se iam paulatinamente retirando.

5

Em face dos três selvagens assassinatos ocorridos na casa, César ficou desorientado e não sabia o que fazer. Assim, acabou por vender a casa por uma bagatela e um novo proprietário, Max Sánchez, chegou ao local. Max Sánchez foi informado por César das decapitações ocorridas na casa, mas, ainda assim, a comprou. Tão logo a teve em seu poder, Max demoliu-a e no lugar construiu um edifício de três andares, e em cada andar instalou um apartamento independente que em pouco tempo alugou a quatro inquilinos: José Hierro, que escolheu o primeiro andar, o casal Carlos Gamero e Melissa Rueda, que escolheu o segundo e Elba Moritán, que escolheu o terceiro. Os novos moradores do edifício mudaram-se ao longo de duas semanas e, num sábado à noite, foram dormir desprevenidos. Na manhã seguinte, os quatro foram encontrados decapitados, cada um em seu respectivo apartamento.

6

Desta feita a imprensa, ao tomar conhecimento dos homicídios, armou um enorme alarido, porque um jornalista descobriu que o edifício se situava no mesmo lugar onde estivera a antiga casa onde, no passado, haviam ocorrido três decapitações. As autoridades assumiram a investigação do crime múltiplo e, apesar de promotores e detetives terem-se empenhado arduamente no caso, não foi possível esclarecê-lo ou encontrar o culpado ou culpados do massacre. No edifício não pistas e ninguém conseguia explicar como ou quando o assassino ou assassinos tinham entrado no edifício. Nenhum vizinho tinha visto ou ouvido nada, não havia testemunhas. Max Sánchez estava assustadíssimo e, mais uma vez, a polícia procurou César Loudy, que ouviu aterrorizado a história e bendisse o momento

em que se tinha afastado do prédio. Após mais um ano de investigações técnicas, o caso foi declarado encerrado sem que houvesse qualquer explicação aos incidentes.

7

Chocado com o que havia acontecido e dominado por um temor sobrenatural, Max Sanchez igualmente vendeu o edifício por qualquer preço. Comprou-o um aventureiro argentino chamado Hector Gambini, que se sentiu atraído pela sinistra história da casa e do edifício construídos na propriedade. Assim que Hector recebeu as chaves do prédio, para lá correu com dois amigos e com eles instalou-se no terceiro andar do edifício. Antes de se deitar, Hector contou aos amigos os seus planos para o edifício: intentava promover o imóvel como “O Edifício Maldito”, divulgando os horrendos crimes ali ocorridos e alugando cada um dos três apartamentos por apenas uma noite àqueles que se atrevessem a lá dormir. Os três homens beberam várias garrafas de uísque, agourando o sucesso comercial da iniciativa, e, no dia seguinte, foram encontrados decapitados no meio de três poças bestiais de sangue.

8

Após o novo massacre, iniciou-se uma quarta investigação policial que, mais uma vez, não levou a nada: novamente, as autoridades ficaram perplexas com o assassino ou assassinos que não tinham deixado qualquer rastro ou pista. Mais uma vez, nada foi esclarecido. Os vizinhos do edifício, tomados por um pânico antinatural, abandonaram progressivamente as casas vizinhas, até que um dia todo o quarteirão ficou desabitado. Ninguém queria viver ao lado de um edifício que tinha adquirido a fama de maldita. Hoje, o prédio está abandonado, os herdeiros de Gambini não quiseram aceitá-lo por herança e a Câmara Municipal de Bogotá apropriou-se do edifício, porque, quando este foi leiloadado, ninguém quis comprá-lo. Diz-se que as autoridades planejam demoli-lo no futuro, mas nada é claro. É surpreendente que, apesar de não haver vigilância sobre o edifício, nem mesmo os sem-teto se atrevam a passar lá a noite.

Tradução de Paulo Soriano.



Ilustração: PS/Copilot.

SE ARRIENDA

Campo Ricardo Burgos López

1

Agustín Mota paseaba por una calle del Barrio San Cristóbal Sur en Bogotá cuando vio el aviso de “SE ARRIENDA” y un número telefónico. De inmediato se comunicó, preguntó cuánto valía el alquiler y al ver que era muy barato, no dudo en apuntarse. Pocos días después, Agustín arribó al lugar y se acomodó en el dormitorio principal del segundo piso de la vivienda. La verdad era que la casa de dos plantas con techo de teja tradicional era muy grande para una sola persona como él, pero igual Agustín se sentía a gusto en el lugar y, además, el precio del arriendo era una ganga. La noche de su llegada, hacia las 11 p.m. Agustín llamó a su hermana para contarle que ya se iba a acostar pues hacía mucho frío. A la mañana siguiente, esa misma hermana se cansó de golpear en la puerta de la casa para que le abrieran y al final, cansada, buscó ayuda de la Policía. Cuando las autoridades y la hermana forzaron la puerta e ingresaron a la vivienda, encontraron a Agustín decapitado sobre la cama en que se había dormido.

2

Las investigaciones policiales que siguieron al crimen no consiguieron encontrar un culpable; tras varios meses de indagaciones, la Fiscalía General de la Nación aceptó que no podía explicar el asesinato, que no se había capturado a ningún responsable y el caso se cerró. Un año después del trágico evento, el dueño de la casa que se llamaba César Lorduy volvió a pegar un aviso de “SE ARRIENDA” en una de las ventanas de la vivienda.

3

A los pocos días de pegado el aviso, la casa otra vez se alquiló a una pareja de recién casados: Pedro Barreto y Dominica Solano. César Lorduy estuvo a punto de decirles lo que había ocurrido al inquilino anterior, pero pensó que con ello sus clientes se asustarían y tal vez tendría que deshacer el trato. Así pues, guardó silencio. La pareja de Pedro y Dominica se trasteó a su nueva residencia un miércoles y esa noche armaron su cama doble y se acostaron a dormir en la habitación principal del segundo piso. A la mañana siguiente ambos fueron encontrados decapitados en medio de un descomunal charco de sangre.

4

Otra vez la Fiscalía y la Policía asumieron las investigaciones y tras varios meses de pesquisas, otra vez no se encontró a ningún responsable del crimen. César Lorduy, sinceramente arrepentido, reconoció que no había advertido a la pareja del asesinato que ya antes se había cometido en el domicilio. Las autoridades le dieron una reprimenda verbal, pero eso fue todo. En las dos ocasiones, los investigadores en algún momento sospecharon del dueño de la casa, pero en ambas oportunidades no se pudo aportar ninguna prueba contra él. En cuanto a César, no podía comprender nada de lo que había sucedido en las dos tragedias. Él sólo era el heredero de esa casa donde alguna vez había vivido su familia y que, con el paso del tiempo, se había ido quedando sola cuando sus habitantes poco a poco se fueron marchando.

5

Ante los tres salvajes asesinatos que habían acaecido en el domicilio, César estaba desconcertado y no sabía qué hacer. Así pues, terminó vendiendo la casa por una bagatela y un nuevo propietario llamado Max Sánchez arribó al lugar. Max Sánchez fue informado por César de las decapitaciones que habían acontecido en la vivienda, pero igual la adquirió. Tan pronto la tuvo en su poder, Max demolió la casa y construyó allí un edificio de tres plantas y en cada planta habilitó un apartamento independiente que en poco tiempo alquiló a cuatro inquilinos: José Hierro que escogió el primer piso, el matrimonio de Carlos Gamero y Melissa Rueda que eligió la segunda planta, y Elba Moritán, una mujer que escogió el tercer piso. Los nuevos habitantes del edificio se trasladaron al mismo en el curso de un par de semanas y la noche de un sábado cualquiera, cada uno se fue a dormir de modo desprevenido. A la mañana siguiente los cuatro fueron encontrados decapitados, cada uno en sus respectivos departamentos.

6

Esta vez la prensa, al conocerse los homicidios, armó tremenda alharaca pues algún periodista descubrió que el edificio estaba en el mismo lugar en donde había estado la casa antigua donde en el pasado ya habían ocurrido tres decapitaciones. Las autoridades asumieron las investigaciones del múltiple crimen y aunque fiscales y detectives se empeñaron a fondo en el asunto, no fue posible esclarecerlo ni conocer el culpable o culpables de la matanza. En el edificio no había ninguna pista y nadie se explicaba cómo o cuándo el asesino o asesinos habían ingresado al recinto. Ningún vecino había visto u oído algo, no había ningún testigo, Max Sánchez estaba

asustadísimo y otra vez la policía llegó hasta César Lorduy quien escuchó aterrorizado la historia y bendijo el momento en que se había desprendido del inmueble. Tras otro año de pesquisas de expertos, el caso fue declarado cerrado sin que hubiera explicación alguna.

7

Acojonado por lo acontecido y presa de un temor sobrenatural, Max Sánchez también vendió el edificio por cualquier cosa. Lo compró un aventurero argentino llamado Héctor Gambini a quien le atrajo la espeluznante historia de la casa y del edificio construidos en el predio. Tan pronto Héctor recibió las llaves del domicilio, corrió hasta allí con un par de amigos y se acomodó con ellos en el tercer piso de la edificación. Antes de irse a las camas, Héctor les relató a sus amigos el proyecto que tenía con la construcción: Pensaba promocionar el inmueble como “El Edificio Maldito” divulgando los horrendos crímenes allí acaecidos y alquilar por una sola noche cada uno de los tres apartamentos a quienes tuvieran el valor de atreverse a dormir allí. Los tres sujetos se tomaron varias botellas de whisky augurando el éxito comercial de la iniciativa y al día siguiente fueron encontrados decapitados en medio de tres charcos bestiales de sangre.

8

Tras la nueva masacre, se inició una cuarta investigación policial que de nuevo no condujo a nada: Otra vez las autoridades quedaron desconcertadas ante el asesino o asesinos que no habían dejado rastro o pista alguna. Otra vez nada se esclareció. Los vecinos del edificio, presos de un pánico ultranatural, poco a poco fueron abandonando las viviendas aledañas hasta que cierto día, la cuadra entera quedó deshabitada. Nadie quería convivir al lado de una edificación que adquirió fama de maldita. Hoy en día, la construcción se observa abandonada, los herederos de Gambini no quisieron aceptar la herencia, la Alcaldía de Bogotá se ha hecho cargo de la edificación pues cuando la remató, nadie quiso comprarla. Se dice que hacia el futuro las autoridades planean la demolición de la vivienda, pero nada está claro. Llama la atención que, aunque el inmueble carece de vigilancia, ni siquiera los indigentes se atreven a pasar una noche allí.



Ilustración: PS/Copilot.

MONSTRO E MONSTRO

Marco Eugenio Sánchez Arrate

Digo a papai que há um monstro escondido no meu guarda-roupas.

Ele espreita lá para dentro e me diz que há, realmente, um monstro terrível e medonho, implacável, a quem devo obedecer em tudo, porque, se quero que o monstro me deixe em paz e não me faça em pedaços à noite...

Tenho de me comportar de agora em diante.

Não devo resmungar nem dizer palavrões.

Tenho de ajudar em casa em tudo o que me mandarem fazer.

Tenho de ouvir sempre a mamãe.

Tenho de fazer os meus deveres de casa e cumprir as minhas tarefas.

Tenho de comer toda a comida que me dão.

Não devo embalar nos corredores.

Tenho de deixar o papai dormir a sesta.

Tenho de ir para a cama quando me mandarem.

Tenho de tirar boas notas.

Tenho de lavar as minhas mãos.

Não devo deixar a luz acesa à noite.

Não posso deixar o meu quarto desarrumado.

Devo apanhar sempre os brinquedos do chão.

Não devo dizer palavrões.

Não devo ficar roxo por causa dos doces.

Devo chorar menos.

Devo rezar mais.

Tenho de escovar os dentes.

Tenho de permanecer sempre calado.

Devo comportar-me bem de manhã à noite.

E não se corre.

Não se grita.

Não se responde.

Não se protesta.

Não se fala com a boca cheia.

Não se responde a pessoas mais velhas.

Não se falam palavrões.

Não jogar *video games* sem autorização.

Não sair para o jardim se estiver chovendo.

Não se canta quando não se deve.

Não saltar em cima do sofá.

Não gritar à mesa.

Não se quer mais a avó dos que os papais.

Não dizer a ninguém o que papai faz comigo à noite.

Quando o meu pai sai do quarto e apaga a luz, estou aterrorizado e encolhido debaixo dos cobertores, muito compungido.

Então, o monstro sai do armário, aproxima-se de mim e diz-me que não quer que eu faça nada daquilo que o meu pai disse, porque sou livre.

E é neste instante em que, secretamente, planeamos matá-lo.

MONSTRUO Y MONSTRUO

Marco Eugenio Sánchez Arrate

Le digo a Papá que hay un monstruo escondido en mi armario.

Se asoma dentro y me dice que, efectivamente, lo hay, un monstruo terrible y espantoso, implacable, al que debo obedecer en todo porque, si quiero que el monstruo me deje en paz y no me despedace por la noche...

Debo portarme bien a partir de ahora.

No debo rechistar ni decir palabrotas.

Debo ayudar en casa en todo lo que me digan.

Debo hacer caso siempre a Mamá.

Debo hacer los deberes y los recados.

Debo comerme toda la comida que me ponen.

No debo ir corriendo por los pasillos.

Debo dejar a Papá dormir la siesta.

Debo irme a la cama cuando me lo digan.

Debo sacar buenas notas.

Debo lavarme las manos.

No debo dejar la luz encendida por las noches.

No debo dejar el cuarto desordenado.

Debo recoger siempre los juguetes del suelo.

No debo decir palabrotas.

No debo ponerme morado de chuches.

Debo llorar menos.

Debo rezar mas.

Debo cepillarme los dientes.

Debo callarme siempre.

Debo ser bueno desde por la mañana hasta por la noche.

Y no se corre

No se grita.

No se contesta.

No se protesta.

No se habla con la boca llena.

No se replica a las personas mayores.

No se dicen palabrotas.

No se juega a la consola sin permiso.

No se sale al jardín si llueve.

No se canta cuando no se debe.

No se salta encima del sofá.

No se chilla en la mesa.

No se quiere más a la abuela que a los papás.

No se le dice a nadie lo que Papá me hace por las noches.

Cuando mi padre se marcha del cuarto y apaga la luz, estoy aterrorizado y encogido bajo las mantas, muy compungido.

Entonces sale el monstruo del armario, se me acerca y me dice que el no quiere que haga ninguna de esas cosas que ha dicho mi padre, porque yo soy libre.

Y es en ese instante cuando, entre los dos, planeamos matarle.

A VÊNUS DE MILO

Paulo Soriano

*Se habla de sucesos raros, de la lógica invisible de los hechos
absurdos...*

Alfonso Hernández-Catá

Eram os estertores do regime monárquico em Portugal.

Afonso Fernandes, único filho de Dom Idelfonso, o derradeiro Visconde de Almodôvar, retornara ao solar paterno, no Porto, após formar-se, com louvor e distinção, na escola de Medicina da Bahia. Mas não se demorou. Embarcou prontamente para a França e se matriculou na Academia de Belas Artes de Paris.

A escultura — cria ele — era a sua real vocação. E amava, com todas as fibras de seu impetuoso coração, a Vênus de Milo. Quando criança, numa visita ao Louvre, vira, com um estremecimento profundo, quase desumano, a Vênus maravilhosa — a mais bela estátua feminina que as mãos humanas haviam extraído, como mágica, da frialdade da matéria bruta. Desde então, jamais a olvidou.

De volta a Portugal, Dom Afonso abriu — como se fosse um mero plebeu bem-sucedido — um respeitável consultório em Beja. E, para não esmorecer em sua arte, compôs um pequeno ateliê na mansarda de sua clínica.

Embora o médico fosse indiscutivelmente talentoso, mais o era o escultor. Herdara não apenas as nuances e as feições, senão, sobremodo, a imensa habilidade artística da mãe Emelinda. A viscondessa se suicidara, completamente ensandecida, no hospício de Rilhafoles, aos 23 anos de idade. Mas isto era apenas um segredo de família. Nada mais que isto.

Sim, é verdade: ao jovem Dom Afonso não era nada fácil acomodar a vida do escultor à do médico. Mesmo assim, não são poucas as belas esculturas fúnebres, de sua lavra, que povoam o cemitério de Santa Clara de Beja. Ainda hoje, são elas objeto de terror, e de profunda e circunspecta admiração.

Certa feita, à tarde, Dom Afonso recebeu em seu consultório uma linda camponesa. Chamava-se Leopoldina e era a última filha de uma pobre viúva das cercanias de Mombeja.

— Não é nada demais — disse-lhe o médico. — Cá tenho o medicamento de que precisas. E não hás que me pagar a consulta. É preciso, todavia, que retornes na quinta-feira. Verei se estarás de todo curada.

Quando, após uma suave e encantadora mesura, a jovem partiu, o médico fechou as portas opressoras do consultório e subiu ao reconfortante ateliê.

Estirou-se no sofá. Tremia da cabeça aos pés, o bom médico. Seria aquilo uma miragem? Seria a jovem um súcubo cruel? Fora a Vênus de Milo encarnada o que acabara de ver? Fora mesmo a Vênus de Milo? Fora mesmo?

Ainda trêmulo, saiu do consultório e comprou, às pressas, três metros de linho branco e um grande espelho emoldurado.

Ansiosamente, o médico esperou pelo advento da quinta-feira.

Às quatro da tarde, Leopoldina, muito cansada da longa viagem a pé, chegou, finalmente, ao consultório.

Após o exame, que à jovem camponesa pareceu deveras rigoroso e aprofundado, disse-lhe o médico, franzindo gravemente o senho:

— Vejo que os furúnculos não secaram em teus pés. Será preciso fazer-te uma pequena cirurgia.

— Vai doer? — perguntou a jovem, assustada.

— Se não tomares anestesia, decerto que sim — redarguiu o doutor.

— Quero, então, o éter — concluiu a jovem, resignada.

Aplicado o bálsamo, pôs-se o artista — que prontamente substituíra o médico — a realizar a sua obra-prima.

Passou-se um tempo.

A moça ainda dormia quando o artista fê-la sentar-se numa poltrona sedosa. Tinha ela os seios desnudos. O baixo vente, o púbis e as pernas estavam esmeradamente cobertos por um pesado — e belíssimo — manto de linho cuidadosamente plissado.

Quando Leopoldina abriu os olhos, diante de um espelho imenso, soltou um grito de horror.

Então, disse-lhe o doutor, com uma ternura atroz:

— Por que te assustas? Não te admiras com a tua perfeita e nova conformação? Ora, ter os braços amputados não foi um castigo; foi, para ti, em verdade, uma imensa dádiva. Tu és, agora, uma obra-prima. A minha obra-prima. A maior das obras-primas. És a Vênus de Milo em carne e osso!

O talentoso herdeiro de Dom Idelfonso, último visconde de Almodôvar, foi recolhido ao hospício de Rilhafoles. Quiçá, um dia, em plena República, recupere a razão.

LA VENUS DE MILO

Paulo Soriano

*Se habla de sucesos raros, de la lógica invisible de los hechos
absurdos...*

Alfonso Hernández-Catá

Eran los estertores del régimen monárquico en Portugal.

Alfonso Fernández, único hijo de Don Ildefonso, el último vizconde de Almodóvar, había regresado a la mansión de su padre, en Oporto, después de graduarse, con alabanzas y distinción, en la escuela de Medicina de Bahía. Pero no perdió mucho el tiempo. Enseguida embarcó para Francia y se matriculó en la Academia de Bellas Artes de París.

La escultura — él creía — era su auténtica vocación. Él amaba, con todas las fibras de su impetuoso corazón, a la Venus de Milo.

Cuando era un niño, en una visita al Louvre, sintió profundo estremecimiento, casi inhumano, con la Venus maravillosa, la más bella estatua femenina que una mano humana hubiera obtenido, como por arte de magia, de la frialdad de la materia bruta. Desde entonces, jamás la olvidó.

De vuelta a Portugal, Don Alfonso abrió — como si fuese un simple plebeyo con éxito — un respetable consultorio en Beja. Y, para que no desapareciese su arte, montó un pequeño estudio en el desván de su clínica.

Aunque era un médico indiscutiblemente talentoso, más lo era como escultor. No había heredado apenas los matices y las características, sino, sobre todo, la inmensa capacidad artística de la madre Emelinda. La vizcondesa se había suicidado, completamente loca, en un asilo de Rilhafoles, a los 23 años de edad. Pero esto era poco más que un secreto de familia. Nada más que eso.

Si, es verdad: el joven Don Alfonso no tenía nada fácil el acomodar su vida de escultor a la de médico.

No obstante, no son pocas las bellas esculturas fúnebres, hechas por él, que pueblan el cementerio de Santa Clara de Beja. Incluso hoy en día, son objetos de terror de profunda y circunspecta admiración.

En cierta ocasión, una tarde, Don Alfonso recibió en su consultorio a una bella campesina.

Se llamaba Leopoldina y era la última hija de una pobre viuda de las inmediaciones de Mombeja

— No es nada grave — le dijo el médico. — Aquí tengo el medicamento que necesitas. Y no me tienes que pagar la consulta. Y es necesario que vuelvas el jueves. Veré si estás curada del todo.

Cuando, tras una suave y encantadora reverencia, la joven se fue, el médico cerró las puertas del consultorio, y subió al reconfortante estudio. Se estiró en el sofá. Estaba temblando de la cabeza a los pies, el buen doctor. ¿Sería aquello un espejismo?. ¿Sería la joven un súcubo cruel? ¿Era la Venus de Milo encarnada lo que acababa de ver? ¿Era la Venus de Milo? ¿De verdad que estaba afuera?

Todavía temblando, salió del consultorio y compró, apurado, tres metros de lino blanco y un gran espejo enmarcado.

El médico esperó, ansioso, la llegada del jueves.

A las cuatro de la tarde, Leopoldina, muy cansada por el largo viaje a pie, llegó finalmente al consultorio.

Después del examen, que a la joven campesina le pareció realmente riguroso y profundo, el doctor le dijo, serio y frunciendo el ceño:

— Veo que no se han secado los forúnculos de tus pies. Será preciso hacerte una pequeña cirugía.

— ¿Va a doler? — preguntó la joven, asustada.

— Si no te pongo anestesia, estoy seguro de que si — respondió el doctor.

— Quiero, entonces, el eter— concluyó la joven resignada.

Aplicado el bálsamo, el artista— quien rápidamente reemplazó al médico — se dedicó a realizar a su obra maestra.

Pasó un tiempo.

La chica todavía estaba dormida cuando el artista la hizo sentarse en un sedoso sillón. Sus pechos estaban desnudos. El abdomen inferior, el púbis y las piernas estaban cubiertas por un pesado — y bellísimo — manto de lino cuidadosamente doblado.

Cuando Leopoldina abrió los ojos, frente a un inmenso espejo, soltó un grito de terror.

Entonces, el doctor le dijo, con una ternura atroz:

— ¿Por que te asustas? ¿No te maravillas ante tu perfecto y nuevo aspecto? Ahora, tener los brazos amputados no es un castigo, para tí, en verdad, es un regalo inmenso. Tu eres, ahora, una obra maestra. Mi obra maestra. La mayor de las obras maestras. ¡Es la Venús de Milo en carne y hueso!

El talentoso heredero de Don Ildefonso, último vizconde de Almodóvar, fue recluido en el hospicio de Rilhafoles. Quizás un día, en medio de la República, recupere la razón

Traducción de Ricardo Manzanaro.

COLABORADORES E COLABORADORAS

ÂNGELO BREA

(Santiago de Compostela/Galiza/Espanha – Santiago de Compostela/Galicia/España)

BELÉN FERNÁNDEZ CRESPO

(Aranjuez/Madri/Espanha – Aranjuez/Madrid/España)

CAMPO RICARDO BURGOS LÓPEZ

(Bogotá/Colômbia – Bogotá/Colombia)

CARLOS ENRIQUE SALDÍVAR

(Lima/Peru – Lima/Perú)

DOLO ESPINOSA

(As Palmas/Canárias/Espanha – Las Palmas de Gran Canaria/Canarias/España)

EMILIO VILARÓ

(Barcelona/Catalunha/Espanha – Barcelona/Cataluña/Espanha – Barcelona/Catalunya/Espanya)

GAIZKA AZKARATE SAEZ

(Erandio/País Basco/Espanha – Erandio/País Vasco/España – Erandio/Euskal Herria/Espainia)

JOSÉ ÁNGEL CONDE

(Madri/Espanha – Madrid/España)

MARCELO MEDONE

(Montevidéu/Uruguai – Montevideo/Uruguay)

MARCO EUGENIO SÁNCHEZ ARRATE

(Madri/Espanha – Madrid/España)

PAULO SORIANO

(Salvador/Bahia/Brasil – Salvador de Bahía/Bahía/Brasil)

RICARDO MANZANARO

(Bilbau/País Basco/Espanha – Bilbao/País Vasco/España – Bilbo/Euskal Herria/Espainia)

ROGÉRIO SILVÉRIO DE FARIAS

(Tubarão/Santa Catarina/Brasil – Tiburón/Santa Catarina/Brasil)



AUTORES E AUTORA CLÁSSICOS

Autores y Autoras Clásicos

EDGAR ALAN PÖE
(EUA/USA)

PEDRO ANTONIO DE ALARCÓN
(Andaluzia/Espanha – Andalucía/España)

AMADO NERVO
(México)

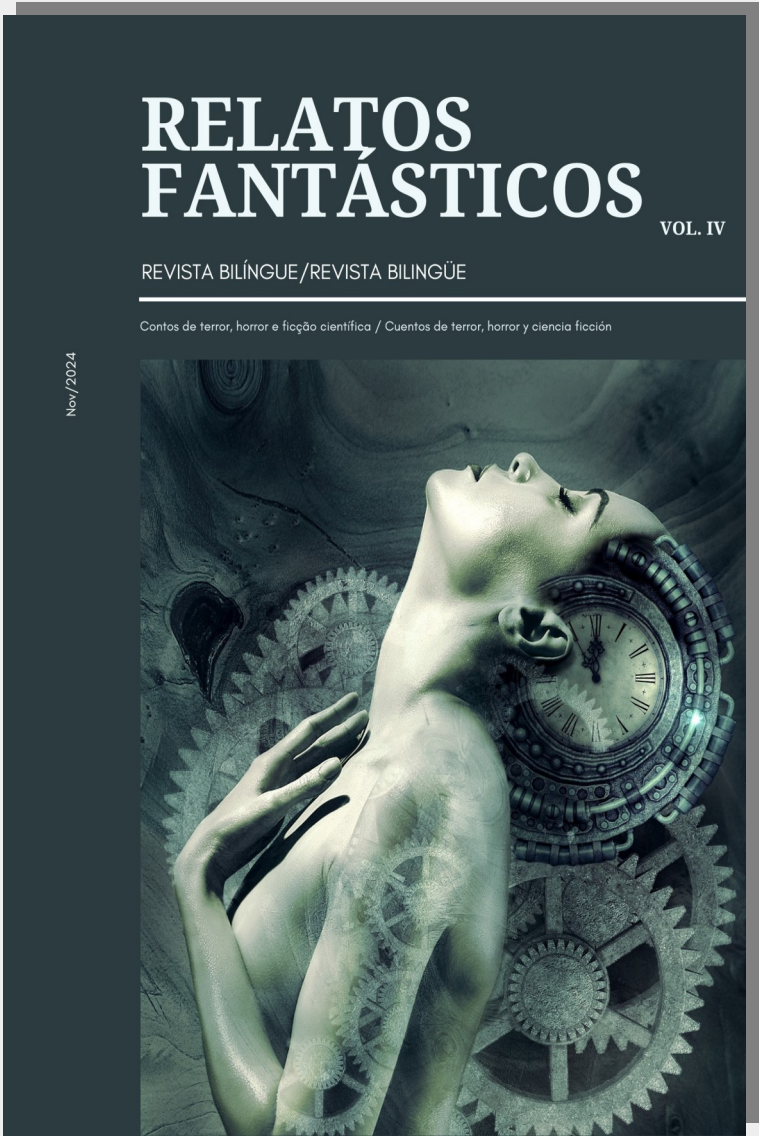
EMILIA PARDO BAZÁN
(Galiza/Espanha – Galicia/España)

SATURNINO CALLEJA
(Castela e Leão/Espanha – Castilla y León/España)

JOÃO MANUEL DE CASTELA/JUAN MANUEL DE CASTILLA
(Castela-Mancha/Espanha – Catilla-La Mancha/España)

BRAM STOKER
(Irlanda – Éire)

Nascida da parceria entre os sítios “[Contos de Terror](#)” (Paulo Soriano) e “[Noticias Ciencia-Ficción](#)” (Ricardo Manzanaro), a revista **RELATOS FANTÁSTICOS** reúne contos de autores clássicos e de colaboradores modernos de diversas nacionalidades nas línguas portuguesa e espanhola.



Nacida de la asociación entre los sitios web "[Contos de Terror](#)" (Paulo Soriano) y "[Noticias Ciencia-Ficción](#)" (Ricardo Manzanaro), la revista **RELATOS FANTÁSTICOS** reúne relatos de autores clásicos y colaboradores modernos de varias nacionalidades en las lenguas portuguesa y española.

*

Salvador/BA/Brasil, dezembro de 2024.

RELATOS FANTÁSTICOS é uma edição especial de [Free Books Editora Virtual](#).

Redação e diagramação: Paulo Soriano.

Organização: Ricardo Manzanaro e Paulo Soriano.

Tradução: Ricardo Manzanaro, Marcelo Medone, Paulo Soriano e Ângelo Brea.

Revisão: Paulo Soriano e Ricardo Manzanaro.

Imagem da Capa: Kellepics/Pixabay.

Imagens do Miolo: PS/Copilot e RSF/Copilot.

Imagem da Silhueta: Gratispng.

Colaboradores: Ângelo Brea, Belén Fernández Crespo, Campo Ricardo Burgos López, Carlos Enrique Saldívar, Dolo Espinosa, Emilio Vilaró, Gaika Azkarete Saez, José Ángel Conde, Marcelo Medone, Marco Eugenio Sánchez Arrate, Paulo Soriano, Ricardo Manzanaro e Rogério Silvério de Farias.

Autores e Autora Clássicos: Edgar Allan Pöe, Pedro Antonio de Alarcón, Amado Nervo, Emilia Pardo Bazán, Saturnino Calleja, João Manuel de Castela e Bram Stoker.